



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MESTRADO EM PSICOLOGIA

Orlando Gonçalves Barbosa

A experiência religiosa na superação do uso de droga

Manaus

2014

ORLANDO GONÇALVES BARBOSA

A experiência religiosa na superação do uso de droga

Dissertação orientada pelos Professores Dra. Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da Costa e Dr. Joaquim Hudson de Souza Ribeiro como cumprimento obrigatório para obtenção do grau de Mestre em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas.

Manaus

2014

Ficha Catalográfica

(Catalogação realizada pela Biblioteca Central da UFAM)

Barbosa, Orlando Gonçalves

B238e

A experiência religiosa na superação do uso de droga / Orlando Gonçalves Barbosa, 2014.

98f.

Dissertação (mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Amazonas.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Claudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da Costa

Coorientador: Dr. Joaquim Hudson de Souza Ribeiro

1. Drogas e Teoria Sistêmica 2. Experiência Religiosa e Superação
3. Drogas - Processos Psicossociais I. Costa, Claudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da (Orient.) II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

CDU(1997) 178.8:254(043.3)

FOLHA DE APROVAÇÃO

Orlando Gonçalves Barbosa.

A experiência religiosa na superação do uso de droga

Dissertação apresentada à Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de concentração: Psicologia. Linha de Pesquisa: processos psicossociais.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da Costa (Presidente)

Prof. Dr. Joaquim Hudson de Souza Ribeiro (Membro/Faculdade de Psicologia)

Prof. Dr. Marcelo Gustavo Aguilar Calegare (Membro/PPGPSI)

Prof. Dra. Maria de Nazaré Souza Ribeiro (Membro/externo Titular)

Manaus, 21 de Maio de 2014

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela oportunidade de fazer me entender que em tudo devo dar graças. Pela sua infinita sabedoria que se manifesta em todos e que esta, quando compreendida, liberta e faz de nós sujeitos da história, construtores de uma *terra sem males*.

In Memoriam à minha primeira orientadora Kátia Neves Lenz César de Oliveira, que na entrevista da seleção de mestrado me acolheu com empatia. Mulher de mente inquieta, brilhante e criativa. Kátia me deu valiosas contribuições. Compartilhamos várias ideias e sonho sobre o tema da experiência religiosa. Sua partida me deu certeza de continuar o caminho. Sua memória em todo o momento da pesquisa foi força para produzir esta dissertação. Obrigado, Katia, por deixar te conhecer.

À minha orientadora Professora Dra. Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da Costa que prontamente me acolheu para dar continuidade à orientação. Obrigado pelos vários encontros de orientação, contato por e-mail, discussão no Labins, entre outras ricas partilhas. A minha gratidão por estarmos juntos e por termos conseguido concluir a pesquisa.

Ao Professor Dr. Joaquim Hudson de Souza Ribeiro, por ter aceitado ser co-orientador no meio do caminho. Obrigado pela generosidade de compartilhar a sua imensa experiência da Teoria Sistêmica, os artigos e livros em original italiano e as valiosas contribuições para a pesquisa.

Ao programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, sob a coordenação Prof. Dr. Ewerton H. B. Castro, que sempre contribuiu para o andamento do programa. À Tânia e Thiago, secretários, pelos serviços.

Aos professores que ministraram as aulas e compartilharam seus conhecimentos, provocando em mim grande apreço. Obrigado pela dedicação ao desenvolvimento da pesquisa na realidade amazônica. Aos professores(as) Dra. Iolete Ribeiro, Dr. Marcelo Calegare, Dr. Nilson Vieira, Dr. Antônio Roazzi, Cláudia Sampaio e *In Memoriam* Dra. Katia.

Ao grupo de pesquisadores do LABINS - Laboratório de Intervenção Social e Desenvolvimento Comunitário, por todas as contribuições nas diversas leituras e encontros sobre os diversos temas estudados e que tiveram extrema importância na execução deste trabalho.

A todos os colegas do mestrado pelo apoio, colaboração mútua e pelas diferenças de olhares de pesquisador (a), proporcionando-nos crescimento. Agradeço, especialmente à Fabiane, pelo esforço de somar e compartilhar comigo uma caminhada árdua e frutífera, desde o início da seleção do mestrado até à banca de defesa.

À Fazenda Esperança, na pessoa do Pe. Anderson Silva, que prontamente acolheu o projeto da pesquisa, que no período de observação participante deixou-me livre para a convivência junto com os internos. Agradeço imensamente a colaboração do secretário que repassou os dados dos participantes e outras informações pertinentes à condução da pesquisa.

A todos os participantes da pesquisa que me acolheram em suas casas juntamente com suas famílias, e que se permitiram compartilhar suas experiências para que outras pessoas pudessem também conhecer e acreditar em possibilidades de superação do uso de drogas.

Às amigas Nazaré Ribeiro, Selma Perdomo e Cleisiane Diniz. Pela importância de estar sempre apoiando o desenvolvimento desta pesquisa. Pelas oportunidades que me deram de discutir e aprofundar conhecimentos em pesquisa, especialmente voltada às pessoas mais necessitadas.

Ao grupo do Serviço de Atendimento Psicológico Familiar da Arquidiocese de Manaus. A minha gratidão por juntos compartilharmos o nosso saber a quem grita de dor. Porque nesse momento final do mestrado compreenderam a minha ausência e me deram força.

Aos queridos agentes de pastorais da Área Missionária N. Senhora do Rosário pelo apoio e compreensão sobre a importância desse estudo e da formação permanente de seu padre.

Ao amigo e irmão José Carlos Sabino de Andrade. Obrigado por me incentivar, motivar e insistir para que pudesse continuar estudando. Você, do seu jeito, colaborou muito para esta conquista pela qual torna também sua, uma vez que constituímos uma comunidade fraterna.

Ao irmão e amigo Edson Pimentel. Por seu exemplo e dedicação à pesquisa e à educação. Você me motivou muito e me acolheu em momentos difíceis.

À minha mãe Maria de Lurdes e ao meu Pai José Francisco. Obrigado pela vida, ensinamentos, dedicação e sacrifício amoroso de me proporcionar importantes valores e conhecimentos aprendidos no colo e na luta diária da vida. Aos meus irmãos, Osmar, José, Sueli e Gilmar (*In memoriam*), pelo apoio, presença e oração.

“ Deus-amor está presente nos homens e no mundo assim como a seiva está na planta, o fermento na massa, a vida no corpo; nossa missão é reencontrá-lo, amá-lo, lutar ao seu lado para libertar o homem. A nós cumpre revelá-lo.”

(Michel Quoist)

RESUMO

BARBOSA, O. G. (2014). **A experiência religiosa na superação do uso de droga.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

A experiência religiosa é apresentada por vários pesquisadores como fator de superação de processos de sofrimento, de adoecimento, de desuso de droga e outras adversidades. Esta pesquisa teve como objetivo central compreender a relação da experiência religiosa com a superação do uso de droga, segundo usuários egressos de uma instituição de atendimento (atenção) a dependentes químicos na cidade de Manaus. A partir deste, construiu-se dois artigos, sendo o primeiro voltado à compreensão de como as pessoas que fizeram uso de droga passaram a conceber a relação deles com a substância em foco e quais foram as repercussões desse uso em seus sistemas de pertença. O segundo artigo buscou compreender como a experiência religiosa é situada na trajetória de um grupo de pessoas que superaram o uso de drogas após a passagem destas por uma comunidade terapêutica e as repercussões desse desuso em seus sistemas de pertença. Os participantes da pesquisa foram internos de uma comunidade terapêutica (Fazenda da Esperança, Manaus-AM) que se encontravam em desuso há pelo menos um ano, na ocasião da pesquisa. Utilizou-se como método a abordagem exploratória qualitativa, adotando categorias da teoria sistêmica para a análise dos dados, estes coletados por meio da entrevista semiestruturada. Os resultados encontrados apontam para o fato de que o uso e o desuso das drogas, bem como o sofrimento a elas relacionado estão vinculados ao usuário, seus sistemas e subsistemas de pertença, em especial à família, trabalho, relação com os pares e vivência religiosa; numa relação de codependência e corresponsabilidade que retroalimenta positiva ou negativamente a relação de uso, ao longo do tempo. A experiência religiosa é apontada como processo psicossocial organizador de uma identidade a qual integra sentidos de transcendência, e passa a sustentar novos modos de vinculação entre os sujeitos e suas redes sociais, em especial a família, a comunidade e as instituições religiosas de pertença. A recursividade e a imprevisibilidade presentes nas trajetórias de uso e desuso foram identificadas também como fatores que impulsionaram o sistema à busca de homeostase e, portanto, de superação.

Palavras-Chave: Droga; Processo; Uso e Desuso; Experiência Religiosa, Superação, Teoria Sistêmica.

ABSTRACT

BARBOSA, O. G. (2014). Religious experience in overcoming drug use. Master Thesis. Federal University of Amazonas, Manaus.

Religious experience is presented by several researchers as a process of overcoming suffering, disease, disuse drug and other hardships factor. This research had as its central objective to understand the relationship of religious experience with overcoming drug withdrawal, according to users graduates from an institution of care (care) to drug addicts in the city of Manaus. From this, we constructed two articles, the first aimed at understanding how people who used drugs began to conceive of their relationship with the substance in focus and what were the effects of that use on their systems of belonging. The second article was to understand how religious experience is located in the path of a group of people who have overcome drug use after the passage of these for a therapeutic community and the repercussions of this disuse in their systems of belonging. Survey participants were inmates of a therapeutic community (Fazenda da Esperança, Manaus-AM) that were in disrepair for at least one year at the time of the survey. Method was used as a qualitative exploratory approach, adopting categories of systems theory to the analysis of the data, these collected through semi-structured interviews. The results point to the fact that the use and disuse of drugs and suffering related to them are tied to the user, systems and subsystems of belonging, especially to family, work, relationship with peers and religious experience ; Addiction and a ratio of responsibility that positively or negatively feeds back the ratio of use over time. Religious experience is identified as psychosocial process of organizing an identity which integrates sense of transcendence, and shall support new modes of relatedness between individuals and their social networks, in particular the family, community and religious institutions belonging. Recursion and the unpredictability present in the trajectories of use and disuse were also identified as factors that pushed the system to search for homeostasis and thus to overcome.

Keywords: Drugs; process; Use and disuse; Religious Experience, Overrun, Systems Theory.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNM - Confederação Nacional de Municípios

GEV– Grupo de Esperança Viva

INPAD - Instituto Nacional de Pesquisa de Políticas Públicas do Álcool e Drogas

LABINS – Laboratório de Intervenção Social e Desenvolvimento Comunitário

OMS – Organização Mundial da Saúde

SEAS – Secretaria de Estado de Assistência Social

SENAD - Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
PERCURSO METODOLÓGICO	19
1.1 Tipo de Estudo	19
1.2 O Contexto da Pesquisa	20
1.3 Participantes.....	21
1.4 Instrumentos.....	21
1.5 Procedimentos Éticos.....	21
ARTIGO 1: EU DEIXEI DE USAR DROGA. UMA LEITURA SISTÊMICA SOBRE A RELAÇÃO COM USO DE DROGA	23
2. Introdução	24
2.1 Uso de Droga e Teoria Sistêmica: uma contribuição possível	24
2.1.1 Teoria Sistêmica: categorias centrais	25
2.2 Metodologia	28
2.2.1 Participantes.....	29
2.2.2 Tipo de Estudo	29
2.2.3 Instrumento	30
2.2.4 Procedimentos éticos	30
2.3 Análise e discussão dos resultados.....	31
2.3.1 Conhecendo os participantes da pesquisa	31
2.3.2 Trajetórias de Rodrigo, Renato e Roberto: Processo, tempo, contexto e imprevisibilidade.	32
2.3.3 Repercussões do uso de droga nos sistemas dos ex-usuários	38
2.3.3.1 Família	38
2.3.3.2 Trabalho	41
2.3.3.3 Vivência religiosa.....	42
2.3.3.4 Relação com os pares e outros sistemas relacionais	43
2.4 CONSIDERAÇÕES	45
ARTIGO 2: A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA NA SUPERAÇÃO DO USO DE DROGAS	47
3. Introdução	48

3.1 Uso e desuso de Drogas, Experiência Religiosa: contribuições da Teoria Sistêmica	48
3.2 Percurso metodológico.....	53
3.3 Resultados e Discussão	55
3.3.1 Conhecendo os participantes da pesquisa	56
3.3.2. O processo de superação	57
3.3.2.1 O primeiro mês	57
3.3.2.2 Após os primeiros meses.....	60
3.4. Amor que transforma. Superação envolta a uma rede de apoio social solidária.	61
3.4.1 Continuidade após a saída da internação: uma superação processual.....	63
3.4.2. A experiência religiosa como suporte	63
3.4.3 Experiência Religiosa superação com impacto nos sistemas de pertença	65
3.4.3.1 Família	65
3.4.3.2 Trabalho e estudo	66
3.4.3.3 Na comunidade/bairro e no compromisso social	66
3.4.4 Os vínculos com a Fazenda da Esperança no processo contínuo de superação	68
3.5 A experiência religiosa como suporte na continuidade da superação no dia a dia.	69
3.6 CONSIDERAÇÕES	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS.....	78
APÊNDICES	87
Apêndice 1: ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	87
Apêndice 2: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	89
ANEXOS.....	91
Anexos 1: TERMO DE COMROMISSO INSTITUCIONAL.....	91
Anexo 2: CARTA DE APRESENTAÇÃO INSTITUCIONAL	92
Anexo 3: AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL.....	95
Anexo 4: PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA	96

INTRODUÇÃO

A presença de substâncias psicoativas acompanha a história da humanidade. Em cada sociedade, época e cultura, sentidos diversos foram dados para o uso de droga. Atualmente, o uso de droga constitui um problema social complexo, sobretudo quando relacionado ao abuso das drogas lícitas e ilícitas.

Para os autores Plastino (2000) e Curtet (2005), a toxicomania não pode ser analisada como um fenômeno isolado, sendo conveniente considerá-la como aspecto específico de um conjunto mais abrangente de comportamentos sociais caracterizados por um imaginário fortemente individualista. Segundo estes autores, o uso de drogas, os atores sociais, os significados e os valores simbólicos são transitórios e modificam-se ao longo do tempo.

De acordo com o Instituto Nacional de Pesquisa de Políticas Públicas do Álcool e Drogas – INPAD (2012), em 2011, no Brasil havia 2,8 milhões de consumidores de cocaína e *crack*, enquanto que nos Estados Unidos este número era de 4,1 milhões. O Brasil esteve abaixo apenas dos Estados Unidos em número de usuários de cocaína e *crack*.

No que diz respeito ao estado do Amazonas, os dados obtidos na pesquisa segundo a Confederação Nacional de Municípios (CNM) 2010 mostram que, dos 42 municípios pesquisados dentre os 62 existentes no estado, em 35 deles foi constatado uso de *crack*. Os dados apontam ainda para as cidades com alto consumo no estado: Careiro da Várzea, Coari, Tefé, Carauari, Alvarães, Fonte Boa, Lábrea e Benjamin Constant.

Quanto à presença da problemática em Manaus, Lima (2012), revela que foram desenvolvidos estudos pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD) em parceria com a Fiocruz, indicando que há 20 polos de concentração de usuários de substâncias psicoativas, sendo dois deles de alta predominância nos bairros Colônia Terra Nova (Zona Norte) e Jorge Teixeira (Zona Leste). Os levantamentos indicam ainda que os locais escolhidos pelos usuários alteram com grande frequência, dependendo da presença policial e de brigas entre traficantes.

Levantamentos como o de Costa (2009) apontam para a existência de alguns fatores que, combinados, predispõem à maior vulnerabilidade a agravos no curso de vida. Nas sociedades urbanas contemporâneas e reprodutoras da cultura ocidental globalizada, verifica-se que ser jovem, do sexo masculino, e pertencer aos grupos mais empobrecidos da sociedade predispõem a vários riscos como: violência, evasão escolar, uso indevido de drogas e a não

inserção no mercado de trabalho. Novamente as drogas figuram como aspecto fragilizador do indivíduo e de sua participação na vida social.

O antropólogo Gilberto Velho (1994 p.23) chama a atenção para a história social das substâncias psicoativas em seus diversos significados e a construção social do problema, sendo necessário ver o indivíduo e o uso que este faz da droga não como um ato individualizado, mas como uma ação social que possui significados diversos e em grupos sociais diferentes. A multiplicidade de significados do que o senso comum atribui à droga dificulta uma definição única. O autor propõe a adoção do termo “Mundo das drogas”, entendendo que este compreende tudo o que se refere “a observação das redes sociais que organizam sua produção, distribuição e consumo, bem como o conjunto de crenças, valores, estilos de vida e visões de mundo que expressam modos particulares de construção da realidade”, pensamento que é corroborado por Skenker (2008), Becker, 2008, Piccolo & Leal (2011).

Assumimos na presente pesquisa o conceito “mundo das drogas” por concordarmos que as narrativas que emergem dos indivíduos e grupos sociais, comportam os múltiplos sentidos através dos quais cada grupo social nomeia e conta a sua história quanto ao uso de droga.

A amplitude que o fenômeno do consumo das substâncias psicoativas acarreta, exige o empenho de todos os segmentos da sociedade civil organizada, em especial dos pesquisadores e instituições governamentais e não governamentais em direção a esforços coletivos que produzam respostas eficazes para a complexa magnitude alcançada pelo uso de drogas e seus impactos nos usuários e em toda a sociedade. Entre as várias iniciativas que buscam enfrentar a problemática em foco, destacam-se, sem dúvida alguma, não somente as oriundas do campo das políticas públicas, mas também das instituições chamadas comunidades terapêuticas, as quais lidam com o tratamento e recuperação de pessoas usuárias destas substâncias.

Diversos pesquisadores têm se interessado em investigar a relação entre o uso de drogas e a religiosidade dos participantes envolvidos em instituição que oferecem tratamento ou recuperação para usuários de drogas (SANCHEZ; NAPPO, 2012; MOREIRA-ALMEIDA et al., 2006; DALGALARRONDO et al., 2004). Ao pesquisar o fenômeno da religiosidade, estes autores encontraram índices e indicadores de proteção e transformação na relação com uso e desuso das substâncias nos sujeitos investigados (POAGE et al., 2004; OAKES et al., 2000).

Ao considerar a dimensão religiosa como uma das dimensões possíveis de integrar a constituição subjetiva dos indivíduos, compreende-se a importância da ampliação do olhar sobre a pessoa, superando a fragmentação e reducionismo presentes em muitas das abordagens psicológicas que excluem tal dimensão. Esta ampliação da compreensão do sujeito abre, pois, espaço para as importantes contribuições provenientes da Psicologia da Religião (ANGERAMI, 2008).

Dentre as diversas áreas de estudo da Psicologia da Religião, destaca-se o campo da experiência religiosa. Descrita como um processo, um encontro com Outro, uma relação e, ao mesmo tempo, uma realidade complexa e multiforme, podendo ser definida como experiência imediata e intuitiva que promove uma transcendência do sujeito para uma experiência pontual ou uma vivência de fundo, que acontece ao longo da vida. Esta experiência religiosa está articulada num sistema de significados, num credo que produz a razão da existência do indivíduo, fazendo emergir novas atitudes a se expressar em fatos concretos aos quais ganham sentidos e significações (ÁVILA, 2007; ANGERAMI, 2008).

Há que se considerar a complexidade dos aspectos relacionados à religiosidade e uso/abuso de drogas enquanto objeto de investigação. Neste âmbito interessou-nos nesta pesquisa, lançar um olhar considerando as possíveis associações/implicações que podem existir entre religiosidade e o uso/abuso destas substâncias, em especial na descontinuidade do uso destas. Por isso, procuramos amparar nossa pesquisa em referenciais oriundos da Psicologia da Religião e da Teoria Sistêmica.

Ancorar reflexões e investigações sob a ótica sistêmica revelou-se útil para ampliar o foco de observação e a discussão no entendimento do fenômeno que estudamos pelo fato desta perspectiva conceber os participantes vistos como sistema e subsistemas, dentro de um sistema articulado a outros sistemas no seu contexto, compreendido nas suas relações, processos, contextos, imprevisibilidade e tempo. Em outras palavras, implicou pensá-los em uma teia de inter-relações que tecem e se entrecem constantemente, em um movimento processual e constante, sempre aberto e que está sempre mudando (AUN et al, 2006; BARRETO, 2005).

Este modo de compreender o indivíduo é fundamental, uma vez que permite situar o problema que o envolve não como algo restrito à sua pessoa, mas como característica da relação instaurada em seu sistema de pertença. Isto é, não como um sistema predeterminado, mas enquanto um sistema que é constituído por todos aqueles elementos que nele estão envolvidos (BOSCOLO; BERTRANDO, 2012; AUN, 2006).

Aun, et al. (2006), corroboram com o pensamento de Foerster, relevante teórico sistêmico, apontando para a existência de uma relação triádica entre o indivíduo, a linguagem e a sociedade, ou seja, seu comportamento, o significado e a relação. Seguindo tais pressupostos e tomando como referência a questão da religiosidade no processo de uso e desuso de drogas por parte dos usuários. As autoras comentam que se faz relevante identificar as mudanças na relação do indivíduo com o uso ou desuso das drogas no retorno para suas relações cotidianas, fora do âmbito institucional, isto é, ao término do “tratamento”.

Amparados pela importância da ampliação do campo de investigação no que se refere ao uso, à descontinuidade do uso de drogas e a relação com a experiência religiosa, emergiu um questionamento inicial, o qual configurou-se como questão norteadora, a saber: *de que maneira é apresentada, do ponto de vista do indivíduo, a experiência religiosa e sua relação com o uso e desuso de drogas antes, durante o processo chamado de recuperação e depois de sua passagem por uma instituição de atendimento de cunho religioso?*

A partir da questão norteadora, configurou-se, por fim, o seguinte problema de pesquisa: *Qual a importância da experiência religiosa na busca de superação do uso de drogas atribuída pelos indivíduos que foram usuários?* Tendo como foco tal questionamento, postulamos realizar uma pesquisa na cidade de Manaus com sujeitos que foram atendidos na Fazenda da Esperança, instituição que atua em parceria com a Secretaria Estadual de Assistência Social (SEAS), que desenvolve trabalho na modalidade de internação e inclui, no seu programa de recuperação, a dimensão religiosa (FAZENDA DA ESPERANÇA, 2012).

Tendo em vista responder ao problema proposto, o objetivo geral deste estudo consistiu em *compreender a relação da experiência religiosa com a superação do uso de droga, segundo usuários egressos de uma instituição de atendimento (atenção) a dependentes químicos na cidade de Manaus.*

Especificamente procuramos:

- Conhecer como se configurava a relação do participante com as drogas, antes de seu desuso (antes da recuperação);
- Conhecer como se configurava a relação do participante usuário de droga e a experiência religiosa durante e depois sua passagem pela instituição onde buscou a sua recuperação;
- Apresentar os significados atribuídos à experiência religiosa na atual condição de vida do participante após sua passagem pela instituição onde buscou ajuda para a sua recuperação;

- Descrever os grupos, sistemas e redes sociais que o sujeito se relaciona antes, durante e depois da superação do desuso de drogas.

Acreditamos que os resultados desta pesquisa poderão ser de grande importância para todos aqueles que lidam com o *tratamento e recuperação* de pessoas envolvidas com substâncias psicoativas e seus sistemas relacionais, ao considerarem como parte de seus programas ou abordagens, conteúdos religiosos realizados por estas e/ou a dimensão religiosa dos sujeitos. Outra contribuição é no âmbito da construção de conhecimento em Psicologia, por corroborar a pertinência de incluir a temática da religiosidade e, em particular, em sua relação com o fenômeno do uso e desuso de drogas.

A motivação que nos move no âmbito pessoal é justificada pela história profissional do pesquisador, construída na trajetória da inserção e imersão comunitária, nos estudos em grupo de pesquisa transdisciplinar na área da saúde, fazendo parte da equipe de psicólogos no atendimento psicológico ligado à rede de comunidades na cidade de Manaus, sendo o presente trabalho uma continuidade do percurso acadêmico que inclui uma Especialização no tema da Drogadição e Família, na Teoria Sistêmica, produção de trabalhos apresentados em congressos científicos dedicados à temática. A atual vinculação do pesquisador ao Grupo de Pesquisa CNPq “Psicologia e Práticas Socioculturais: atenção a indivíduos e grupos vulneráveis e à Linha de Pesquisa do Mestrado em Psicologia “Processos Psicossociais” através do Laboratório de Intervenção Social e Desenvolvimento Comunitário (LABINS) da Universidade Federal do Amazonas, conferiram maior concretude à proposta de investigação.

O presente trabalho consiste em uma dissertação de mestrado realizada de modo a cumprir os requisitos do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, apresentando os resultados na forma de dois artigos científicos, obedecendo a seguinte estruturação:

- A Introdução que ora se encerra, contendo o problema, objetivos e justificativa da pesquisa;
- a Seção I é dedicada à apresentação do percurso metodológico do estudo, abarcando o tipo de método, contexto do estudo, participantes, instrumentos e procedimentos éticos;
- a Seção II corresponde à apresentação do Artigo 1, intitulado “Eu deixei de usar droga”. Uma leitura sistêmica sobre a relação com o uso de droga, cujo objetivo consistiu em compreender como as pessoas que fizeram uso de droga passaram a conceber a relação deles com a substância em uso, bem como conhecer as repercussões desse uso em seus sistemas de pertença;

- a Seção III corresponde ao Artigo 2, intitulado “A experiência religiosa na superação do uso de drogas”, que teve como objetivo compreender como a experiência religiosa é situada na trajetória de um grupo de pessoas que superaram o uso de drogas após a passagem destas por uma comunidade terapêutica e quais foram as repercussões desse desuso em seus sistemas de pertença;

- Ao final das apresentações dos artigos, buscou-se algumas considerações finais, sobre o estudo propostos, além de relacionar as referências bibliográficas utilizadas para o embasamento teórico dos artigos e os demais documentos que foram necessários que constam nos Apêndices e Anexos.

PERCURSO METODOLÓGICO

1.1 Tipo de Estudo

A escolha metodológica deve refletir a coerência entre o modo como as dimensões ontológica e epistemológica se estruturam no pensamento do pesquisador. Deste modo, utilizamos a abordagem exploratória qualitativa, pois, no que concerne à natureza da pesquisa, seria necessário adotar um modelo de investigação que privilegiasse o acesso às narrativas que os sujeitos elaboram no que diz respeito aos significados e intencionalidade atribuídos aos fenômenos vivenciados individualmente e socialmente, assim como às relações que interagem entre si e com os outros (MINAYO, 2006; DENZIN; LINCOLN, 2000). Amparados no que observa Gonzalez Rey (2002), a pesquisa qualitativa se debruça sobre o conhecimento de um objeto complexo: a subjetividade, cujos elementos estão implicados simultaneamente em diferentes processos constitutivos do todo, os quais mudam em face do contexto em que se expressa o sujeito concreto.

Procuramos coligar a Teoria Sistêmica à abordagem qualitativa para marcar o método e compreender o fenômeno estudado em sua complexidade e intersubjetividade, considerando o devir e as relações de incerteza e complementaridade, ao invés de aspectos de cunho explicativo, linear e causal. Para tanto, utilizamos como enfoque as categorias de análise pertinentes à base teórica, a saber: *processo, tempo, contexto, e imprevisibilidade*. Deste modo, conseguimos observar a desordem do fenômeno estudado – princípio primordial na compreensão dos sistemas, tornando-o não só complexo, paradoxal e imprevisível, mas ainda propulsor de uma intersubjetividade numa aliança com o pesquisador, implicando na sua melhor compreensão e descrição, onde utilizamos a *narração* como mediação da leitura do fenômeno.

1.2 O Contexto da Pesquisa

A presente pesquisa teve seu trabalho de campo realizado entre os meses de novembro e dezembro de 2013. Inicialmente buscou-se informação junto à Secretaria de Estadual de Assistência Social (SEAS), visando identificar as instituições vinculadas à mesma e que trabalhassem com recuperação de usuários de drogas com a abordagem religiosa. Dentre as instituições apresentadas, optamos pela Fazenda da Esperança por estar a mais tempo em parceria com a SEAS e que vêm desenvolvendo esta atividade há 14 anos. A instituição é vinculada à Igreja Católica e atende jovens e pessoas adultas de 18 a 45 anos de idade. Atua em diversos Países e 25 estados do Brasil. Em Manaus, está presente desde 2000, atendendo o público masculino e feminino em duas fazendas localizadas na BR 174, Km 14, Ramal Cláudio Mesquita (Km 2, Fazenda Feminina e Km 8, Fazenda Masculina).

O programa terapêutico desenvolvido pela Fazenda da Esperança tem a duração de 12 meses e se fundamenta sobre o tripé religiosidade, convivência e trabalho. Baseia-se no trabalho como fonte de autoestima e de autosustento, e na vida de comunidade, respeitando o espaço do próximo, como instrumento de mudança de valores, sob a luz da Palavra de Deus. A instituição acredita que os princípios norteadores de seu programa podem levar a uma nova organização das crenças pessoais, concepções, valores e comportamentos, o que favorece o desuso do uso de drogas (FAZENDA DA ESPERANÇA, 2012).

Apesar da pesquisa não necessariamente focar a instituição e sim os participantes que por ela passaram, optamos pela realização de uma *imersão no campo* na própria Fazenda da Esperança durante um período de uma semana. Nela realizou-se uma *observação participante* nas atividades da instituição, como estratégia pertinente à abordagem exploratória em pesquisas qualitativas. O pesquisador familiarizou-se com os processos, linguagem, sentidos, significados, do ambiente, da relação dos sujeitos nos grupos, nas atividades religiosas, culturais e laborais cotidianas dos internos, conversas informais, entre outros procurando anotá-los em um *diário de campo*. Esta ferramenta auxiliou em todos os momentos da pesquisa por contribuir na identificação e construção das configurações necessárias à compreensão das falas e reflexões dos entrevistados, para as escolhas das categorias (MINAYO, 2006; BREAKWEL, 2010).

1.3 Participantes

No contato com a direção da Fazenda da Esperança, solicitamos a indicação de participantes moradores da cidade de Manaus e que concluíram o tratamento com seus respectivos endereços e contatos telefônicos. Foram incluídos 7 sujeitos cujo perfil preenchia os critérios estabelecidos para a composição do quadro de participantes do tipo proposital ou *purposive sampling* (DENZIN e LINCOLN, 2000), a saber: serem adultos do sexo masculino que concluíram o processo intitulado de *tratamento de dependência química* da Fazenda da Esperança, residentes no município de Manaus e autodeclarados como ex-usuários de drogas há mais de um ano. Como o estudo não é probabilístico, optamos por utilizar dados referentes às entrevistas de sete participantes, os quais serão aqui apresentados com nomes fictícios e sua idade real, a saber Rodrigo (30), Renato (53) e Roberto (34), Lucas (38), Luiz (33), Leonardo (33) e Leandro (32).

1.4 Instrumentos

O instrumento que possibilitou acesso às experiências e narrativas dos participantes, foi a entrevista em profundidade semiestruturada, constituída por 16 questões (Apêndice 1). A entrevista constou de perguntas disparadoras articuladas aos objetivos da pesquisa, sem, contudo, limitar a fala dos sujeitos às questões pré-determinadas (MINAYO, 2006). Os participantes foram entrevistados individualmente em local assinalado como sendo de sua preferência - em suas casas ou em um espaço cedido pela igreja de pertença.

Como dito, em complementaridade foi realizada observação participante na Fazenda da Esperança, que gerou um Diário de Campo, também utilizado como instrumento para qualificar a interação entre pesquisador e pesquisados.

1.5 Procedimentos Éticos

A pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFAM, Parecer 482.521/2013). Todos os participantes tiveram assegurados os princípios éticos que nortearam a pesquisa em foco (CNS 196/96). Observando a legislação vigente utilizou o Termo de Compromisso Institucional (Anexo 1), *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (Apêndice

2), assinado em duas vias pelos participantes, a carta de apresentação a Instituição (Anexo 2), além da autorização expressa da instituição para realização da etapa de imersão no campo do estudo (Anexo 3).

As entrevistas foram gravadas, transcritas e tratadas segundo o método análise da Teoria Sistêmica que apresentou as categorias da *complexidade, contexto, tempo e instabilidade* elementos fundamentais para a compreensão do estudo em curso e seus resultados que passam a ser apresentados.

ARTIGO 1: “EU DEIXEI DE USAR DROGA”. UMA LEITURA SISTÊMICA SOBRE A RELAÇÃO COM USO DE DROGA

ABSTRACT

Este estudo teve como objetivo compreender como as pessoas que fizeram uso de droga passaram a conceber a relação deles com a substância em uso e quais foram as repercussões desse uso em seus sistemas de pertença. Os participantes da pesquisa foram internos de uma comunidade terapêutica (Fazenda da Esperança, Manaus-AM). Utilizou-se como método a abordagem exploratória qualitativa, adotando categorias da teoria sistêmica para a análise dos dados, estes coletados por meio da entrevista semiestruturada. A criação de novos significados, o processo das experiências intersubjetivas dos participantes emergiram do contexto conversacional relacional, ou seja, da importância da narração, considerando a noção de instabilidade e complexidade de seus sistemas de pertença, durante o tempo em que estiveram fazendo uso de droga. Os resultados encontrados apontam para o fato que, por mais que na narrativa dos participantes se perceba claramente características atribuídas à relação com a droga em uso de sofrimento, conflito, confronto, medo, ameaça e desconforto. Observou-se que para esses e para seus sistemas e subsistemas de pertença, em especial a família, o trabalho, a relação com os pares e a vivência religiosa, todos os elementos pertencentes aos seus sistemas relacionais estabeleceram com a pessoa usuária e com a substância em uso, uma relação de codependência e corresponsabilidade, que foi se alimentando e se retroalimentando de forma positiva ou negativa ao longo do tempo. Contudo, notamos que a recursividade e a imprevisibilidade ali presentes, são também fatores que impulsionaram o sistema à busca de homeostase e, portanto, de superação.

Palavras- Chave: Droga; Processo; uso e desuso, Teoria Sistêmica.

ABSTRACT

"I STOPPED USING DRUGS". A SYSTEMIC LECTURE ON REGARDING THE USE OF DRUGS

This study is aimed at understanding how people who used drugs began developing their relationship with substance use and what were the effects of that use on their systems of belonging. Survey participants were inmates at a therapeutic community (Fazenda da Esperança/ *Hope Farm*) in Manaus -AM. The method used was a qualitative exploratory approach, adopting categories of systems theory to the analysis of the data which was collected through semi-structured interviews. The creation of new meanings, the process of intersubjective experiences of the participants emerged from relational conversational context, i.e., the importance of storytelling, considering the notion of instability and complexity of their systems of belonging, during the time they were using drugs. The results point to the fact that in much of the stories the participants tell, clearly perceived is the relation between attributed characteristics and the suffering, conflict, confrontation, fear, threat and discomfort from drug use. It was observed that for these systems and for their subsystems and belonging, especially

family, work, relationships with peers and religious experience , all the elements pertaining to its relational systems did establish with the user and the person with the substance use a relationship of codependency and responsibility , which was feeding and feeding back positively or negatively over time . However, we did take note that along with the recursion and unpredictability that are indeed present, there are also factors that pushed the system to search for homeostasis and therefore toward overcoming.

Keywords: Drugs; process; use and disuse, Systems Theory.

2. Introdução

2.1 Uso de Droga e Teoria Sistêmica: uma contribuição possível

A presença de substâncias psicoativas acompanha a história da humanidade. Em cada sociedade, época e cultura, sentidos diversos foram dados para o uso das drogas. Atualmente, o uso de drogas constitui um problema social complexo, sobretudo quando relacionado ao abuso das drogas lícitas e ilícitas.

No que diz respeito ao consumo exacerbado de bebidas alcoólicas em países considerados emergentes como o Brasil, constitui-se num dos principais fatores responsáveis pela causa de doenças e mortalidade, com impacto estimado entre 8% e 14,9% do total de problemas de saúde dessas nações (MELONI; LARANJEIRA, 2004; MONTEIRO, 2007).

Quanto ao consumo de drogas, um estudo de Carlini *et al.* (2006) apresenta porcentagens no Brasil entre 2001 e 2005, mostrando que neste período houve aumento para maconha (de 6,9% para 8,8%); benzodiazepínicos (de 3,3% para 5,6%); estimulantes (de 1,5% para 3,2%); solventes (de 5,8% para 6,1%) e cocaína (de 2,3% para 2,9%). De acordo com o Instituto Nacional de Pesquisa de Políticas Públicas do Álcool e Drogas – INPAD (2012), em 2011, o Brasil esteve abaixo apenas dos Estados Unidos em número de usuários de cocaína e *crack*.

A partir das constatações acima observadas, entendemos porque a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2009) adverte que o abuso de álcool e outras drogas continuam sendo um dos maiores problemas de saúde pública do mundo. A OMS considera o tema de relevante complexidade e importância na atualidade, uma vez que atinge pessoas de diferentes países, independente de condições sociais, gênero, credo religioso e faixa etária.

No presente artigo, assumimos a perspectiva complexa do fenômeno, transcendendo a tradição epidemiológica que opera em termos de causalidade linear, sem deixar de valorizar a importância dos dados produzidos desta maneira. Nos sentimos desafiados

à construção de um olhar cuja causalidade sobre o uso de drogas abarque o princípio da recursividade ou circularidade, considerando o fenômeno na sua complexidade processual, relacional e intersubjetiva (RIBEIRO, 2005).

Deste modo, compreende-se a pessoa e o uso de drogas na teia de relações nos seus diversos sistemas e subsistemas, compreendidos aqui como: o grupo de pares, a família, a escola, mas também com os aparelhos repressivos do Estado, a organização do tráfico de drogas e a dimensão religiosa. Nesta perspectiva não se localiza o problema estritamente na pessoa que faz o uso de drogas, supondo que uma causa a levou a isso. Não somente existe uma multiplicidade de fatores a ser considerados, mas também a relação entre estes, que rompe com a lógica linear.

Com certeza, o uso de álcool/drogas são questões que apresentam processos recursivos e instáveis entre variáveis individuais, ambientais, contextuais em uma interação processual que perpassa por diversos setores da sociedade. Forma uma malha de relações que implica vivências dos sujeitos desenvolvendo uma imprevisibilidade num contexto complexo em que todos são co-responsáveis, compartilhando as responsabilidades (COSTA, 2010, p.13).

De modo diferenciado dos modelos entendidos como lineares, a visão sistêmica compreende a pessoa em contexto relacional e processual, o que supera o olhar sob perspectivas deterministas-causais. Por estar sempre em relação com outros sistemas e subsistemas, o problema em foco não lhe pertence unicamente, mas se expressa enquanto uma característica da relação do seu sistema de pertença. Este sistema de pertença, por sua vez, não consiste em um sistema predeterminado, mas de um sistema que é constituído por todos aqueles elementos que nele estão envolvidos (BOSCOLO; BERTRANDO, 2012; AUN, 2006).

Assim, passa-se a considerar a complexidade das interações relacionais que envolvem o fenômeno do uso de drogas, exigindo assim uma ampliação do olhar do observador sobre o fenômeno, o que justifica a busca do pensamento sistêmico como referencial teórico norteador para esta pesquisa, como descrito a seguir.

2.1.1 Teoria Sistêmica: categorias centrais

Para a Teoria Geral dos Sistemas, o sistema é um complexo de elementos em interações interdependentes, isto é, composto de vários elementos ou de várias partes, funcionando como um todo, numa relação de interdependência. Todas as partes de um sistema

estão inter-relacionadas dando suporte para a integridade deste. Por isso, o sistema é muito mais do que a soma das partes, pois tanto a *parte* faz parte do *todo*, quanto o *todo* faz parte da *parte* (VASCONCELLOS e COELHO, 2006; LUDEWIG, 2006; AUN, 2006). Desse modo, o que ajuda a compreender um sistema é a relação das partes com o *todo* e do *todo* com as partes, que se dá num movimento processual, ou seja, onde a interação entre as partes é responsável pela mudança do potencial deste.

Autores como Prigogine e Stengers (1991) dedicaram parte de seus estudos aos sistemas em equilíbrio e em não equilíbrio. Eles concluíram que a instabilidade, oriunda de flutuações incompatíveis entre as partes, pode também gerar auto-organização e conduzir a uma nova mudança no sistema.

A termodinâmica dos processos irreversíveis descobriu que os fluxos que atravessam certos sistemas físico-químicos e os afetam no equilíbrio podem nutrir fenômeno de auto-organização espontânea, rupturas de simetria, evoluções no sentido de uma complexidade e diversidade crescentes. No ponto onde se detêm as leis da termodinâmica, pode-se revelar o papel construtivo da irreversibilidade; é o domínio onde as coisas nascem e morrem ou se transformam numa história singular [...] (PRIGOGINE e STENGERS, 1991, p. 207)

Já nos sistemas humanos, à medida que se postula a relação de interdependência entre seus membros, na busca de querer lidar com um problema e sua possível solução, deve-se considerá-lo no contexto das inter-relações e das potencialidades presentes nesses sistemas. Sendo assim, dada à existência de um problema, todos os envolvidos participam dele de alguma forma, isto é, são co-responsáveis e, portanto, não se pode atribuir a sua existência a apenas a um de seus membros. Por isso, ao lidar com sistemas humanos, temos que fazer todo um esforço para não fragmentá-lo, uma vez que é exigido focar na relação e no processo em que estas ocorrem, assim como observar as interações que se repetem dentro do sistema e entre os subsistemas, sem deixar de contextualizá-lo e de reconhecer suas potencialidades (SUDBRACK, 2001; VASCONCELLOS e COELHO, 2006; LUDEWIG, 2006;).

O *processo* como categoria sistêmica é entendido como um conjunto de etapas sucessivas de acontecimentos pelo quais os elementos do sistema se transformam na interação com outros elementos de seu sistema de pertença e pela relação estabelecida com outros sistemas e subsistemas (COELHO, 2006). Quanto ao *contexto*, “é uma interação organizada de regras, funções e expectativas de todos aqueles que constituem um sistema e que interagem em um espaço de significados por estes e pelos que fazem parte do seu sistema relacional” (TELFENER, 2011, p. 36). No entanto, o *processo* está vinculado ao *contexto*, o *tempo* e

espaço, a categoria *processo* possibilita a idéia de movimento e interdependência, impulsiona ver o *como ocorreu* ou o *como está ocorrendo*, lançando a *imprevisibilidade* do fenômeno.

Por *tempo*, Boscolo e Bertrando, (2012) estabelecem como sendo mais que uma compreensão cronológica e histórica, sem deixar de excluir o campo de observação dos sistemas. Existe um *tempo interno e externo* das pessoas envolvidas em seus sistemas de relações. O *tempo interno* é entendido quanto às motivações ou razões individuais que as pessoas atribuem a uma escolha ou ação. O *tempo externo* é o que conhecemos como tempo cronológico. Ambos têm profunda ligação com a causalidade circular, mas não podem ser confundidos com esta. O tempo permite observar a vivência das pessoas na recursividade que permeia o processo relacional pessoa –contexto- droga em uso.

Por isso, Bateson (1984, p. 179) afirma: “Não há sentido falar de dependência de agressividade ou de orgulho e assim por diante, pois todas essas palavras vão encontrar suas raízes naquilo que ocorre entre uma pessoa e outra, não em qualquer coisa que está dentro de uma pessoa”. Não se trata de abolir a complexidade de cada individualidade, mas de enfatizá-la em termos relacionais, interacionais e intersubjetivos. Implica em pensar a pessoa em uma teia de inter-relações que se tecem e se entrecem constantemente em um dado contexto, em um movimento processual e constante, sempre aberto e que está sempre mudando (AUN *et al*, 2006; BARRETO, 2005).

Ou seja, quando falo de pensamento sistêmico, estão incluídos: o paradigma da complexidade do universo, em todos os seus níveis; o paradigma da instabilidade ou da auto-organização dos sistemas; o paradigma do construtivismo ou da construção intersubjetiva da realidade (VASCONCELLOS, 2004, p. 96).

A amplitude do fenômeno do consumo de drogas exige o empenho de todos os segmentos da sociedade civil organizada, em especial os pesquisadores e as instituições governamentais e não governamentais em direção a esforços coletivos que produzam respostas eficazes para a complexa magnitude alcançada pelo uso de substâncias psicoativas e seus impactos nos usuários e em toda a sociedade. Entre as várias iniciativas que buscam enfrentar a problemática em foco, sem dúvida nenhuma, destacam-se não somente as oriundas do campo das políticas públicas e dos esforço de muitos pesquisadores, mas também de algumas instituições, chamadas comunidades terapêuticas, as quais lidam com a questão do uso e desuso de drogas.

Na cidade de Manaus a Secretaria de Assistência Social (SEAS) trabalha em parceria com duas instituições de atendimento ao usuário de drogas na modalidade de internação. Dentre estas, escolheu-se a Fazenda da Esperança como campo da nossa pesquisa, não somente

pelo fato de que desde o início de seu funcionamento, em 2000, mais de dois mil jovens e adultos já passaram por lá, tendo sido registrados como casos recuperados, mas também porque, segundo a instituição, a dimensão religiosa constitui parte relevante do programa de *recuperação* dos sujeitos nela internados (FAZENDA DA ESPERANÇA, 2012).

O presente artigo, que tem por objetivo compreender como as pessoas que fizeram uso de droga passaram a conceber a relação deles com a substância em uso e quais foram as repercussões desse uso em seus sistemas de pertença. Este recorte é derivado de uma pesquisa mais ampla intitulada “A experiência religiosa na superação do uso de droga”, da qual participaram pessoas que passaram por uma comunidade terapêutica de base cristã católica e se encontravam, no momento do estudo, em condição de desuso de droga.

2.2 Metodologia

Segundo Minayo e Sanchez (1993), as falas dos participantes, entendidas como linguagem, quer provenientes de entrevistas individuais, grupais ou de outras observações colhidas no contato com os entrevistados em seus ambientes específicos e diferentes contextos, constituem dados de grande importância na pesquisa qualitativa. Bateson (1976) refere-se ao padrão que liga, ou seja, as relações existentes entre as partes, priorizando mais a relação comunicacional do que as partes. Bateson destaca a importância do padrão comunicacional existente através do tempo, como ressalta Esteves de Vasconcelos: “[...] as histórias são um ótimo caminho para o estudo das relações, uma vez que, nelas, o importante não são os objetos, nem mesmo os personagens, mas as relações entre todos os elementos” (VASCONCELLOS, 2006, p. 237).

A narração é uma das formas mais antigas de comunicação da qual a pessoa faz uso na sua experiência de vida como sujeito social e cultural (BRUNER, 1990). Significa recontar, doar e compartilhar uma parte de si às pessoas que escutam. Na narração, a pessoa conecta as dimensões temporais e espaciais, levando em conta suas intenções, motivações, valores e expectativas (DEMETRIO, 1996). Através dela há uma possibilidade de criar, recriar, significar e resignificar uma versão diferente de si mesma, de um evento ocorrido, de uma relação vivenciada, frente um público disposto a escutar (TELFENER, 2006).

Quanto ao significado de *contexto* na ótica sistêmica, Bateson (1976) chama atenção para um novo olhar sobre este, como ideia de método, superando a visão desta instância

como objeto externo a nós, como sistema de pertença, observável e mensurável, sem, contudo, excluir a importância do ambiente e dos elementos socioculturais. Bateson afirma que “[s]em a identificação do contexto não se pode entender nada. [...] O contexto é a matriz dos significados atribuídos pela própria pessoa” (BATESON, 1976, p. 146). Como categoria mental, o contexto passa a existir somente na relação, portanto, é processual e recursivo, determinando os significados e as novas formas através das quais se redefine e se resignifica novamente o seu sentido.

A nossa escolha sistêmica de proximidade entre *contexto* e *narração* nos fez perceber que a narrativa da pessoa, portanto, é diferente de pensar o contexto apenas quanto ao espaço habitável ou sistemas de pertença. Poderíamos, portanto dizer que se faz necessário um cuidado mais acurado à *estética contextual* (KEENEY, 1985; TELFENER, 2011; RESTORI, 2011). Por isso, a análise das narrativas a serem apresentadas a seguir também revela o esforço de passar pela *estética contextual* e observa o que chamaremos de uma *estética descritiva*, dando voz e movimento aos participantes dessa pesquisa e envolvendo os nossos leitores. Bateson (1984, p.27) diria “(...) uma dança de partes interadas” que favoreça processos de pensamentos e compreensões. Ou, quem sabe, observar o que diz Maturana quando lidamos com conteúdo alheio: “Eu sou maravilhosamente irresponsável sobre o que vocês escutam, mas sou totalmente responsável sobre o que digo e escuto de vocês” (MATURANA, 2001, p. 75).

2.2.1 Participantes

Serão apresentados dados referentes a três participantes do sexo masculino, a saber Rodrigo (30), Renato (53) e Roberto (34)¹, os quais foram escolhidos através do método de amostra proposital (DENZIN; LINCOLN, 2000). Os mesmos são ex-usuários de drogas que foram internos de uma instituição de orientação religiosa católica que lida com a dependência química na cidade de Manaus (AM).

2.2.2 Tipo de Estudo

¹ Os nomes atribuídos aos entrevistados são fictícios, para a garantia de sigilo e preservação do anonimato.

Utilizou-se a abordagem exploratória qualitativa no que concerne à natureza da pesquisa, pois esta privilegia o acesso às narrativas que os sujeitos elaboram no que diz respeito aos significados e intencionalidade atribuídos aos fenômenos vivenciados individualmente e socialmente, assim como às relações que interagem entre si e com os outros (MINAYO, 2006; DENZIN; LINCOLN, 2000).

Procurou-se coligar a Teoria Sistêmica à abordagem qualitativa, para marcar o método e compreender o fenômeno estudado na perspectiva sistêmica de complexidade e intersubjetividade. Para tanto, escolhemos como enfoque as categorias de análise: *processo, tempo, contexto e imprevisibilidade*. Considerando o devir e as relações de incerteza e complementaridade. Desse modo, conseguiu-se observar a desordem do fenômeno estudado, tornando-o não só complexo, paradoxal e imprevisível, mas ainda propulsor de uma intersubjetividade, ajudando-o na sua melhor compreensão e descrição, onde utilizamos a *narração* como mediação da leitura do fenômeno.

2.2.3 Instrumento

A coleta de dados juntos dos participantes deu-se por meio da entrevista semiestruturada, constituída por 16 questões. A entrevista constou de perguntas disparadoras articuladas aos objetivos da pesquisa, sem, contudo, limitar a fala dos sujeitos às questões pré-determinadas (MINAYO, 2006). Os participantes foram entrevistados individualmente em local assinalado como sendo de sua preferência - em suas casas ou em um espaço cedido pela igreja de pertença. Foi realizada uma observação participante com duração de uma semana na instituição onde os sujeitos estiveram internados, como estratégia complementar a fim de favorecer a compreensão de suas experiências, resultando num diário de Campo.

2.2.4 Procedimentos éticos

Os participantes, autodeclarados em condição de desuso de drogas no momento da entrevista há mais de um ano, foram entrevistados individualmente, sendo dois em suas casas e um em um espaço cedido pela igreja de pertença. Todos tiveram assegurados os princípios éticos que nortearam a pesquisa em foco (CNS 196/96), sendo essa autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFAM, Parecer 482.521/2013).

2.3 Análise e discussão dos resultados

2.3.1 Conhecendo os participantes da pesquisa

- Rodrigo, 30 anos, que acompanhava o pessoal da sua rua e da outra rua para vender e para usar droga (SIC).

Entrevistado na sala de sua casa em um bairro da Zona Norte de Manaus, Rodrigo disse ser casado, católico, pai de um filho, residindo junto com este, sua esposa, seus pais e a avó. No momento da entrevista estava desempregado, mas afirmou obter renda ajudando os pais em um sítio da família. Fez uso de drogas (álcool, maconha e cocaína) por 14 anos. Passou pela Fazenda da Esperança de Manaus buscando desvincular-se destas no período de 12 meses. Após sua saída da Fazenda de Manaus atuou como voluntário em um período de quatro meses na Fazenda da Esperança de Filipinas. Antes de ingressar na Fazenda, participou de sessões de terapia holística para deixar de usar drogas, conseguindo manter-se sóbrio por dois anos. No momento da entrevista declarou estar em desuso de drogas há quase três anos.

- Renato, 53 anos, para quem a droga deixou de ser um prazer para converter-se em necessidade. (SIC)

Renato foi entrevistado em sua casa, num bairro da Zona Norte de Manaus. É carteiro, esteve casado, separou-se da primeira esposa e se declara em união estável com sua atual companheira, residindo junto com esta, uma enteada e uma neta. É católico e fez uso de bebida alcoólica (cerveja e conhaque) por cerca de 25 anos. Antes de sua entrada na Fazenda da Esperança de Manaus, teve várias passagens pelo grupo de Alcoólicos Anônimos (AA) e por algumas igrejas evangélicas objetivando deixar a bebida. Permaneceu na Fazenda da Esperança visando superar o uso de drogas por um período de 12 meses. No momento da entrevista declarou estar em desuso de álcool há pouco mais de dois anos.

- Roberto 34 anos, que tentou tirar o irmão das drogas e acabou ficando 'lá' (SIC)

Sua entrevista foi realizada numa sala da igreja próxima a casa em que reside, no bairro da Zona Sul de Manaus. Roberto inicia sua relação com uso de droga como irmão mais velho, tentando proteger o irmão mais novo que usava droga com os colegas de rua. No

momento da entrevista estava desempregado, mas ocupava parte do tempo dando aulas de reforço escolar. Conviveu por uns anos com uma companheira (já então separados), com a qual teve um filho. Reside com a família (a mãe, três irmãos, três irmãs e dois sobrinhos). Fez uso de álcool e cocaína por quatro anos. Quanto à religião, afirmou ser católico. Antes de sua entrada na Fazenda da Esperança de Manaus, declarou que, por motivos religiosos e para deixar de usar drogas, esteve em uma outra instituição de cunho religioso denominada “O Caminho”, também localizada em Manaus. Neste lugar permaneceu sóbrio por cerca de oito meses. Cinco anos depois foi interno da Fazenda da Esperança por um período de 12 meses buscando superar o uso de drogas no período de 12 meses. No momento da entrevista declarou estar em desuso de álcool e cocaína acerca de 1 ano e 10 meses.

2.3.2 Trajetórias de Rodrigo, Renato e Roberto: Processo, tempo, contexto e imprevisibilidade.

Ao narrar um evento ocorrido consigo, realiza-se um *movimento recursivo, complexo e imprevisível*, do tipo reflexivo entre a própria pessoa, o contexto, o espaço e o tempo onde ocorreu o evento. Isto contextualiza e atribui novos significados à narrativa (RESTORI, 2011; DEMÉTRIO, 1996; BRUNER, 1990), como observado na fala dos participantes, a exemplo de Rodrigo: “*Eu fico lembrando do passado, como se fosse hoje. Tá vivo aqui!*”

Entender os processos da intersubjetividade é adentrar na complexidade das interações e implicações do sujeito em suas inter-relações, exigindo assim uma ampliação do olhar do observador, que também está interligado numa rede de contextos (COSTA, 2010; MATURANA, 2001). Ao citar Rapizo (1996), Costa (2010) aponta outra percepção, além da noção de imprevisibilidade de sistemas auto-organizadores em busca de equilíbrio. Ambas autoras falam da *auto-referência* em que, num processo recursivo, os componentes do sistema são produtores e produtos de si mesmos. A *auto-referência*, assim, nos indica sinais de outro pressuposto dos novos paradigmas, a implicação do observador como parte integrante junto aos outros componentes do sistema.

A narrativa dos participantes revela-se complexa e imprevisível, ao mesmo tempo implicada na intersubjetividade da construção da realidade vivenciadas por estes. Todavia, apesar das peculiaridades individuais, dos seus sistemas relacionais de pertença e de seus significados atribuídos, foi possível identificarmos segmentos comuns em torno dos quais se organizaram suas falas, a saber: o *início do uso* e as “*idas e vindas*” nos sistemas relacionais.

O início do uso de droga pode ocorrer em qualquer fase ou circunstância da vida, em diferentes circunstâncias, lugares, tempos e contextos, considerando o ciclo vital das pessoas envolvidas, apesar de ainda se atribuir maior incidência para fase da adolescência e da juventude (CIRRILLO; BERRINI; MAZZA, 1996; FONTE *et al.* 2009; GUIMARÃES, 2004; STANTON, 2006; SCHENKER, 2008). No entanto, a despeito do valor da identificação das categorias e variáveis *espaço, tempo de ocorrência de um evento e onde emerge a relação da pessoa quanto ao tipo de droga usada* no campo observacional para a compreensão do fenômeno, estas não devem ser postas numa posição hierárquica privilegiada e como codeterminante na causalidade circular, mas devem ser vistas em nível de relação interdependente de *processo e contexto*, como afirmam Telfener (2011) e Restori (2011).

O *processo* aqui é entendido como um conjunto de etapas sucessivas de acontecimentos pelos quais os elementos do sistema se transformam na interação com outros elementos de seu sistema de pertença e também pela relação estabelecida com outros sistemas e subsistemas (COELHO, 1998). Já o *contexto*, incluindo a compreensão batesoniana presente na introdução desse estudo, é mais do que um lugar físico, “é uma interação organizada de regras, funções e expectativas de todos aqueles que constituem um sistema e que interagem em um espaço de significados atribuídos por estes e pelos que fazem parte de seu sistema relacional” (TELFENER, 2011, p. 36).

Mas o *processo* tem profunda vinculação com o *tempo*, o *contexto* e o *espaço* sistêmico (BOSCOLO; BERTRANDO, 2012). A categoria *processo* nos dá, portanto, a ideia de movimento, de interdependência. O processo supera a visão linear de querer saber o *por que* do evento, conflito ou problema estabelecido. O processo, ao invés, nos impulsiona ao *como* isso ocorreu e está ocorrendo. Sem abandonar a importância da causalidade circular no que diz respeito às condicionantes e motivações que envolveram a pessoa usuária de droga antes de seu desuso, o que nos interessa é compreender nesse momento *como isso ocorreu*, isto é, o processo, o que não exclui, de modo algum o *contexto*.

Eu logo no começo, eu digo, falo pra mim mesmo, que comecei a usar drogas depois já de velho. Que quando eu comecei com a cocaína tava com 27 anos. Geralmente ela (a droga) atinge mais o jovem, né. Um jovem já de 18, de 20[...] Nessa faixa etária, né (Roberto, 34).

Eu comecei a usar drogas com 16 anos (Rodrigo, 30).

Não sei bem como iniciou. Não tenho uma precisão pra dizer. Acho que foi lá pelos anos de 1988, mais ou menos (Renato, 53).

Acreditamos, contudo, que o início do uso de drogas apresentado por pesquisas mais atuais apontam que a faixa etária dos usuários é bastante variável, incluindo crianças e idosos. Os últimos dados da Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas afirmam que o início do uso de drogas caiu para a faixa etária entre 08 e 10 anos (BRASIL, 2013). Alguns usuários podem até não se recordar mais quando iniciaram seu uso. Por isso, mais uma vez, argumentamos que a atenção deve-se voltar à compreensão do *processo* e do *contexto* em termos relacionais, com especial atenção para o *tempo*.

O tempo sistêmico (Boscolo e Bertrando, 2012) é bem mais do que uma compreensão meramente cronológica e histórica, sem, contudo, ter que ser excluída do campo de observação dos sistemas viventes. Para os autores, há um *tempo interno* e um *tempo externo* das pessoas envolvidas em seus sistemas de relações. O *tempo interno* é aqui entendido quanto às motivações ou razões individuais (mas interdependentes) que a pessoa atribui a uma ação ou a uma escolha sua. Já o *tempo externo* é o que conhecemos como tempo cronológico. Ambos têm profunda ligação com a *causalidade circular*, mas não pode ser confundida com esta. Frente ao posicionamento dos participantes quanto ao início do uso de droga, percebemos nitidamente a importância desses atribuídas ao *tempo*.

[...] eu comecei com a cocaína tava com 27 anos. E eu entrei por que tinha um irmão que usava também, né. E eu comecei a desconfiar que ele tava muito anormal, né? E eu ia atrás dele, perseguia ele pra ver se ele tava realmente fazendo uso [...] E peguei ele, né. E... [...] Nessa de tentar dar uma de irmão mais velho, de tirar ele de lá, acabei ficando. Acabei foi entrando, né? (Roberto, 34).

A *causalidade circular* é vista como um processo circular que tem mão-dupla: uma vai e outra vem. A causalidade circular alimenta-se de informações e energias que circulam com a noção de que tudo e todos, envolvidos num mesmo contexto, mantiveram e mantém uma relação de interdependência. No pensamento linear, de causa e efeito, o sintoma é confundido como sendo a causa ou o efeito do problema. Na causalidade circular, o sintoma não tem uma causa e, sim um significado co-construído pelos envolvidos em uma relação e dentro de um contexto, tendo, portanto, um valor de comum interdependência (LUDEWIG, 2006; CECCHIN, 1991).

O *tempo* também permite observar a vivência das pessoas na *recursividade* que permeia o processo relacional *pessoa – contexto - droga em uso*. Acontece no movimento de ir e vir, de avançar e retroceder, de ordem e desordem, portanto, processual e contextual. A partir dessa ótica, o *tempo* passa a ser compreendido ainda como necessidade de *pontuar as sequências de interações* – estas, constituintes da *causalidade circular* processual (BOSCOLO e BERTRANDO, 2012; GOOLISHIAN e WINDERMAN, 1989, HOFFMAN, 1981).

Particpei de Alcoólicos Anônimos, com várias entradas e várias saídas. Daí participava e tinha a recaída e aí voltava tudo de novo. Tentava novamente e não tinha sucesso. E depois tentei até as igrejas evangélicas. Várias! Numa dessas aí, o pastor até desistiu de mim (Renato, 53).

O *tempo* aqui então passa a ser compreendido como conceito complexo e paradoxal (PALAZZOLI et Al., 1979). Por isso, além de estarmos falando de um tempo relacional, estamos também nos referindo a uma *circularidade temporal* e recursiva.

Eu ia com ele, sem ele. Ia e vinha. Só que eu não tinha ainda tanto aquela vontade, né. E ele ficava fumando na minha frente. Ele pegava e eu dizia: me dá um aqui, deixa eu ver. E nisso aí, foi quando eu e ele passamo a usar junto. Foi assim que eu entrei. Depois já, comecei a usar cocaína também, e foram essas duas drogas que eu usei mais: pasta básica de cocaína e a cocaína (Roberto, 34).

Foram 14 anos de uso. Idas e vindas! Fiz até terapia holística. Fiquei dois anos sem usar. Na sobriedade mesmo. E depois, recaída, e começou tudo de novo (Rodrigo, 30).

Poderíamos também nos perguntar sobre o a importância do lugar ou do ambiente onde o usuário de droga iniciou essa relação, remetendo à reflexão sobre o *espaço sistêmico* (BOSCOLO; BERTRANDO, 2012; BATESON,1984). Fundamentados em Bateson (1984), Boscolo e Bertrando (2012) argumentam que o *espaço sistêmico* supera a compreensão de espaço físico ou de lugar, porém, sem excluí-lo. Estamos falando de um espaço relacional constituinte do *processo* e do *contexto*.

Era cocaína e sempre foi cocaína. Começou com a bebida, álcool, cerveja depois foi pra cocaína. Então foram 13 anos de uso da cocaína. Era próximo da casa que vendia. Me

acompanhava junto com o pessoal da minha rua, com o pessoal da outra rua [...] Pra vender e prá usar, né (Rodrigo, 30).

As narrativas dos participantes da pesquisa observadas, a partir do *espaço*, nos ajudam a perceber a relação que os envolve em um sistema com a proximidade ou distância dos seus envolvimento emocional e afetivo, tanto no que diz respeito às pessoas, quanto com a droga em uso. Esses elementos, sem dúvida, são identificados nas narrativas como significativos e constituintes de seu sistema de pertença, ou seja, de seus contextos.

A única coisa que sei dizer é que saí da cerveja, que não fazia mais efeito pra mim. Não me satisfazia mais. E aí passei pra bebida forte, tipo conhaque. Foi quando eu comecei a entrar nessa dependência. Deixou de ser um prazer pra ser uma necessidade pra mim. Eu usava o conhaque de alcatrão (Renato, 53).

No *espaço* relacional observamos nas narrativas anteriores o *apego* à droga como necessidade do outro, mas que no fundo é também *satisfação* da própria pessoa. Como se a pessoa aceitasse o fato de a droga pertencer ao sistema de *pertença* e dela passasse a depender. Quando falamos de *pertença* compreende-se uma forma de apego desenvolvida no tempo com evolução do indivíduo e das relações em movimento processual, onde as pessoas passam a atribuir graus de importância ou de valor a pessoas ou coisas que para elas se tornam significativas (BOSCOLO E BERTRANDO, 2012, RIBEIRO, 2005).

Nas narrativas a seguir, contemplamos o *apego* e o senso de *pertença* que se estabelecem tanto na relação do usuário de droga com a substância, quanto com outras pessoas envolvidas.

Falei pra ele - pro meu irmão que tava usando droga, peguei da mão dele: que tu viu nisso aqui? Peguei, tomei da mão dele, joguei [...] E peguei do chão e fiz o uso. Eu disse: olha não sinto nada. Vamo embora! Não vou ficar aqui. Só que depois daquele dia que usei [...] Ah! Aí já mudou. Eu ia com ele, sem ele [...] e depois passamos a usar junto. Foi assim que eu entrei. Comecei a usar cocaína e pasta básica que usei muito (Roberto, 34).

A princípio era questão de usar só final de semana, de vez em quando[...] Aí foi aumentando esse uso[...] Aumentando[...] E chegou dos últimos três anos da minha vida de adequação, eu usava droga quase diariamente (Rodrigo, 30).

Tudo que eu falava tinha que ter a bebida no meio. No meio do problema tinha a bebida. Se eu chegava mais tarde no trabalho, porque tava de ressaca. Se eu faltava trabalho, porque tava bêbado. Então nunca tinha um problema que pudesse tá fora disso. Todo problema que tinha, em relação aos amigos a bebida tava no meio (Renato, 53).

O pensamento sistêmico compreende *retroalimentação* como conceito que serve para comparar o funcionamento do sistema com um padrão estabelecido, podendo esta ser positiva ou negativa (RESTORI, 2011; GOOLISHIAN e WINDERMAN, 1989). “[...] A retroalimentação é o que permite o controle da máquina, com base em seu desempenho efetivo, para que realize seu desempenho previsto” (VASCONCELLOS, 2006, p. 213). Os autores observam que os processos de retroalimentação correspondem, ao mesmo tempo, à simetria e complementariedade presente no conceito de *causalidade circular* e de *circularidade temporal*.

As narrativas anteriores e as próximas remetem à retroalimentação ou *causalidade circular*, desencadeadora de comportamentos e de novos eventos nos sistemas de pertença dos entrevistados. Situações, eventos e comportamentos que geram situações, eventos e novos comportamentos e vice-versa, procurando regulação na totalidade das interações do sistema.

Foi assim muito rápido, né? Eu não tinha um certo controle das drogas. Eu bastava tomar uma cervejinha e imediatamente eu tinha que ir já fazer uso, né? Então, já era uma coisa automática. O domínio dela em mim já era muito grande, né? Qualquer lugar que eu ia, que não tivesse essa droga, que era a cocaína, nada feito. Pra mim, parece que não tinha sentido. Um processo rápido. Fui decaindo. Fui perdendo tudo que eu tinha (Roberto, 34).

Observamos o sofrimento, conflito, confronto e desconforto vivenciado pelo ex-usuários de drogas e compreendemos, a partir das conexões que suas narrativas permitem que, todos os elementos pertencentes ao seu sistema relacional estão implicação no modo como a pessoa usuária estabelece relação com a substância em uso. Trata-se de uma relação de co-dependência e co-responsabilidade que se alimenta e se retroalimenta de forma positiva ou negativa. Positiva, por exemplo, quando uma pessoa pertencente ao sistema relacional do usuário de droga, se esforça para não alimentar o uso da substância ou um sintoma aparente. Já a negativa é o inverso: por exemplo, um parente próximo o critica constantemente para que pare de usar droga. Mas nesse caso, quanto mais recebe críticas, mais tenso poderia ficar o usuário e conseqüentemente manter ou aumentar o uso da droga.

“A regulação é dada pela totalidade das interações do sistema, como funcionamento coerente com estas interações, emergente, restringindo e possibilitado por elas, em co-modulação” (RAPIZO, 1996, p. 24).

Na regulação é preciso observar como se dá repercussão desta interação de forma mais ampla nos sistemas e subsistemas para não causar vitimização.

2.3.3 Repercussões do uso de droga nos sistemas dos ex-usuários

As histórias de Rodrigo, Renato e Roberto nos permitem compreender que o fenômeno do uso de drogas está inserido num processo complexo onde os usuários de drogas estão envoltos a aspectos cognitivos, emocionais, motivacionais, influências sociais, familiares, culturais e conjunturais socioeconômicas (COSTA, 2010).

O fenômeno da drogadição pode ser compreendido como um todo tecido por inúmeras faces (individuais, sociais, familiares, econômicas, políticas, culturais, biológicas, dentre outras) que não é esgotado por nenhuma delas, ao mesmo tempo em que não é capaz de explicar todas as nuances presentes nas mesmas (NEUBERN, 2003, p. 254).

Frente às narrativas dos participantes, encontramos sentidos nos seus comportamentos retroativos tanto deles mesmos ao usarem drogas, quanto das pessoas relacionadas aos seus sistemas de pertença, com forte ressonância especialmente em alguns subsistemas, a saber a família, o trabalho e a vivência religiosa, sem excluir, porém, a relação com os pares.

2.3.3.1 Família

Primeiro tudo que eu fazia eu deixava pela metade. A minha família vivia em confusão. Tava roubando meus irmãos, minha esposa e meus irmãos. O problema tava em mim. Eu sempre friso bem na memória o que eles faziam pra ter uma boa convivência comigo. E aí eu vejo o quanto eu era egoísta. [...] Foram muitos anos de destruição na nossa família. Acordava pensando no que ia inventar pra arrumar dinheiro pra consumir droga (Rodrigo 30).

Rodrigo aponta a existência de um sistema familiar que tem tinha um padrão relacional que retroalimentava na confusão e que ele fazia parte deste conflito. Para ter acesso

a droga as relações eram rompidas com irmãos e com a sua esposa que provocava uma disfuncionalidade no sistema.

Então com aquela família (primeira) a relação era péssima. Largava do trabalho, às vezes, e não vinha pra casa. A mulher ía falar alguma coisa, eu já rebatia, cheio da razão. A mulher não aguentou mais e mandou eu “pegar o beco”. Depois encontrei um novo relacionamento. Eu disse pra essa pessoa, eu disse que ela não ia me aguentar, que ela procurasse uma pessoa que não tivesse problema, que ela tinha todo direito de ser feliz, que eu não tinha mais jeito. Ela disse que tinha jeito sim, bastava eu querer. (Renato, 53)

O uso de álcool para Renato levou ao rompimento do seu primeiro casamento a comunicação entre os dois já estava desgastada. No novo relacionamento encontra alguém que acreditava na sua recuperação. O novo sistema parental do Renato ao reafirmar a confiança recria uma comunicação de competência, basta eu querer. Esta competência possibilita uma busca de equilíbrio na relação casal e na relação com o parar de usar o álcool.

Eu era casado[...]Tenho um filho de 7 anos agora. Era ela, a minha ex- mulher, que me ajudava, que me aguentava. Só que eu tava naquele domínio das drogas que não conseguia mais nem raciocinar mais. Não conseguia mais dar valor as pessoas que estavam ao meu redor, né. Agora droga dominava totalmente, que eu não tinha mais controle sobre mim. Eu precisava me render, pra sair daquela[...] (Roberto, 34)

A crise de Roberto com uso de cocaína o leva a sair do controle que rompe com sua relação com sua esposa e filho, neste contexto aparece o sentimento que precisa se render para parar de usar a cocaína.

Percebemos nos relatos das interações familiares de Rodrigo, Renato e Roberto que: “O impacto da drogadição em um sistema familiar é variável e estabelece um processo contínuo de inter-relações em que a família influencia o uso de um ou mais de seus membros, mas que também é influenciado por ela” (ROCHA BRASIL, 2004, p.189).

As narrativas dos participantes nos mostram que o uso de drogas e/ou “[...] o alcoolismo, dentro de uma família, traz uma grande dose de estresse, transformando-se rapidamente em desconforto de todo o grupo familiar, como postulou Jackson, em 1954” (RAMOS; PIRES, 1992, p. 209). Nesse sentido, Costa (2010) observa que a família funciona como fator de risco e de proteção do uso de drogas ao mesmo tempo, dentro dos parâmetros

coletivos e culturais do ambiente em que esse uso se desenvolve. Seguindo essa ideia, Schnorrenberger (2003, p. 29) vem afirmando que o abuso de drogas,

[...] não afeta somente a vida do usuário. Afeta também, a vida de todos os envolvidos, em especial, a da família. Ou seja, toda a família "adoece", pois os relacionamentos tornam-se difíceis e tensos, acabando com a harmonia no lar. [...] As famílias têm sido postas a provação constantemente. [...] Ela ronda boa parte das famílias [...]

O que observamos é que se é verdade que as pessoas que convivem ou são usuárias passam por uma carga de sentimentos e impactos emocionais intensos, por outro lado, podemos ratificar também que a família é um dos sistemas mais impactados pelo fenômeno da drogadição, porém, ela também é codependente e corresponsável pelo abuso de substância.

Infelizmente, na maioria das vezes, o problema não é identificado no padrão relacional do sistema familiar, e sim no vício do usuário ou na substância em si como algo ruim e desencadeador de comportamentos geradores de sofrimento e dor, como já bem afirmamos, e de ideias imersas em imagens e metáforas atribuídas por estes, entre confrontos e conflitos, buscas, perdas, medos e dúvidas sendo imprescindível ampliar o olhar para além desta perspectiva.

Nesses sistemas e subsistemas de Rodrigo, Renato, e Roberto os relatos expressam o predomínio de uma concepção negativa atribuída à substância como algo maléfico, causadora de sofrimentos, de comportamentos indesejáveis e dor, repercutindo negativamente na família. Todavia, a trajetória do uso de drogas não comporta somente a visão desta enquanto algo negativo. Em algum momento da experiência com as substâncias, os usuários e mesmo os seus sistemas de pertença podem ter atribuído sentidos sociais ou sensações positivas associadas a esta.

É importante destacar que os próprios entrevistados desqualificam a si mesmos por crer serem eles os únicos causadores dos problemas decorrentes do uso de drogas, sustentado por uma visão linear do problema. Quanto aos seus sistemas e subsistemas de pertença, os entrevistados revelam ambiguidade, ou seja, ora veem os pares positivamente e não culpados pelos sofrimentos vivenciados, ora negativamente, atribuindo-lhes responsabilidade por não apoiá-los no desejo de querer deixar de usar droga. Em todas as situações mencionadas, a complexidade que envolve "mundo das drogas" não é percebida, sendo atribuídas justificativas causais, localizadas nos indivíduos isoladamente, com tendências a isolar e polarizar atributos como "bem" e "mal". Em uma leitura sistêmica, todavia, tais reducionismos são refutados. Compreende-se a recursividade que envolve o fenômeno, produzindo um ir e vir, em processos

onde os efeitos e que os produtos são necessários ao próprio processo que os gera. Sobre isso Neubern, comenta:

A relação sujeito-droga deve ser compreendida em função dos processos que se desenvolvem, em que ambos tomam papéis ativos. Um produto, qualquer que seja, não possui qualquer influência se não se encontra integrado ao interjogo intersubjetivo, ao mesmo tempo social e individual, em que ganha sentido e significações específicas de grande importância para os sujeitos (NEUBERN, 2003, p. 257).

Eclodiu nos relatos dos participantes o aspecto emocional vivenciado e conectado a diversos episódios, em uma profunda coesão com seus sistemas e subsistemas de pertença. Os sentimentos de culpa são fortemente evidenciados nos relatos, denotando um forte compromisso ou fidelidade a uma ou várias ideias que sustentam significados morais, tal como também apresenta Cecchin (1991). A conotação de cunho moralista que permeia as construções sobre o uso de drogas recai fortemente sobre os que delas fazem uso, dificultando uma percepção mais ampla e relacional de sua própria vinculação com a droga.

2.3.3.2 Trabalho

No meu trabalho era horrível. Tinha a perseguição da chefia porque eu não vendia mais o que tinha que vender [...] Saía pro distrito (parque industrial de Manaus) e às vezes voltava tipo “jaraqui de onze horas”, então quer dizer, já começou a gerar uma insatisfação a partir dos gestores. Eu vivia uma vida sempre de atrito com a chefia. Meus amigos só olhavam pra mim e viam uma garrafa. Não tinha outro tipo de cumprimento (Renato, 53).

Eu tinha um bom trabalho. Um ótimo trabalho! Muito bom mesmo, e fui deixando o trabalho. E até que no último ano já não conseguia mais. E o uso não deixa! Eu acordava de manhã e já não tinha mais condições alguma de trabalhar. Sempre ficava cada vez mais estreitando o relacionamento com a cocaína. Mas a gente sabe que esse é um relacionamento de enrolação. (Rodrigo 30)

Então já tava nesse processo. Qualquer dinheiro que pegava, era pra comprar ou dava prioridade pra droga né. [...] comecei a vender minhas coisas [...] se e eu trabalhava era para comprar e usar. [...] Qualquer dinheiro que eu pegava já era pra fazer uso de droga (Roberto, 34).

2.3.3.3 Vivência religiosa

Eu me desliguei da Igreja totalmente (Rodrigo, 30)

Fui coordenador de área missionária e fiz um curso de Ministro da Palavra. E eu exercia! Eu acho que antes de começar eu até conseguia conciliar[...] Aí depois dava “nóia”. Foi quando eu comecei a deparar com esse problema e o que eu tava falando não estava vivendo. Então resolvi me afastar das coisas da Igreja. Acho que de tanto eu clamar por Deus, Ele ofereceu essa chance de conhecer a Fazenda da Esperança (Renato 53).

Da experiência religiosa antes de fazer uso das drogas, eu participava. O que me tirou realmente da vida religiosa foram as drogas. [...] Eu sempre fui muito católico, né. Eu participava, gostava muito. Mas, devido às drogas já estarem me consumindo, eu fui perdendo esse foco. Já não tinha aquela vontade assim, que antigamente eu tinha (Roberto, 34).

Nas falas dos participantes observamos que a religiosidade está entrelaçada nas narrativas em diferentes momentos das vivências dos participantes da pesquisa, essa colocada com importância pelos ex-usuários. Eles salientaram a perda do valor espiritual ao descrever suas perdas e seu envolvimento com as drogas.

Como afirma Castells (2007, p. 41): *Nesse mundo de mudanças confusas e incontroladas, as pessoas tendem a reagrupar-se entorno de identidades primárias: religiosas, éticas, territoriais, nacionais.*

A experiência religiosa nos remete a uma realidade complexa e multiforme com um caráter relacional e de uma experiência de encontro (AVILA, 2007). Essa experiência pode aparecer como imediata, intuitiva, de algo ou de alguém que o transcende, que pode ser meramente pontual ou uma vivenciada de fundo imediata ou intuitiva, podendo ainda ser mais ou menos instável ao longo da vida da pessoa. Essa vivência pessoal pode se tornar uma fonte de força religiosa plena ou não, propulsora de superação e esperança ou de alienação. Para melhor verificar a experiência religiosa e o uso ou desuso de droga faz-se necessário um estudo aprofundar sobre o tema.

2.3.3.4 Relação com os pares e outros sistemas relacionais

Os colegas, costumavam me chamar; “Peraí velho”, vem cá pé inchado, velho bebum. Na época isso feria muito, qualquer abalo tinha um refúgio [...] Agora, eu procuro aproximar os outros de mim, agora mostrando pra eles, não dizer pra eles que eu mudei, mas no meu comportamento no dia a dia, realmente eu tô em busca de mudança (Renato, 53).

Eu vejo assim que eu perdi muitos amigos. Quando você tá com o bolso cheio de dinheiro e vai pra gandaia e tem vários amigos[...] Mas no momento que ta passando por dificuldades, que tu não tem nada a oferecer[...] Não aparece um pra te ajudar[...] [...]eu não vou negar que eu tenho muito medo de voltar para aquela vida miserável que eu levava (Roberto, 34).

Ao fazerem uso de droga, o comportamento dos participantes passou a produzir instabilidade nas relações interpessoais de seus sistemas pessoal, familiar e social, colapsando as conexões, reforça a causalidade atrelada à moralidade. Por outro lado, essa conotação moral assumida no que diz respeito aos aspectos e impactos negativos sobre seus sistemas e subsistemas de pertença, também inclui outros elementos que incidem em um novo olhar sobre si e sobre o outro.

Tudo isso é de relevante significado frente o processo de mudança, ou seja, de positividade e de busca de solução. Fátima Sudbrack (2001) se refere à questão relacional, citando Bateson para descrever a dependência como possibilidade que remete o uso de droga a uma nova epistemologia da drogadição a partir da perspectiva sistêmica:

Bateson associa a dependência à adaptação e à morte. Essa concepção da dependência em sua dimensão positiva adaptativa nos remete a uma nova epistemologia da drogadição e das dependências, compreendidas, então, como busca de solução às questões que exigem do sujeito uma resposta adaptada ao contexto (SUDBRACK, 2001, p. 405).

Se queremos, de fato, compreender melhor a pessoa usuária frente à sua relação com a substância em uso e com os elementos dentro e fora de seu sistema de pertença, é a perspectiva relacional que nos interessa, e não apenas a questão da dependência fisiológica. Por isso, também Sudbrack (2001) nos chama atenção para a importância de retornarmos para a relação e a causalidade circular nos diversos contextos onde os que abusam do uso droga estão inseridos.

Obviamente, a questão que se coloca não é quanto às dificuldades deste sujeito no contato com as pessoas, enquanto o que nos interessa na perspectiva relacional é, exatamente, o entendimento desta recorrência a um produto associada a uma competência relacional frente a determinados contextos (SUDBRACK, 2001, p.406).

No entanto, parece-nos que nos relatos dos entrevistados, ver-se ou ver a droga apenas em sua conotação negativa negando também os elementos de atratividade que esta possuiu um dia na relação com o usuário e os aspectos presentes nos sistemas de pertença que, quiçá tenham encorajado ou fortalecido o uso de substâncias, oculta dimensões importantes com as quais o ex-usuário necessita lidar na continuidade do desuso. Esta perspectiva nega, inclusive, a potencialidade do próprio sujeito, uma vez que, não percebendo a si próprio como dotado de valores positivos, relata uma dependência exclusiva de outros para “resgatá-lo” e promover a mudança, apoiá-la ou ajudar a deixar de usar a droga.

A partir das contribuições de Costa (2010) observamos ainda, que os relatos dos participantes apresentam um componente subjetivo imediatista, como o significado dado à droga que lhes dá o que querem, o prazer imediato e fugaz, mas levando-os ao abandono de projetos de vida e atividades de médio (estudos, trabalho,) e longo prazo.

A busca de construir este projeto de vida sem uso de droga se apresenta de forma imprevisível na fala de Rodrigo.

Então eu vejo que não é da noite pro dia que eu vou restabelecer esse relacionamento com eles (família) totalmente. O trabalho até agora não consegui restituir. Quando eu vou lá num bairro, não quero consumir droga. Mas eu ainda sinto aquela sensação de tremor, de calafrio, aquele ‘gatilho’ que a droga causa na cabeça. Tudo isso eu sinto ainda. Eu não sinto o gosto da droga, mas eu ainda a sinto muito viva em mim, eu ainda sinto (Rodrigo, 30).

A fala de Rodrigo chama atenção para o fato de que a superação do uso de droga não a elimina de seus sistemas de pertença, existindo agora, porém, como uma ameaça ou um fantasma amedrontador. Aqui se apresenta a ideia de imprevisibilidade, ou seja, como se algo pudesse acontecer a qualquer momento para desestabilizar o sistema novamente, apesar da estabilidade não ser constituinte dos sistemas humanos.

Uma hipótese que emerge daí é que, uma vez estabelecida essa relação com a substância, não se vai conseguir rompê-la tão facilmente. Além do mais, se aceitamos o fato de

que a relação de uso e abuso de drogas acontece de forma processual envolta às diversas situações onde a recursividade e a imprevisibilidade impulsionam o sistema à busca de homeostase, poderíamos, sem dúvida nenhuma, também afirmar que a superação também é processual e relacional.

[...] Mas eu vejo que isso não é mais um muro, mas é uma ponte que eu tô construindo (Rodrigo, 30).

Eis a superação ou sobriedade numa leitura de construção, ou como afirma Rodrigo, envolta no universo simbólico de *ponte*. O que nos dá a ideia de ligação, processo, movimento, instabilidade e de abertura. Ao contrário da ideia de *muro* que separa, distancia e cria barreira a *ponte* é símbolo de ligação, de atravessamento, de união, de condução e passagem e, portanto de conexão. Uma ponte nos serve para atravessarmos de um lado para o outro, de uma situação à outra; representando transformação, evolução.

Por mais que o receio ainda constitua uma condição tão presente na relação com a droga, mesmo depois de seu desuso, Rodrigo decide cruzar essa *ponte*, arriscando, acreditando e a construindo à medida que nela avança. Porém, um detalhe é importante a ser evidenciado: ele é o construtor protagonista dessa ponte.

Cada dia eu coloco um tijolo nessa ponte da minha sobriedade (Rodrigo, 30).

Nos sonhos a ponte simboliza a passagem de um estado para outro, mais elevado, como uma ascensão; é o fim de um ciclo e o começo de outro. Em muitas culturas é o elo entre o que pode ser percebido e o que está além de nossa percepção, ou pelo menos uma mudança ou desejo de mudança. Pode ser um teste de bravura, para ver quem realiza a travessia. No caso do Rodrigo, preferimos chamar de processo de superação.

2.4 CONSIDERAÇÕES

O fenômeno da drogadição exige que o consideremos imerso na complexidade das interações que envolvem o uso de droga, ou seja, os mecanismos paradoxais que envolvem o usuário de drogas e que refletem nos sistemas de pertença de seus usuários. Vimos isso bem

claro nos relatos dos participantes, como por exemplo, o baixo nível de tolerância à frustração, os impactos gerados sobre a família, o trabalho e a vivência religiosa.

Por outro lado, ao considerar os aspectos da instabilidade, a narrativa e processo no uso de droga, não temos dúvidas de que foram os significados e resignificados atribuídos pelas pessoas que um dia fizeram uso de drogas, conectados e relacionados a seus sistemas de pertença, às novas premissas adquiridas pós-tratamento ou recuperação, às suas atuais necessidades e expectativas, que os ajudaram realmente a se situarem contextualmente e simbolicamente diante do fenômeno.

Quando aceitamos o fato de que uma pessoa que passa a usar droga é compreendida sistemicamente como sintoma, não tendo uma causa em si, mas esse passa a assumir um significado co-construído pelos envolvidos em uma relação e dentro de um contexto, o sintoma passa, portanto, a ter um valor de comum interdependência.

ARTIGO 2: A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA NA SUPERAÇÃO DO USO DE DROGAS

ABSTRACT

A experiência religiosa é apresentada como fator de superação de processos de sofrimento, adoecimento, desuso de droga e outras adversidades por vários pesquisadores. Este estudo tem como objetivo compreender como a experiência religiosa é situada na trajetória de um grupo de pessoas que superaram o uso de drogas após a passagem destas por uma comunidade terapêutica e quais foram as repercussões desse desuso em seus sistemas de pertença. Os participantes da pesquisa foram internos de uma comunidade terapêutica (Fazenda da Esperança, Manaus-AM). Utilizou-se como método a abordagem exploratória qualitativa, adotando categorias da teoria sistêmica para a análise dos dados, esses coletados por meio da entrevista semiestruturada. A emergência de novos significados, o processo das experiências intersubjetivas dos participantes emergiu do contexto conversacional relacional, ou seja, da importância da narração, considerando a noção de instabilidade e complexidade de seus sistemas de pertença, durante o tempo em que estiveram fazendo uso de droga. Os resultados apontaram para experiência religiosa como processo psicossocial organizador de uma identidade a qual integra sentidos de transcendência, e passa a sustentar novos modos de vinculação entre os sujeitos e suas redes sociais, em especial a família, a comunidade e as instituições religiosas de pertença.

Palavras-Chave: experiência religiosa, superação, droga, teoria sistêmica.

ABSTRACT

Religious experience in overcoming drug use

Religious experience is presented as a process of overcoming suffering and illness, effects from drug use cessation and other adversities by several researchers. This study aims at the understanding of how the place of religious experience counts in the trajectory of a group of people who have overcome drug use after these have spent time at a therapeutic community and what were the repercussions of this disuse in their systems of belonging. Survey participants were inmates of a therapeutic community (Fazenda da Esperança, Manaus -AM). The method used was a qualitative exploratory approach, adopting systemic categories for data analysis theory. These were collected through semi-structured interviews. The emergence of new meanings, the process of inter-subjective experiences of the participants derived from relational conversational context, i.e., the importance of storytelling, considering the notion of instability and complexity of their systems of belonging during the time they were doing drugs. The results pointed to religious experience as a psychosocial process of organizing an identity which integrates sense of transcendence, and shall support new modes of relatedness between individuals and their social networks, in particular the family, community and religious institutions to which they belong.

Key words: religious experience, resilience, drug, systems theory.

3. Introdução

3.1 Uso e desuso de Drogas, Experiência Religiosa: contribuições da Teoria Sistêmica

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2009) adverte que o abuso de álcool e outras drogas continuam sendo vistos como um dos maiores problemas de saúde pública do mundo. Trata-se de um tema relevante e complexo na atualidade, uma vez que atinge pessoas de diferentes países, independente de condições sociais, gênero, credo religioso e faixa etária.

Atualmente existem inúmeras leituras e discussões sobre o uso de drogas, sendo algumas destas bastante reducionistas e lineares, fechadas em diagnósticos limitados e condicionantes do entendimento do fenômeno. Essas são herança de uma tradição cartesiana de ciência que instaurou uma relação epistemológica, ontológica e metodológica a partir da qual, ao identificar-se um problema instaurado, tende-se a procurar e crer que sua causa reduz-se a instâncias últimas, o que seria, neste caso, ao indivíduo, ou dito de outro modo, à constituição biológica, psicológica e genética do usuário. Deste modo, se conclui, que a pessoa que faz uso de drogas ou é o problema ou é geradora do problema ou faz uso de droga porque tem uma causa também individualizada que a levou a isso.

Sem deixar de atribuir importância aos dados epidemiológicos, nos sentimos desafiados à construção de outro olhar sobre o uso de drogas, considerando o fenômeno na sua dimensão multifatorial, complexa e paradoxal. Para tanto, escolhemos o pensamento sistêmico para nortear nossa análise, uma vez que este procura ver a pessoa em seu contexto relacional e processual na interação com outros sistemas e subsistemas, produtores de intersubjetividades. O novo olhar que buscamos empreender sobre a problemática das drogas, de modo especial sobre a superação no uso, inclui também uma dimensão de difícil abordagem no contexto da ciência tradicional: a experiência religiosa.

Autores do campo da Psicologia afirmam que o pensamento sistêmico inicialmente esteve voltado para o estudo clínico e social com famílias (BOSCOLO *et al*, 1983; SCHINITMAN, 2006; GUTIERREZ, 2012). A família passou a ser compreendida enquanto microssistema de relações em conexão com os microssistemas sociais, onde a integração dos aspectos psicológicos individuais e dos aspectos sociais passa a ser possível na medida em que se considera cada elemento em suas relações de interdependência fazendo parte de um todo de relações.

Segundo Elkaim (1998), o indivíduo era anteriormente visto como possuidor de uma personalidade imutável, tendo a Teoria Sistêmica contribuído para que este passasse a ser considerado como um ser de relações e como um ente pertencente a diversos contextos sociais,

agindo e reagindo dentro deles. Fortalecendo esta perspectiva Schinitman (2006, p. 9) afirma que “[...] o enfoque sistêmico é bio-psico-social e entende o trabalho com os indivíduos, suas famílias e seus contextos como uma prática social”. Para Gutierrez (2012, p. 53) “o deslocamento do indivíduo para o indivíduo em contexto foi de grande importância para a superação da visão essencialista que até então predominava, sobretudo na psicologia”.

Por outro lado, as explicações dos fenômenos que se desenvolvem no interior do sistema não podem ser identificadas de modo simplista, o que corresponderia à continuidade das leis lineares contidas na lógica causal. Em um sistema, as ações são interdependentes, complexas e recursivas, diferindo do pensamento linear, onde o sintoma é confundido como sendo a causa ou o efeito do problema. A adoção da perspectiva sistêmica apresenta uma lógica compreensiva centrada na causalidade circular. Nesta, o sintoma não tem causa e, sim um significado co-construído pelos envolvidos na relação e dentro do contexto, tendo, portanto, um valor comum (BOSCOLO; BERTRANDO, 2012; GUTIERREZ, 2012; AUN; VASCONCELLOS; COELHO, 2006; COSTA; PENSO, 2002; VASCONCELLOS, 2002; ELKAIM, 1998; WATZLAWICK; BEAVIN; JACKSON, 1988).

Com certeza, o uso de álcool/drogas são questões que apresentam processos recursivos e instáveis entre variáveis individuais, ambientais, contextuais em uma interação processual que perpassa por diversos setores da sociedade. Forma uma malha de relações que implica vivências dos sujeitos desenvolvendo uma imprevisibilidade num contexto complexo em que todos são co-responsáveis, compartilhando as responsabilidades. (COSTA, 2010, p.13)

A compreensão sobre os sistemas sociais e as relações dos indivíduos em seus diferentes contextos avançou significativamente a partir dos estudos dos sistemas de organismos vivos, os biólogos chilenos Maturana e Varela (2001). Dentre as valiosas colaborações destes teóricos, destaca-se a perspectiva através da qual apresentam o conceito de homeostase, o qual vão chamar de *autopoiese*. Para estes autores, todo ser vivo é uma organização autônoma, capaz de especificar a si próprio criando e recriando as condições para a sua existência, portanto, gerando sua funcionalidade, onde sua identidade é destacada, mesmo estando ligado sistemicamente. No que concerne à estrutura dos sistemas vivos e o princípio da causalidade, Maturana e Varela a compreendem enquanto unidade que abrange os componentes do sistema juntamente com suas relações, entendendo os elementos do meio como desencadeadores de mudanças, mas sem determina-las de modo causal (MATURANA, 2005).

Enquanto organismos vivos, inseridos em sistemas viventes, as mudanças vivenciadas pelos indivíduos só podem ser compreendidas por meio das conexões estabelecidas, como uma *rede*. A respeito destas, Sluzki (2003), outro representante do pensamento sistêmico contemporâneo, chama atenção para a importância de aprofundar o conhecimento das *redes sociais* de referência do universo relacional das pessoas envolvidas em um dado fenômeno estudado, ou seja,

[...] a soma de todas as relações que um indivíduo percebe como significativas [...] o desenvolvimento de sentimentos de bem-estar, forças para o enfrentamento de crises pessoais, hábitos de cuidado com a saúde [...] os contextos culturais e subculturais em que estamos imersos, os contextos históricos, políticos, econômicos, religiosos, de meio ambiente, de existência ou carência de serviços públicos, de idiosincrasias de uma região ou país (SLUZKI, 2003, p.41-42).

Desse modo, para compreender o uso de drogas pelos indivíduos, é preciso considerar a complexidade das interações relacionais que envolvem o fenômeno, exigindo assim uma ampliação do olhar do observador sobre o mesmo, como dito anteriormente: o problema não é compreendido como pertencente unicamente à pessoa, mas enquanto característica da relação do seu sistema de pertença, constituído por todos aqueles elementos que nele estão envolvidos (BOSCOLO; BERTRANDO, 2012; AUN, 2006).

A experiência religiosa, religiosidade ou espiritualidade tem sido identificada como um elemento presente nos contextos relacionais das vivências humanas, inclusive na relação com o uso e desuso de drogas, razão pela qual se faz relevante observar sua implicação nos sistemas dos indivíduos em suas trajetórias.

A despeito das controvérsias conceituais sobre religiosidade e espiritualidade, existem evidências cada vez mais crescentes que fenômenos que transitam nesta ordem estão associados à promoção da saúde mental (DALGALARRONDO et al., 2004; FLECK et al., 1999). Optamos aqui pelo termo experiência religiosa, pelo fato deste ser utilizado pela Psicologia e pela Psicologia da Religião para referir-se às vivências subjetivas, porém compartilháveis no nível discursivo dos indivíduos e grupos. Neste sentido, estudos nos quais foi abordada a experiência religiosa, são destacados por Moreira et al. (2006), Sanchez & Nappo (2012) e Poage, (2004), por apontarem esta como importante fator de proteção e reorganização de significados na promoção da saúde frente ao desuso de drogas. Tais dados fortalecem a ideia de que investigar a superação do uso de drogas atrelado à experiência religiosa consiste em um tema de grande relevância a ser estudado.

Sem diferenciar os termos, outros autores apresentam uma associação positiva entre religiosidade/espiritualidade e saúde mental (DALGALARRONDO, 2004; LEVIN e CHATTERS, 1998), inclusive como um fator protetor para o abuso de álcool e drogas. Esses dados corroboram outros estudos que afirmam que pessoas que possuíam vivências religiosas ou espirituais apresentaram fator protetor maior, mesmo quando expostos às condições de vulnerabilidade e risco social, frente o uso de drogas. Nestes levantamentos, a maioria delas diminuiu ou abandonou o uso da substância (ABDALA et al., 2010; SANCHEZ; OLIVEIRA; NAPPO, 2012; OAKES, 2000).

Todavia, a inclusão do tema religiosidade em estudos científicos é acompanhada por críticas e por olhares estigmatizantes, especialmente na psiquiatria e na psicologia, sendo necessário superar tais oposições que, via de regra negligenciam o tema por considerá-lo irrelevante e/ou caracterizam e classificam as experiências religiosas como evidências de psicopatologias (PARGAMENT; BRANT, 1998; FLECK et al., 1999).

Estas posturas opositivas divergem da própria OMS que vem discutindo intensamente uma proposta de inclusão da dimensão espiritual ao conceito de saúde (WHO/MAS/MHP, 1998), inclusive já havendo mesmo anexado conceitos como religiosidade, espiritualidade e crenças pessoais, no seu instrumento genérico de avaliação de qualidade de vida, o WHOQOL- 100, módulo SRPB (FLECK et al., 1999). Em países como Brasil, a inclusão da dimensão espiritual é de inquestionável relevância no que se refere ao uso/desuso de drogas, uma vez que a maior parte das instituições em prol dos chamados processos de recuperação e tratamento de usuários de álcool/drogas - comunidades terapêuticas e outras iniciativas -, é conduzida por pessoas e grupos vinculados a alguma confissão religiosa ou considera a dimensão religiosa/espiritual nas suas formas terapêuticas (SANCHEZ; NAPO, 2012).

Contudo, o que vem ser a experiência religiosa? Tomando como referência a definição de Vale (1999) e Ávila (2007) entende-se esta enquanto uma experiência vivencial e intuitiva de algo ou de alguém que o faz transcender, aparecendo de forma mais ou menos estável durante a vida do indivíduo e de forma mais intensa em momentos cruciais pontuais involuntários e imparciais. Pode criar determinada cosmovisão, crença estável, influência sincrética pelas distintas ofertas oferecidas pelo ambiente e pela cultura, assim como gerar atitudes, valores e ritos. Para Ávila (2007), todavia, mais que um conceito, a experiência religiosa remete a um caráter relacional de encontro e processo que geram transcendência: com o outro (em termos de relações interpessoais), consigo mesmo (em termos de relações

intrapessoais) e com o Outro (em termos de relações com Deus, o Transcendente ou com um “Ser Superior”, segundo as variações possíveis).

No tocante a constituição do campo denominado Psicologia da Religião, Ávila (2007), nos mostra que este foi se estruturando na década de 1880 com pesquisadores como Starbuck, Wundt, James, Leuba, Freud, Jung. É caracterizada enquanto a aplicação da Psicologia ao estudo da religião. Uma referência que indica provavelmente a primeira obra da Psicologia da Religião é a obra *Varietades da experiência religiosa*, de W. James, publicada em 1902. A configuração desta área do conhecimento passou por transformações teóricas e metodológicas que perdura até hoje, num diálogo permanente no seu ponto de unidade que é a busca de sentido do ser humano. O seu objeto de estudo é todo homem crente ou não, ou seja, o seu objeto é tanto a experiência religiosa do homem que se confessa crente como o fenômeno da incredulidade ou indiferença religiosa.

Assim, o estudo da experiência religiosa para a Psicologia da Religião tem como perspectiva descrever e sistematizar o elemento subjetivo do comportamento religioso, suas interações sociais, motivações, pertença, conversão, identidade, formação de atitudes, adesão aos valores, papéis sociais, práticas religiosas, maturidade, mudanças e outros elementos atribuídos a esta na experiência com o Sagrado (VALE, 1999). No entanto, o autor observa que

O objeto essencial da teologia – o Transcendente – não é psicologicamente atingível em si próprio. O que a psicologia, enquanto ciência pode descrever e sistematizar se circunscreve sempre no âmbito da subjetividade contextualizada de quem faz a experiência do sagrado e não ao sagrado enquanto tal (VALE, 1999, p.57).

Para Karl Rahner (1989, p.), a possibilidade que a pessoa tem de se colocar perante seu próprio sistema com suas atuais e futuras possibilidades, isto é, de questionar-se perante si mesmo em sua totalidade, é o que o faz um ser de transcendência em busca do infinito, visto pelo autor como “horizonte que sempre se retira para mais longe quanto mais respostas o homem é capaz de dar-se”. Segundo Boff (2000) e Pison (1997), todas as pessoas tem capacidade inata de transcendência, compreendendo esta como uma condição ontológica humana, do mais profundo de seu ser, apresentando-a também como capacidade de ascensão, superação, rompimentos de barreiras e fronteiras, de criar e recriar, de resignificar, de se projetar, sonhar e realizar. Para Catão e Sena (1997, p. 57), esta capacidade se faz presente na pessoa como uma “sede insaciável do infinito”.

Desse modo, Ávila (2007) chama atenção para que a Psicologia, em especial a Psicologia da Religião, desenvolva mais estudos sobre a relação entre a experiência religiosa e

um fenômeno em foco envolvendo pessoas, grupos e instituições. Portanto, temos razões suficientes para sustentar a pertinência da temática do fenômeno do uso de drogas em sua relação com a experiência religiosa no que diz respeito ao processo de transformação, superação ou transcendência, ou, ainda, em um termo sistêmico, de *autopoiese*.

A partir destas considerações, interessa-nos compreender *como ocorreu* a superação do uso da substância e onde se situa a experiência religiosa nessa relação de usuários que estiveram internados em uma comunidade terapêutica de orientação religiosa. Que novas relações se estabeleceram durante e após o período de internação naquela instituição? Somos chamados, como observa Neubern (2003, p.257) a procurar compreender a relação pessoa-droga tendo presente os processos em que ambas são imersas e integradas “[...] ao interjogo intersubjetivo, ao mesmo tempo social e individual, em que ganha sentido e significações específicas de grande importância para os sujeitos”.

A pesquisa que deu origem ao presente artigo teve por objetivo compreender como a experiência religiosa é situada na trajetória de pessoas que superaram o uso de drogas após a passagem destas por uma comunidade terapêutica e quais foram as repercussões desse desuso em seus sistemas de pertença. Adotou-se a Teoria Sistêmica voltada para os sistemas vivos e abertos, focada na situação-problema - o uso de drogas -, para compreender a visão do *sistema determinado pelo problema*, valorizando a interação recursiva mediada pela linguagem. A ênfase na recursividade - ir e vir -, e o afastamento da pretensão de objetividade em favor da intersubjetividade e legitimidade do acaso e da auto-organização, caracterizam o estudo como terminantemente vinculado ao pensamento sistêmico novo-paradigmático (COSTA, 2010).

3.2 Percurso metodológico

Optamos pela abordagem exploratória qualitativa por esta favorecer melhor acesso às narrativas que os sujeitos elaboram no que diz respeito aos significados e intencionalidade atribuídos aos fenômenos vivenciados individualmente e socialmente, assim como às relações que interagem entre si e com os outros (MINAYO, 2006; DENZIN; LINCOLN, 2000). Segundo Gonzalez Rey (2002), a pesquisa qualitativa se debruça sobre o conhecimento de um objeto complexo: a subjetividade, cujos elementos estão implicados simultaneamente em diferentes processos constitutivos do todo, os quais mudam em face do contexto em que se expressa o sujeito concreto.

Segundo Minayo e Sanchez (1993), as falas colhidas no contato com os entrevistados em seus ambientes específicos e diferentes contextos, constituem dados de grande importância na pesquisa qualitativa. Para acessar a desordem do fenômeno estudado, sua natureza complexa, paradoxal e imprevisível, e, ainda, o efeito propulsor da intersubjetividade a partir da aliança entre pesquisador e participantes, destaca-se metodologicamente a importância da *narração* como mediação da leitura do fenômeno. Bateson (1976) refere-se ao padrão que liga, ou seja, as relações existentes entre as partes, priorizando mais a relação comunicacional do que as partes em si. Este autor destaca a importância do padrão comunicacional existente através do tempo, como ressalta Vasconcellos: “[...] as histórias são um ótimo caminho para o estudo das relações, uma vez que, nelas, o importante não são os objetos, nem mesmo os personagens, mas as relações entre todos os elementos” (VASCONCELLOS, 2006, p. 237).

A narração é uma das formas mais antigas de comunicação da qual a pessoa faz uso na sua experiência de vida, como sujeito social e cultural (BRUNER, 1990). Significa recontar, doar e compartilhar uma parte de si às pessoas que escutam. Na narração a pessoa conecta as dimensões temporais e espaciais, levando em conta suas intenções, motivações, valores e expectativas (DEMETRIO, 1996). Através dela há uma possibilidade de criar, recriar, significar e resignificar uma versão diferente de si mesma, de um evento ocorrido, de uma relação vivenciada, frente um público disposto a escutar (TELFENER, 2006).

Os dados foram gerados por meio de entrevista semiestruturada em profundidade, sem contudo limitar as falas ao roteiro-guia. Priorizamos, acima de tudo, a construção de um espaço relacional que favorecesse o reconhecimento do sujeito e sua história. Foi utilizado ainda um diário contendo registros da observação participante realizada no período de imersão no campo, quando o pesquisador visitou a instituição na qual os participantes estiveram enquanto internos e nos locais de realização das entrevistas, a saber a residência dos sujeitos ou igreja a qual frequentavam.

No presente artigo discutiremos sobre as narrativas de quatro participantes que declararam estar em condição de desuso de drogas no momento da entrevista há mais de um ano, sendo todos do sexo masculino com idade entre 32 e 38 anos, egressos de uma instituição de orientação religiosa católica que lida com a dependência química, a saber, a Fazenda da Esperança, localizada em Manaus (AM). As entrevistas foram realizadas individualmente, tendo sido respeitadas as questões éticas pertinentes segundo a Resolução CNS196/96. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Amazonas

(UFAM) conforme, parecer 482.521/2013. Na discussão dos resultados, os mesmos serão tratados a partir de nomes fictícios, sendo mantida, porém, sua idade real.

3.3 Resultados e Discussão

A coligação da Teoria Sistêmica à abordagem qualitativa favorece a compreensão do fenômeno em sua complexidade e intersubjetividade. Em consonância aos pressupostos teóricos, escolhemos como enfoque as categorias de análise que, dentro desta perspectiva, permitem identificar o devir e as relações de incerteza e complementaridade. São estas o *processo*, o *contexto* e a *imprevisibilidade*. Quanto às categorias pertinentes à temática das drogas e da experiência religiosa, foram consideradas a *superação*, a *transcendência*, a *experiência religiosa* e o *encontro*.

Sistemicamente quando falamos de *processo* e *contexto* frente um fenômeno estudado, entendemos que essas categorias coexistem em nível de relação interdependente, complexa e imprevisível, mas também com profunda vinculação com o *tempo* o *espaço* sistêmico (BOSCOLO; BERTRANDO, 2012; TELFENER, 2011; RESTORI, 2011).

A partir da ideia de movimento, por *processo* se compreende um conjunto de etapas sucessivas de acontecimentos pelos quais os elementos de um sistema se transformam tanto na interação com outros elementos de seu sistema de pertença, quanto na relação estabelecida com outros sistemas e subsistemas (COELHO, 2006). Na ótica sistêmica o *processo* supera a visão linear de querer saber o *por que* do evento, conflito ou problema estabelecido. O processo, ao invés, nos impulsiona ao *como* isso ocorreu e está ocorrendo; situando o fenômeno estudado e, portanto, também o contextualizando.

Quanto ao significado de *contexto* na ótica sistêmica Bateson (1976) nos chama atenção ainda para um novo olhar sobre o contexto como ideia de método, superando a visão deste como objeto externo a nós, como sistema de pertença, observável e mensurável, sem, contudo, excluir a importância do ambiente e dos elementos socioculturais. Bateson afirma que “Sem a identificação do contexto não se pode entender nada. [...] O contexto é a matriz dos significados atribuídos pela própria pessoa” (BATESON, 1976, p. 146). Como categoria mental, o contexto passa a existir somente na relação, portanto, é processual e recursivo, determinando os significados e as novas formas através das quais se redefine e se resignifica novamente o sentido do contexto. No mais, quando falamos de *contexto*, mais do que um lugar

físico, concordamos ainda com Telfener (2011, p.36) quando afirma que este “é uma interação organizada de regras, funções e expectativas de todos aqueles que constituem um sistema e que interagem em um espaço de significados atribuídos por estes e pelos que fazem parte de seu sistema relacional”.

Por instabilidade entendemos como processo de tornar-se em transformação contínua e formado por constante auto-organização. O que observamos nos processos e contextos do sistema dos participantes que estão sempre em mudança, no vir a ser e tornar-se (VASCONCELLOS, 2006).

Para facilitar essa compreensão processual, organizamos as falas dos participantes em áreas ou campos descritivos no que diz respeito à experiência religiosa vivenciada por estes no início, durante e após a saída da Fazenda da Esperança. Contudo, apresentaremos inicialmente cada um dos sujeitos ouvidos.

3.3.1 Conhecendo os participantes da pesquisa

- Lucas 38 anos. *Ao receber amor concreto, procura dar amor.*

Reside em um bairro da Zona Leste de Manaus, trabalha como gerente de loja, é casado e, no momento da pesquisa, sua esposa estava grávida de uma menina. Relata que iniciou o uso de droga aos oito anos de idade, juntamente com o irmão mais velho, o qual era usuário e traficante, tendo sido morto em São Paulo. Afirma ter usado maconha, cocaína, *crack* e bebida alcoólica. Para satisfazer a vontade de familiares, passou por duas instituições de recuperação. Foi usuário por cerca de 4 anos. Permaneceu na Fazenda da Esperança de Manaus buscando superar o uso de drogas no período de 12 meses (de 2010 a 2011). No momento da entrevista declarou estar em desuso de drogas há quase três anos.

- Luiz, 33 anos. *Na busca de ser, não desiste de si mesmo e do outro.*

Casado, reside em um bairro da Zona Centro-Sul de Manaus e trabalha como supervisor de sistemas. Relata que o uso de droga iniciou aos 16 anos de idade, junto a um grupo de amigos do condomínio onde residia. Afirma ter usado maconha e cocaína ao longo de 12 anos. Passou pela Fazenda da Esperança de Manaus buscando superar o uso de drogas no período de 12 meses (de 2007 a 2008). No momento da entrevista declarou estar em desuso de drogas há

quase seis anos. Comentou: *No início procurei o suicídio, não acreditava mais em mim. Foi quando procurei a minha família. Abri o coração, falei que não aguentava mais. Já estava como mendigo e precisava de uma chance.*

- Leonardo, 33 anos. *Ao se identificar com o totalmente Outro, doa-se ao outro.*

Reside em um bairro da Zona Centro-Sul de Manaus, casado com dois filhos, é funcionário público e possui, ainda, uma microempresa. Relata que o uso de drogas iniciou aos 13 anos, junto a um grupo de amigos. Afirma ter usado maconha, cocaína e bebida alcoólica. Passou pela Fazenda da Esperança de Manaus buscando superar o uso de drogas no período de 12 meses (de 2001 a 2002). No momento da entrevista declarou estar em desuso de drogas por volta de 14 anos. *Antes de entrar na Fazenda tentei me matar e estava ameaçado de morte.*

- Leandro, 32 anos. *No cuidar do Outro encontra a sua força.*

Reside em um bairro da Zona Centro-Oeste de Manaus, é casado com três filhos e trabalha como balconista em uma loja de materiais de construção da família. O uso de drogas iniciou quando tinha 11 anos, junto ao irmão e um grupo de amigos. Afirma ter usado maconha, cocaína, merla e *oxi*. Passou pela Fazenda da Esperança de Manaus buscando superar o uso de drogas no período de 12 meses (de 2009 a 2010). No momento da entrevista declarou estar em desuso de drogas por volta de quatro anos.

3.3.2. O processo de superação

3.3.2.1 O primeiro mês

No começo da superação fui aprendendo e fui me autoconhecendo. É como o apóstolo Paulo dizia: “examine pois o homem a si mesmo”. Fiz um exame de consciência. Aprendi neste tempo a perguntar pra mim mesmo: O que eu fiz? Eu fui útil no que? O que eu fiz para o meu próximo? Eu constitui uma família? Fui quebrando vários paradigmas. Foi assim que eu fiz no começo (Lucas, 38).

O movimento de mudança em Lucas articula-se à experiência do contato com a Palavra de Deus tirada da Carta de São Paulo: “examine pois o homem a si mesmo”, que sugeriu a este uma nova relação consigo a partir de uma reflexão, uma tomada de consciência

de si mesmo do seu projeto de vida e que o leva romper vários paradigmas. Experiências semelhantes à de Lucas foram observadas durante o período de observação na instituição, na prática intitulada “Palavra de Vida”, que era realizada todos os dias em cada grupo na instituição.

Eu procurei no início dedicar a fazer a vontade de Deus. A minha vontade era sair e usar droga. Eu ia para a missa com dedicação e atenção. E me colocava na frente para não me distrair (Luiz, 33).

Percebe-se na fala do Luiz o conflito resultante do desejo de sair daquele espaço e usar drogas e da experiência narrada de dedicação à vontade de Deus. A consciência do conflito parece fundamental ao fortalecimento da determinação, sem distração, para não perder o foco das atividades religiosas. Por isso procura ficar na frente, “mais próximo de Deus”. O conflito parecer ter auxiliado o desencadear de uma relação de entrega e confiança com o Transcendente, com o grupo que proporciona o rito, a Palavra de Deus, cria-se um ambiente de encontro com o outro.

No começo eu não acreditava em (...) Deus e Nossa Senhora. Foram acontecendo fatos e perguntas que (eu) tinha no coração. No momento da missa, quando o padre ia falar, parece que era pra mim. Eram respostas para as perguntas que estavam dentro do meu coração (Leonardo, 33).

Durante um dos ritos religiosos, mediado pela presença do sacerdote, Leonardo relata uma experiência religiosa em que questões importantes de sua vida adquirem contornos de cunho espiritual, questões estas que o mesmo também buscou respostas a partir da perspectiva que haviam assumido: via religiosidade.

Tinha um grupo de cinco que estava há um mês na instituição. Fizemos um propósito de 'depositar nosso descanso', que era depois do nosso almoço. A gente ia para o sacrário rezar até a volta para o trabalho da tarde; isso durante 11 meses (Leandro, 32)

O sentido de 'depósito do descanso' é vinculado à experiência religiosa. A prática que envolve esta ação envolve apoio de grupo e perseverança. O que foi mantido por quase um ano, segundo o participante.

Nas narrativas colhidas, é possível perceber a importância atribuída ao componente religioso, o qual se integra às suas experiências, sobretudo relacionais. Ainda que tanto a

experiência religiosa quanto o desuso de drogas sejam comumente compreendidas como algo de cunho individualizado, observamos que ela é simultaneamente pessoal e relacional/interativa, como percebemos na fala de um dos participantes: [...] *estavam dentro do meu coração (Leonardo, 33). E me colocava na frente para não me distrair (Luiz, 33). A gente ia para o sacrário rezar (Leandro 32)*

Consonante aos princípios sistêmicos, Glock (1965) contribui dizendo que a experiência religiosa deve ser colocada sempre em perspectiva subjetiva mais ampla possível, nunca estática, mas processual, portanto, observada e compreendida em termos de movimento organizado em quatro dimensões principais que se interconectam:

A dimensão experiencial: é frequentemente a ela que nos referimos ao falar cotidianamente de experiência religiosa. Essa dimensão é idiossincrática e fortemente colorida pela emoção; é intransferível. Como observamos nas falas anteriormente citadas: *É como o apóstolo Paulo dizia: “examine pois o homem a si mesmo”. Fiz um exame de consciência (Lucas, 38). Foram acontecendo fatos e perguntas que tinha no coração (Leonardo 33).*

A dimensão ritual: implica as práticas religiosas distintivas da pessoa ou do grupo em questão; [...] *No momento da missa, quando o padre ia falar, parece que era pra mim (Leonardo, 33). Fizemos um propósito de depositar nosso descanso, que era depois do nosso almoço. A gente ia para o sacrário rezar.*

A dimensão ideológica: referente as crenças e convicções doutrinais e outras; [...] *A gente tem que ser cristão em todos os lugares (Luiz, 33).*

A dimensão consequencial: que abrange de modo direto a conduta moral e comportamental ética, tipicamente proposta e exigida pela adesão do grupo de pertença ou à fé professada. [...] *procurei dedicar a fazer a vontade de Deus (Luiz, 33).* A respeito desta dimensão Leon (2003) nos estudos das Comunidades Terapêuticas destaca que é a etapa que se verifica se o participante aderiu às regras, ritos e se sente pertencente ao grupo e se o processo de mudanças no comportamento começam a aparecer.

Percebeu-se que em cada um dos participantes no início da superação, a experiência religiosa foi organizadora deste momento de modo singular: um vivenciando conflito entre a vontade de Deus, buscando-a para não ceder à sua própria vontade de uso da droga, outro participante potencializado pela demanda de encontrar respostas, as quais foram encontradas, segundo o mesmo, por meio da auto reflexão resultante do encontro consigo mesmo sugerido pela Palavra de Deus, enquanto outro vivenciou esta aproximação religiosa por meio da prática

de oração com o suporte de um grupo. Todas as experiências foram relatadas como os levando a transcender o modo com o qual se relacionavam consigo próprios.

3.3.2.2 Após os primeiros meses

[...] O tempo foi passando [...] Era uma busca. [...] E eu sabia que naquele momento ia ao encontro com Deus. Depois daquele momento não sentia vontade de usar. Abstinência! Vinha aquele pensamento (Luiz, 33).

[...] Então eu explico como isso foi acontecendo [...] Eu comecei a entender que tinha Alguém (Deus) que se preocupava comigo, mesmo que eu tivesse na droga ou no mal que praticava (Leonardo 33).

Rezávamos o terço do amigo, uns pelos outros e para os que estavam aqui fora. Eu vi a mudança no colega (F.) [...] Por isso que eu digo que a experiência religiosa tem tudo a ver com a minha superação (Leandro, 32).

As narrativas remetem ao imprevisível, recursivo e relacional. Luiz toma a iniciativa de ir ao encontro do transcendente e com isso transforma-se vencendo o desejo de usar a droga. Já com o Leonardo foi o contrário, o Transcendente veio ao seu encontro, sabia que tinha alguém (Deus) que se preocupava com ele. Quanto ao Leandro, o seu encontro se deu com a mudança do colega, onde ele percebeu que como a mudança no outro foi possível através de suas orações, o mesmo poderia ocorrer com ele.

Este encontro para Glock (1965) e Vale (1990) é compreendido na experiência religiosa como o conjunto de todos os sentimentos, percepções e sensações vividas por um sujeito ou definidos por um grupo ou sociedade como sendo relacionado a um tipo de comunicação com a essência divina, isto é Deus, também entendida como a realidade última ou autoridade Transcendente. Foi o que se observou nas falas de Leonardo, Leandro e Luiz.

No entanto, Vale (1990), Wullf (1991) e Martín-Baró (1998) recordam que a experiência religiosa assumida e vivenciada pela pessoa ou um grupo deve remeter ao sentido último de busca de elevação da humanidade de cada um que a vivencia. Contudo, o sentido de unidade, unicidade e de originalidade não deve ser alterado, uma vez que a experiência religiosa além de ser única e irrepetível, é condição humana, portanto, de todos e para todos, mas nunca fechada, pois exige abertura à infinitude.

3.4. Amor que transforma. Superação envolta a uma rede de apoio social solidária.

Com a experiência religiosa consegui deixar de usar a droga pelo fato de saber a importância do ser humano, em ser uma pessoa digna. Ela (a experiência religiosa) restaurou a minha vida e o meu ser. Houve toda uma mudança na minha vida (Luiz,33).

A experiência de Luiz o faz compreender que é humano, digno. O encontro com o transcendente restaura o seu ser, provocou uma mudança profunda na sua forma de ser e existir.

Eu aprendi a essência do que é o amor. Eu recordo de uma vez que eu peguei malária. Os internos lavavam minhas roupas e minhas cuecas, faziam caldo de caridade, cuidavam de mim, faziam chá porque eu estava de cama. Um outro fato: a minha mãe faleceu no mês de novembro, em São Paulo, e todos os colegas, sem exceção, iam no quarto dar um abraço, uma palavra de conforto e ficavam comigo. Esta é uma experiência concreta de amor. As pessoas que não conhecem o que é o amor poderiam dizer para os internos e dizer: “vocês são só ‘noiados’, bandidos, escória da sociedade... Mas quando a gente acredita no amor a gente se transforma. Esta é uma prova de amor que preenche (Lucas, 38).

O cuidado do outro na vida de Lucas o faz experienciar o amor concreto. O imprevisível que aparece na sua doença, na morte de sua mãe, na condição dos colegas usuários de drogas, transforma em atos concreto do amor, solidariedade e caridade. Ao acreditar no Outro, revelado no rosto daqueles que são considerados pela sociedade como “drogados”, surge a possibilidade de criar novas relações e homeostase dentro do sistema em crise.

Eu era egoísta. Queria as coisas tudo pra mim. Na Fazenda aprendi que era ao contrário: primeiro o outro. Lembro que a gente ia comer, colocava a galinha na mesa. Geralmente queria pegar a parte melhor da coxa: a asa. E assim era automático. Depois fui percebendo através das pequenas experiência que a melhor parte tinha que deixar para o outro. Fui percebendo que se eu quero bem pra mim, preciso também querer o bem para o outro. Entendi que sou imagem e semelhança de Deus. Eu precisava fazer a minha parte como cristão. Então da minha abertura de coração e de cabeça, tudo partiu da experiência religiosa (Leonardo, 33).

A identificação com o Transcendente narrada por Leonardo provoca a mudança em sua própria identidade. Ao deixar o egoísmo e reconhecer o outro, passa a compreender que ser o Outro ou totalmente Outro, é deixar o outro ser. Ao deixar o outro ser torna-se semelhante ao Transcendente. O processo e a recursividade, o ir e vir do encontro provoca a socialização humanizada (MATURANA, 2011).

Um dia, lá na Fazenda, um amigo estava com febre, uma infecção urinária. Estava muito mal. Eram já duas 2 horas da madrugada. Eu peguei ele no colo e levei ele pra debaixo do chuveiro. Os dois abraçados. Ele se tremendo. Era de madrugada e a gente tomando banho. Ele doente e eu lavava a cueca dele, a roupa [...] Fazia chá e suco, levava comida na boca dele [...] É isso! Eu mudei de vida. Eu era um cara muito ignorante, estúpido [...] Só queria saber do meu quadrado. Os outros para mim não interessavam (Leandro, 32).

É na prática do cuidar do outro que Leandro tece as suas relações e encontra a força para a sua mudança. A mudança que prova um novo olhar para si mesmo, que sai da ignorância e o leva a interessar pelo outro, doente e caído. O cuidar do outro passa ser encontro relacional que muda a vida de Leandro, que, para ele, vincula-se à experiência religiosa.

O encontro de transcendência aparece nas categorias tempo, processo, imprevisibilidade em todas narrativas dos participantes de forma diferente, mas todas levam a uma homeostase do sistema. Os participantes organizam sua vida neste momento em que se encontram abstêmios, a partir de um novo ponto de equilíbrio e sentido, apresentado como resultado da religiosidade.

Portanto, Pádua (2013) chama atenção para o fato que numa sociedade plural em que a experiência religiosa apresenta múltiplas formas, é preciso aguçar a sensibilidade para perceber os *espaços de transcendência* numa perspectiva integrada, privilegiando os lugares antropológicos, não confessionais e não institucionais abertos ao diálogo, sem com isso desvalorizar a importância institucional para a vivência da fé em termos de experiência religiosa. Esta perspectiva integrada nos *espaços de transcendência* deve remeter a experiência religiosa em termos de espaços de vivência subjetiva *interior, inter-relacional*, mas também *ética*.

Sobre o espaço de vivência subjetiva *interior* a autora afirma que a experiência de Deus/Transcendente no interior humano, conhecido como coração, é uma das grandes experiências do Deus judeu-cristão (PÁDUA, 2013). Outros autores (Grumbrecht, 2010; Rigacci Jr, 2008) comentam que a experiência religiosa possibilita à pessoa um encontro com Deus/Transcendente e consigo mesma, não em termos de imposição, mas de respeito à

liberdade de quem busca e do Transcendente que quis se revelar gratuitamente e de forma transparente.

Outro dinamismo desenvolvido a partir de uma experiência religiosa vista na literatura como saudável é o da *gratuidade do desejo*, bem diferente e contrária à busca de uma experiência religiosa que parte apenas da necessidade egóica de satisfazer-se, ou que o Deus/Transcendente satisfaça apenas aquilo que a pessoa pede, deseja ou necessita. O Deus/Transcendente para uns não é um “tapa buraco”, “quebra-galhos” um banco de crédito, um provedor de plantão disponível para resolver os problemas daqueles que o buscam ou merecem, como mostra (GARCIA RUBIO, 2008).

A experiência religiosa deve conduzir as pessoas às vivências relacionais de gratuidade, que brota do desejo de buscar e encontrar com Deus/Transcendente sem, contudo, querer manipulá-lo, condicioná-lo, pois, ao mesmo tempo em que a busca de Deus/Transcendente é busca, é também desejo, convite, proposta, chamado, graça. Busca essa não marcada pelo medo de punição ou castigo de Deus/Transcendente, tampouco por não merecer seus favores, aqui compreendido como graça. Toda experiência religiosa que porta às pessoas medo de Deus/Transcendente é desviante, pois a experiência religiosa deve levar à vivência do amor gratuito no encontro com os outros.

O que observamos nas narrativas de Luiz, Lucas, Leonardo e Leandro, que cada um construiu as suas relações com o transcendente se deram um na experiência no ser, no receber, no dar e no cuidar. Estas relações foram tecidas nos vários contextos, no tempo certo, nos acontecimentos dos fatos e nas relações recursivas. Todos de maneira única construíram uma vivência do amor gratuito e concreto, sendo tal vivência um atributo das mudanças no âmbito da religiosidade, segundo os mesmos.

3.4.1 Continuidade após a saída da internação: uma superação processual

3.4.2. A experiência religiosa como suporte

Fui parar durante 40 dias na penitenciária. Sobrevivi buscando Deus rezando todos os dias e pedindo que Ele me fortalecesse. Depois chegou uma outra intimação de 20 a 30 anos de cadeia. Eu tinha um sonho de ser pai e a minha mulher engravidou. Com um mês e quinze dias perdi meu filho. Perguntei para Deus: “O Senhor me livrou das balas e das

drogas, mas por que o meu filho senhor? Mas, entrego tudo isso nas mãos de Deus e todos os dias faço a minha oração, em particular, pedindo forças (Leandro, 32).

A sobrevivência de Leandro no processo de superação fora da instituição incluiu a vivência de momentos entendidos como místicos e os momentos imprevisíveis, tornando-se estes fundamentos de nova forma de relacionar com o Transcendente e consigo mesmo. Nesta experiência, cresce a confiança, a esperança numa conversa de alguém que está diante da perda, incerteza do que será sua vida e que se entrega a Deus numa atitude de confiança. O encontro, a possibilidade de conversar (rezar, ler a palavra) e dizer, perguntar, questionar ao Transcendente. Esta conversa fortalece a esperança e recria a confiança a cada dia para superar as adversidades da vida. De cuidador, Leandro passa a ser cuidado, carregado no colo pelo Outro/Transcendente. A confiança em Deus leva aceitar até aquilo que no momento não é compreensível (morte do filho que era muito esperado). Toda a sua confiança experienciada e aprendida durante o seu processo de recuperação no encontro de oração no sacrário com amigos, torna-se suporte, o religa ao sistema religioso.

A gente tem que ser cristão em todos os lugares. Estava trabalhando dentro do bumbódromo de Parintins. Fiz o meu trabalho, fiquei lá dentro sem beber, sem usar droga e apenas fazer meu trabalho com amor; sem trair minha esposa porque a tentação é grande. Lá, pude ser cristão. Procuo ajudar e fazer como Jesus fez realmente. Tem três desses amigos que deixaram de usar drogas. Eu procuro amar o próximo e viver o amor (Luiz, 33).

A experiência religiosa aparece como suporte de identidade cristã para o Luiz que procura viver este ser cristão no espaço de trabalho de forma gratuita que transforma as relações, ao socializar é transformado e transforma o outro, compartilha da sua experiência religiosa, da sua superação com uso de droga, na maneira de ser, livre, consciente, de seu papel de amar o próximo e viver. E dispõe-se para ajudar aos amigos que querem sair do uso de droga.

Acredito que o sucesso desses 13 anos limpo, aonde não ficava nem um dia sem a droga, é graças a vida religiosa que procuro viver (Leonardo, 33 anos).

Assim, a experiência religiosa nesse encontro com Deus/Transcendente possibilita, dinamiza e dilata este espaço na vivência do amor gratuito, uma vez que promove a pessoa, pois as pessoas se veem, sobretudo, como consciência diante do mundo das coisas, assumindo uma postura ativa de sujeitos que atribuem às coisas novos significados e que

buscam a transformar-se e transformar o mundo no qual estão inseridos, para si e para o outro no encontro com o Outro (Deus/Transcendente). Portanto, “[...] os espaços de transcendência provocam, de maneira privilegiada, a descoberta da alteridade, experiências de comunhão e encontro. Desta comunhão brota a intuição, o pressentimento e a experiência da Transcendência que é a Alteridade” (PÁDUA, 2013, p.24). Como na fala de Luiz busca no encontro com o amigo, na sua nova forma de viver a continuidade da experiência religiosa transformadora. *Tem três desses amigos que deixaram de usar drogas. Eu procuro amar o próximo e viver o amor (Luiz, 33).*

3.4.3 Experiência Religiosa superação com impacto nos sistemas de pertença

3.4.3.1 Família

Na minha família, engraçado, eu era o excluído, o que estava sempre em último plano. As pessoas sempre desconfiavam de mim. Depois desta experiência na Fazenda, deste novo estilo de vida, qualquer decisão que vai ser tomada na família ou alguma coisa a ser feita, as pessoas vêm perguntar: “o que você acha?”. Devo tudo isso a Deus, vivo e concreto (Leonardo, 33 anos).

Durante o processo do desuso de droga e a experiência religiosa provocou neste percurso mudanças no sistema familiar de Leonardo na relação de confiança e no lugar de pertença neste sistema. A confiança, antes rompida pelo uso de drogas, ocasionando a instalação de uma crise no sistema, é restaurada por ter como suporte a vinculação com a religiosidade e o sentido de transformação que esta sugere operar nos fiéis. E, agora a trajetória que juntos construíram de confiança mútua, o incluí dentro do sistema de pertença, a sua família, numa vivência de reconhecimento, necessária à manutenção do sistema e suas normas de pertencimento.

Olha só, hoje, aqui em casa, eu cheguei às quatorze horas e trinta minutos. Eu almocei. O que fui fazer? O que o velho homem não fazia. Eu peguei a vassoura e varri a casa; e lavei aqui fora. Minha esposa foi dar uma descansadinha (está grávida). Eu poderia estar descansando. Mas eu tive uma mudança de atitude (Lucas, 38).

Ao receber na sua trajetória de superação, Lucas também torna capaz de dar, doar-se ao próximo, o movimento recursivo, imprevisível no sistema que agora pertence, a sua esposa que está grávida, é integrada com o antes aprendido no doar-se dos irmãos durante o processo de superação do uso de drogas na Fazenda quando estava doente e foi cuidado, a sua atitude de um novo homem torna-se concreta na sua família.

3.4.3.2 Trabalho e estudo

Na instituição comecei a ter vontade de estudar fiz o supletivo do ensino médio lá dentro. Quando saí, prestei vestibular e ingressei na faculdade. E eu comecei a viver a espiritualidade no meu trabalho. Passava o dia trabalhando e de lá, ia para faculdade. Às vezes ia para faculdade com fome, mas sempre com a fé em Deus. Eu falei: “nunca vou desistir, mas vou continuar nessa caminhada”. No meu trabalho procuro fazer as coisas com amor, honestamente sendo fiel nas pequenas coisas. Quando saí da Fazenda não tinha nem RG. Entrei na empresa como motorista. E depois de cinco anos, sou engenheiro. Atribuo tudo isso não somente ao trabalho, mas a Deus e a ser uma esperança viva (Luiz, 33).

A experiência religiosa de Luiz é apresentada como propulsora para que um outro “eu” se constituísse. A busca pelo estudo, a identidade própria que vai sendo forjada no trabalho na vivência de amor ao próximo é apresentada como experiência transformadora de si e que transforma os outros. O caminho percorrido o faz tornar confiante e não desistir de si mesmo, atribuindo à experiência religiosa a transcendência que restaura a sua vida e seu ser.

3.4.3.3 Na comunidade/bairro e no compromisso social

Olha, aqui na comunidade uma vizinha ficou doente e eu tomei a frente. “Pessoal, vamos organizar um bingo, arrecadar recurso pra ajudar a mulher[...]” “Eu me preocupo com os outros. A minha vida religiosa é muito ativa. No primeiro sábado do mês ajudo a distribuir sopa no centro (Leonardo, 33).

A continuidade da experiência religiosa de Leonardo transcende a esfera individual, perpassando os sistemas sociais, a comunidade e o grupo de rua. Esta experiência

de transcendência é definida através da prática vivencial do dar. Um sistema que auto se regula ao passar por outros sistemas cria uma nova força capaz de transformar e auto-regular, cria um campo de força de solidariedade. Os sistemas sociais da comunidade o fortalecem na superação do uso de droga, à medida em que se conectam via nova dinâmica relacional que Leonardo passa a estabelecer como participante ativo da transformação da própria comunidade onde vive.

Eu e minha esposa, a gente quebra um paradigma. Antes de casar frequentava a Igreja (evangélica) do Nazareno. Na igreja que frequento (Assembleia de Deus), quando iniciei, falei para o pastor e dirigente. Ele disse: “meu filho, não há nenhum problema, seja bem-vindo. E contei outra história: eu participo todos os sábados do (GEV) e não abro mão. [...] levo sopa aos moradores de rua do centro de Manaus com grupo de voluntários. Ele disse: “vá em paz! Que bom que você faz isso” (Lucas, 38).

Lucas, ao falar de quebras de paradigmas, constrói uma consciência de si mesmo e do outro. A experiência religiosa no processo de superação na internação com elementos religiosos católico, foi um aprendizado com a diversidade, que o leva também a dialogar no retorno a prática da sua religião pentecostal, sem deixar suas escolhas e atividades que o fortalece na superação do uso de droga, a ajuda aos grupos GEV e a sopa aos moradores de rua. Os novos sistemas de pertença se tornam a rede de apoio ao ser aceito pelo pastor e reafirmar as atividades que ativa e evolui os recursos de superação, a solidariedade e o voluntariado.

A partir da ótica da graça e da gratuidade, a experiência religiosa é também caminho novo que conduz a pessoa à reconstrução e resignificação da própria história de vida, procurando superar o medo, abrindo espaços para a criatividade, para a coragem e para a explosão de querer compartilhar com os outros o que se está experienciando, acreditando e vivendo. Por mais que seja uma busca interior, a experiência religiosa extrapola o que somos e nos faz transcender, sair de nós mesmos por meios de atitudes de doação solidária para os outros e com os outros. Não se trata, porém, como afirma Pádua (2013) de identificar unicamente Deus/Transcendente com o outro (próximo). “A lógica está em que a descoberta da alteridade do outro leva a presença de uma Alteridade” (GESCHÉ, 2004, p.28).

Assim, desprendidos de nós mesmos, chegamos ao outro libertos de toda tendência de impormos uma vontade que lhe seja alheia, respeitosa de sua própria personalidade, de suas necessidades e de suas aspirações. Dado que o próximo é o caminho para chegarmos a Deus, a relação com Deus será a condição necessária para o

encontro, para a verdadeira comunhão com os outros (GUTIERREZ, 1984, p.125).

Desse modo, “no amor ao próximo, Deus é praticado e agido” (Pádua, 2013, p. 29), num *espaço ético* de partilha, doação, comunhão e encontro foi identificado na narrativa de Luiz, Lucas, Leonardo e Leandro. O Outro (Deus/Transcendente) se apresenta como *rostro* que se revela e se impõe, mas não de forma violenta, mas de forma a ultrapassar, a cada momento, nossas próprias medidas e esquemas, exigindo uma atitude ética, uma resposta positiva, ou seja, um ir além de si mesmo (LEVINAS, 1988). Entretanto, Pádua (2013) observa que a ética, nesse caso, supera a questão unicamente comportamental, pois brotada da experiência religiosa, atinge a pessoa em sua liberdade mais profunda, também como ser moral, doando à pessoa novas possibilidades de escolha, criando caminhos novos de superação, organização, novas buscas, encontros e envios.

Este encontro com o outro e o Outro provoca mudança de vida, de conduta, abertura para realidade que envolve a pessoa, tornando-a consciente de si, mas em unidade com os outros, ou seja, uma experiência que provoca uma compaixão integradora e reconciliadora com o universo e com o sagrado. Esta experiência leva à vivência do amor, de se sentir amado e de amar o outro, sustentado e enriquecido na gratuidade, portanto, que o faz transcender (TEIXEIRA, 2005).

3.4.4 Os vínculos com a Fazenda da Esperança no processo contínuo de superação

Faço parte do Grupo Esperança Viva (GEV) aonde sou coordenador e sou engajado. Lá, tem a oração do terço e a leitura da Palavra, todos juntos. Depois, divide-se em grupos as famílias que ficam numa sala. Na outra sala ficam os que passaram pela instituição para trocar a experiência da Palavra de Vida. Como foi a semana? Como está a alma e o trabalho? No final se reúnem todos juntos. Aí vem os testemunhos e agradecimentos. Está é uma forma de abastecer nossa espiritualidade (Luiz, 33 anos).

Quando você sai da instituição você tem que continuar a superação. É importante você participar de um grupo. Eu faço parte do GEV nos sábados e sou um dos responsáveis. Ajudo a puxar o terço, faço a leitura do evangelho e falo da Palavra; oramos juntos, e nos domingos, vou à Igreja Assembleia de Deus com minha esposa (Lucas, 38).

As atividades continuadas dos ex-usuários alimentam a superação do desuso de drogas recriando novos sentidos com a oração, com a prática da Palavra de Vida, a conversa, na troca com outros usuários, o testemunho. Estas atividades tornam-se força e espaço para repensar e viver as relações. É um processo relacional, que alimenta na conversa que vai e vem no grupo, fortalece o sistema e na construção da sua homeostase.

A relação construída na rede de apoio social dos participantes na busca de superação do uso de drogas os possibilitou redesenhar os caminhos para seu projeto de vida frente aos seus sistemas de pertença tais como a família, o aspecto laboral, a comunidade ou bairro onde residem, a comunidade ou grupo religioso que pertencem, a manutenção do vínculo com a instituição por onde passaram. Tudo isso os fez procurar não esquecer a condição em que estiverem imersos, ou seja, de usuários de drogas, mas ao contrário, de desenvolver uma sensibilidade capaz de ajudar outras pessoas a superarem tal condição. Alguns vincularam-se a grupos de autoajuda, no presente estudo chamados de Grupo Esperança Viva (GEV), onde a experiência religiosa encontra espaço de sustento como metodologia de reflexão, ação e sustento para ex-egressos da Fazenda da Esperança, suporte de continuidade de superação, mas também espaço de testemunho para outras pessoas que aguardam uma possibilidade de entrada na Fazenda da Esperança. Portanto, espaço de partilha e coresponsabilidade de todos os envolvidos.

Sluzki (2003, p.15), como importante teórico sistêmico, compreende e defende a importância das redes de apoio social no estudo dos fenômenos humanos:

Conjunto de seres com quem interagimos de maneira regular, com quem conversamos, com quem trocamos sinais que nos corporizam, que nos tornam reais. De fato, essa experiência coerente no tempo e no espaço constitui nossa identidade e se constrói e reconstrói constantemente no curso de nossas vidas com base em nossa interação com os outros [...] esses outros [...] co-construtores, fazem parte intrínseca de nossa identidade.

Portanto, nas redes sociais são tecidas e entretecidas as novas relações que configuram a identidade dos participantes num percurso processual construída no cotidiano.

3.5 A experiência religiosa como suporte na continuidade da superação no dia a dia.

[...] Mas nada de ter convulsão até os dias de hoje. Procuo fazer as orações todos os dias, colocar a Palavra de Vida em prática. Quero ser esperança viva nos grupos que estou engajado, pois não cortei o cordão umbilical com a Fazenda. Eu consegui levar esse Deus

todo maravilhoso no coração das pessoas, sem falar de Deus, sem tentar enfiar a palavra de Deus na cabeça das pessoas. Mas através da minha vivência da Palavra eu consegui levar Deus através dessas pessoas. Há parentes de funcionários onde eu trabalho que já se recuperaram (Luiz, 33).

Hoje, todos os domingos vou à missa; às terças feiras vou a novena e rezo o terço diariamente. Tenho interesse sempre de aprender com a minha igreja. Converso nas confissões e nos aconselhamentos. Eu peço muito a opinião. Não tomo mais decisões sozinho. A minha relação hoje com as pessoas é saber partilhar (Leonardo 33).

Hoje, encontro firme porque vou buscar a minha espiritualidade no meu terço, na missa. Se a gente não buscar não sobrevive. A minha convivência com meu pai no trabalho é difícil. Neste momentos difíceis é que peço para Deus: “Senhor, dai-me forças”. Lembro o que aprendi na instituição: amar sempre. Amar nas pequenas coisas, na dificuldade, na alegria, em qualquer momento. Levo este aprendizado no meu dia a dia (Leandro, 32).

Quando os participantes acenam sobre o encontro com a *Palavra de Vida*, a meditação, a oração e a partilha, nos remetem ao que Vergote, (1996, p.257) afirma sobre a experiência religiosa: “O encontro com o divino e, do outro é uma resposta por meio de uma práxis. O encontro pode ter lugar pela via do conhecimento interior, leitura simbólica de mundo, pela escuta meditada ou partilhada, uma Palavra Sagrada, por uma visão ou uma iluminação”.

O que percebemos nos relatos dos participantes é que nesta rede de conversação existe uma troca de suas experiências afetivas, onde se entrecem outra relação que fortalece o pensamento e sentimento de superação no grupo, parte central constituinte da rede de apoio, neste caso o grupo de autoajuda Grupo Esperança Viva (GEV). Este encontro remete a experiência religiosa individual madura como uma atitude pessoal dentro dos processos afetivos, volitivos e cognitivos que converge para uma maneira de ser diante de alguém, uma presença favorável ou desfavorável, que se expressa por meio de palavra ou comportamento (VERGOTE, 1996).

Por outro lado, ao falarmos de rede de apoio social, não podemos nos esquecer de fazer um breve aceno sobre rede globalizante do mercado da toxicodependência. O excesso de oferta naturaliza o uso e possibilita sempre mais a entrada de novos usuários para o consumo de drogas (DELL’AGLIO, SANTOS 2013).

O fenômeno da toxicomania, segundo Rolnik (1996) exige sempre novas formas de consumo de substâncias, ampliação de novos públicos e expansões de mercado. Tudo isso num movimento processual bastante veloz, imprevisível, sistêmico, organizacional, que preza pelo anonimato, pelas novas formas de tecnologia e de acesso à informação, mas sobretudo pelo lucro e pela invisibilidade. “Ao lançar as subjetividades no estranho são forçadas a reconfigurar-se suas identidades na busca de permanecer na órbita do mercado” (Rolnik, 1996, p.3). O entrelaçamento destes fatores produz um vazio de sentido. E uma corrida pelas drogas lançadas por este mercado apresenta uma ilusão nos diversos produtos oferecidos pelas suas redes (produtos do narcotráfico, coquetéis miraculosos, vitaminas e produtos farmacológicos, acesso rápido ao dinheiro) produzindo uma toxicomania. Esta toxicomania se abre a dois processos: o enrijecimento e a pulverização de toda e qualquer identidade. Esta pulverização e enrijecimento da identidade tem a sua força na rede de narcóticos que tem um poder de configuração de sentido nos espaços de fluxos como afirma Castells (2007, p.503),

Uma das redes mais poderosas da nossa sociedade, a produção e a distribuição de narcóticos (inclusive o seu componente de lavagem de dinheiro), construiu uma geografia específica que redefiniu o sentido, a estrutura e a cultura das sociedades, regiões e cidades conectadas à rede.

A produção e redefinição de sentido passa pelo indivíduo local e globalizado interligado pelas redes nas diversas relações. Nesta perspectiva o uso de droga está mediado por fatores familiares, sociais, econômico e político, culturais, religiosos e outros. Na busca da superação do uso de drogas as redes sociais de apoio têm outro papel importante na contramão de resistência e estratégias, que deveria ser a de promover o bem estar (solidariedade,) e novas formas de organização e relação dos indivíduos, famílias e movimentos sociais nas adversidades causadas pelo consumo exacerbado de drogas (SIQUEIRA; CASTRO; ARAÚJO, 2013).

Neste sentido, a rede de apoio social torna-se uma grande força tanto no enfrentamento do uso de drogas quanto na superação continuada, espaço que viabiliza formas de organização para a sua reinserção social de quem deixou de usar drogas evitando a recaída (RIBEIRO, 2013, COSTA, 2007, BRAGA, 2006). Por outro lado, as redes de apoio social, além de promoverem dignidade a quem a perdeu por conta do uso e abuso de drogas, devem despertar nestes o desejo de solidariedade para com os outros que ainda se encontram em tais condições e que buscam superação (SIQUEIRA; CASTRO; ARAÚJO, 2013).

Estes espaços de partilha, promovidos pela rede de apoio social, tais como as comunidades terapêuticas em grupos de autoajuda, igrejas, movimentos religiosos, grupos e tantas outras iniciativas, podem ser compreendidos como espaços de continuidade de transcendência, ou seja, quando norteados pela experiência religiosa em sua metodologia de ação, mas não somente por estas, tornam-se espaços de encontro seja com o interior de quem o busca, quanto com o Outro (PÁDUA, 2012).

Ainda quanto às redes sociais de apoio, Maturana (1988, p. 177) as reconhece como “sistemas constituídos sob a emoção do amor, que é a emoção que constitui o espaço de ações de aceitação do outro na convivência”. Portanto, as diferentes emoções vividas pelos participantes o predispueram às diferentes formas de responder aos eventos dos espaços de ações possíveis nas suas vidas, a partir de novas escolhas feitas, de novas decisões tomadas, mas sem negar a importância da experiência religiosa despertada, vivenciada, e assumida por estes como valor e suporte na continuidade da superação do uso de drogas.

A partir dos aspectos levantados, entendemos que os elementos constitutivos das redes de apoio social, em especial o Grupo Esperança Viva (GEV) como já acenamos, atuaram como via de sentido à vida de cada pessoa e de esperança para os que buscaram superação. Como diria Blank (2010), como via de sentido da vida cada pessoa está envolvida num processo contínuo que evolui progressivamente na busca de ser *para* e *com* os outros apontando para a solidariedade, responsabilidade mútua.

No relato de Lucas percebemos a experiência religiosa como força mobilizadora na sua vida: *Eu entendo assim a experiência religiosa: ela está muito além de parar de usar droga. Ela está na mudança de caráter; na mudança de vida. E como consequência, tu vai deixar de usar droga (Lucas, 38)*. A experiência religiosa se torna via de superação do uso de droga entrelaçada nas redes de apoio que é compreendida pelo próprio participante como elemento organizador de toda a sua vida social.

3.6 CONSIDERAÇÕES

A experiência religiosa se apresenta como processo psicossocial organizador de uma identidade a qual integra sentidos de transcendência, e passa a sustentar novos modos de vinculação entre os sujeitos e suas redes sociais, em especial a família, a comunidade e as instituições ou vivências religiosas de pertença: sinais de superação.

Superação tem a ver com vitória, não acabada, absoluta ou inerte, mas como se fosse uma grande maratona feita de diversas etapas onde a esperança ganha força a cada etapa vencida. Corresponde ao que afirmou Franz Kafka (1883-1923), citado por Blank (2010, p. 23): “A esperança de que haja sentido proporciona sentido, mesmo quando tal sentido não é percebido”. Cada movimento ou etapa de superação dos participantes os fez encontrar e dar sentido a antigos e novos desafios encontrados na vida (prisão, morte de filho, relacionamento familiar, trabalho, estudo...), fazendo-os perceber que existia e existe esperança, apesar das adversidades.

No percurso de superação, a esperança tornou a obscuridade ou o imprevisível como eventual ou suportável, assumida e acolhida como parte desse processo e de nova re(resignificação), constituindo assim, força motora para a continuidade da superação. Contudo, essa esperança não confirma possibilidade de sentido, mas ela também não a nega, não a exclui, pois garante que a vida não é absurda e que a superação é processual e constituinte do ser pessoa.

O que compreendemos a partir das histórias narradas foram o envolvimento e a permissão de fazer do desejo de superação uma realidade possível, não imposta, não acabada, mas processual. Nesta perspectiva cada participante que vivenciou a superação do uso droga, passou a assumir o seu papel de crescimento como pessoa, portanto de transcendência, quando foi tomando consciência de si mesmo e do mundo ao redor de si, ao mesmo tempo que foi descobrindo as razões das situações desafiadoras e as possibilidades de superá-las por meio de novas estratégias de enfrentamento e superação. A experiência religiosa é caminho e suporte juntamente com a escolha ou confirmação de valores fundamentais, tais como a partilha, a doação, a solidariedade, a compaixão, a escuta, o silêncio, a amizade, a justiça, o companheirismo, a vivência comunitária, a corresponsabilidade, a fé que impulsiona e mobiliza e, acima de tudo, o amor. Para Boff (2000) e Martín-Baró (1998), à medida que a pessoa concretiza estes valores, em seus diversos contextos de vida, e na sua história, realiza o sentido de sua própria existência construindo e reconstruindo novas relações.

Uma vez que a organização dos sistemas humanos é construída no linguajar de um processo do emocionar-se humano que surge na conversação, nas coordenações recursivas de ações, constituindo redes de conversações e de ações, estas propiciam diferentes formas de relação e diferentes domínios de conversação, propulsores de novas formas de convivência entre as pessoas (MATURANA; VARELA, 1995). Assim, ao reescreverem um novo capítulo de suas histórias de vida, cada participante da pesquisa nos doou a possibilidade de acreditar ainda mais na vida e na sua capacidade extraordinária de superação proporcionada pela

experiência religiosa como realização do encontro humano. Encontro esse, como observa Rigacci Jr (2008), compreendido como relação de reciprocidade entre as pessoas, portanto, relação que brota e produz intersubjetividade.

Os participantes da pesquisa nos fizeram perceber como cada um deles, em seus sistemas de pertença, interagiram com outros elementos, seja ao interno de seus sistemas, quanto com outros subsistemas buscando e produzindo *homeostase*, isto é, buscando equilíbrio em seus sistemas, superando e, portanto, transcendendo.

A nossa escolha sistêmica de busca proximidade entre *contexto* e *narração* nos fez perceber que a narrativa da pessoa, portanto, é diferente de pensar o contexto apenas quanto ao espaço habitável ou nos seus sistemas de pertença. Sem deixar de considerar estes aspectos, não temos dúvidas de que foram os significados e resignificados atribuídos pelas pessoas que um dia fizeram uso de drogas, conectados e relacionados em seus sistemas de pertença, às novas premissas adquiridas pós-tratamento ou recuperação, às suas atuais necessidades e expectativas, mediadas pela experiência religiosa, que as ajudaram realmente a se situarem contextualmente e simbolicamente diante do fenômeno e assim, superar o uso de drogas.

Em um momento da apresentação do método falamos que este estudo deveria dar uma atenção mais acurada à *estética contextual* (KEENEY, 1985; TELFENER, 2011; RESTORI, 2011). Por isso, fizemos um esforço para que análise das narrativas apresentadas e discutidas anteriormente também perpassassem pela *mesma*, essa ainda conhecida como uma *estética* descritiva, não ofuscando, portanto, a voz e o movimento presentes nas narrativas dos participantes. Bateson (1984, p.27) diria aos que pretendem compreender um fenômeno, que se busque compreender o sistema como “(...) uma dança de partes interadas”, que favoreça processos de pensamentos e compreensões. Ou, quem sabe, observar o que diz Maturana quando lidamos com conteúdo alheio: “Eu sou maravilhosamente irresponsável sobre o que vocês escutam, mas sou totalmente responsável sobre o que digo e escuto de vocês” (MATURANA, 2001, p. 75).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa possibilitou compreender a relação da experiência religiosa com a superação do uso de droga a partir das narrativas dos participantes num processo em movimento constante do contexto, tempo, imprevisibilidade e recursividade, que possibilitaram perceber a auto-organização dos sistemas e subsistemas.

A relação com uso de droga configurou-se nos sistemas como uma concepção negativa, atribuindo à droga a função de causadora de sofrimentos e de comportamentos geradores de dor, desestabilizando a relação na família no trabalho e atividade religiosa. Esta percepção foi constatada tanto da pessoa usuária, como no seus sistemas de pertença. Porém, a perspectiva relacional possibilitou ver que alguns dos participantes estiveram imersos a estreitos laços com uso indevido de drogas na relação com algum membro da família. Esta é uma relação triangular que não necessariamente situa a droga na função exclusiva desestabilizadora, mas sugere que seu uso, ainda que potencializador de danos serviu ao sistema de modo a regular, diminuir ansiedade ou fortalecer alianças. Tal ambiguidade deve ser considerada, pois permite compreender a complexidade que vincula a droga ao usuário e ao seus sistemas.

O uso da droga aparece também muito além dos sistemas que assume uma posição de “bode expiatório”, camuflando as crises pessoais, familiares e laborais. Estabelecendo o problema, o vício do usuário, no uso da droga, com isso, desvinculando da relação do sistema

de pertença. Diante da drogadição é preciso considerar a complexidade das interações que envolve o uso de droga e os mecanismos paradoxais que envolvem o usuário de drogas e todo o sistema em sua volta que é impactado.

Na pesquisa foi possível identificar, como a pessoa e seus sistemas pode ativar seus recursos para regular seus sistemas. Percebeu-se, uma transformação no olhar do usuário sobre si mesmo e seus sistemas de pertença, de vítima passa a co-participante, de culpado a co-responsável, de impotente a potente. Outro elemento é o apropriar-se de outras narrativas de outros usuários que tinham o potencial transformador de seu comportamento, superando a rotulação e estigmatização.

Durante o processo de superação do uso de droga verificou-se que a experiência religiosa foi acontecendo em encontros que foram capazes de aos poucos organizar a identidade, criar o desejo de ser pessoa, buscar um projeto de vida no estudo, criar laços no grupo e rever seu olhar sobre si. A experiência religiosa remete alguns participantes a questões profundas ao proporcionar uma auto-reflexão da consciência de si mesmo e do outro, que o remete a construir um projeto de vida, que o leva a perguntar-se: Que pessoa eu sou? O que estou fazendo com a minha vida? Que família eu construí até agora? A resposta foi se processando na relação no grupo de Palavra de Vida, Grupo de oração no sacrário, atividades laborais, nas missas, com a solidariedade do grupo, no cuidar do outro, foi se revelando e descobrindo o Transcendente. Ao experienciar o amor concreto do grupo, ao receber, ser amado, ao ver outros, como ele usuário ter novas atitudes, também percebe que é capaz de amar, doar-se.

A experiência religiosa se apresenta na vida dos ex-usuários como suporte de superação e reorganização da vida social. Percebe-se uma continuidade na prática da reflexão com a Palavra de Vida, prática dos ritos religiosos (missa, terços, oração) que transcende a maneira de ser dos participantes na vida laboral, familiar e social. Notamos que esses procuram vivenciar os valores aprendidos durante a sua recuperação.

Na família, a relação foi potencializada com recursos do cuidado (cuidado da família, colega), conversas e no assumir juntos um projeto de vida. É o amor ao próximo, buscando ajudar quem esta com o problema de uso de droga na vivência transformadora (testemunho) e a ajuda aos moradores de rua. Vimos que esses procuram identificar-se como cristãos em todos os momentos de suas vidas como uma ideologia de vida.

Há uma continuidade no vínculo com a instituição que oferece encontros nos grupos (GEVs) dentro das comunidades. Sobre isso, de fato, chamou-nos a atenção nos participantes a continuidade nas atividades, ritos, valores aprendidos na internação como

suporte nas suas redes de apoio. As redes de apoio social apresentam-se como espaço de encontro importante na superação depois da internação. Como espaço de aceitação, de partilha das experiências novas e desafiadoras diante do recomeçar, fortalecendo os participantes na construção de novos significados atribuídos ao desuso de drogas e a construção projeto de vida (trabalho, família, filhos, estudo, voluntariado). As redes tornam-se espaços de transcendência, lugar de compartilhar, testemunhar aos demais um dia sem usar ou a crise que hora passa. Nestes espaços os sistemas fortemente estabelecidos pelo amor atuam num processo contínuo como via de sentido à vida de cada pessoa e de esperança para quem busca superar o uso de droga.

A escolha da teoria sistêmica como norteadora da análise aproximou contexto e narrativa. As categorias processo, contexto, tempo, imprevisibilidade ajudaram a perceber como cada um dos participantes em seus sistemas de pertença, interagiram com outros elementos, seja ao interno de seus sistemas, quanto com outros elementos subsistemas buscando e produzindo homeostase, isto é, construindo equilíbrio em seus sistemas. Foi possível compreender nas histórias narradas o desejo de superação e transformação de suas realidades.

O fenômeno da drogadição se apresenta na sociedade Brasileira como problema social e de saúde, que precisa ser estudado a partir da sua complexidade para compreender melhor o seu impacto na vida das pessoas e grupos sociais. Este estudo qualitativo foi uma contribuição ao analisar a experiência religiosa como superação no uso de droga e os aspectos das redes sociais de apoio como elementos importantes da vida dos participantes como um todo. Descobriu-se que a experiência religiosa, mesmo que subjetiva deve ser colocada dentro de um contexto mais amplo para distinguir os vários elementos que a compõe, e como estes organizam e dão sentido à vida das pessoas. Sem deixar de considerar o sentido último do comportamento religioso (Transcendente), os participantes encontraram na experiência religiosa uma unidade integradora.

É importante destacar que o presente estudo é centrado em uma experiência religiosa pautada em práticas ancoradas na religião cristã. Contudo, é importante que psicólogos e outros profissionais considerem na análise do sentido religioso do comportamento, o fato de estarmos numa sociedade plural de experiências religiosas, onde são disponibilizadas para as pessoas uma variedade de sistemas de significado e valores distintos que podem resultar em novos arranjos na relação do sujeito com seus dispositivos de escolhas subjetivas, etc. As narrativas possibilitaram de maneira complexa ver as características dos sujeitos que fizeram a experiência religiosa e os conceitos atribuídos por estes.

Quanto às características da experiência religiosa, esta articulou aspectos ligados ao eixo cristão atribuídos por eles teológicas (Católica e pentecostal), que se coadunavam, segundo o modo de compreensão dos participantes, com processos psicológicos (socialização, identificação, mudanças pessoais interpessoais). Há que se considerar que a experiência religiosa assumirá contornos segundo os princípios doutrinários organizadores de cada religião. Neste sentido, sugere-se que novos estudos possam verificar a pertinência dos processos de superação de uso de drogas ou outros agravos atrelados a outras perspectivas religiosas, verificando em que medida os princípios de diferentes doutrinas articulam-se aos processos psicológicos e resultam em transformação e suporte para a continuidade na superação.

REFERÊNCIAS

ABDALA, Gina Andrade; RODRIGUES, Wellington Gil; TORRES, Amilton; RIOS, Correia. *A Religiosidade/Espiritualidade como influência Positiva na Abstinência, Redução e/ou Abandono do Uso de drogas*. Revista de Estudos da Religião-REVER, 2010.pp.77-98.

ANDERSEN, Tom. *Processos Reflexivos*. Rio de Janeiro: Instituto NOOS/ITF, 2002.

ANGERIMI, Valdemar Augusto (Org.). *Psicologia e Religião*. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

AUN, Juliana Gontijo; VASCONCELLOS, Maria José Estevão; COELHO, Sônia Vieira. *Atendimento sistêmico de famílias e redes sociais; fundamentos teóricos e epistemológicos*. 2ª ed. Belo Horizonte: Ophicina de Arte& Prosa, 2006.

_____. VASCONCLELOS, Maria José Estevão. Pensamento sistêmico novo-paradigmático para as práticas psicoterapêuticas: a questão da terapia sistêmica individual. In: AUN, Juliana Gontijo; VASCONCELLOS, Maria José Estevão; COELHO, Sônia Vieira. *Atendimento sistêmico de famílias e redes sociais. Vol. I fundamentos teóricos e epistemológicos*. 2ª ed. Belo Horizonte: Ophicina de Arte & Prosa, 2006.pp.71-115.

_____. Uma nova identidade do profissional que lida com as relações humanas. In: AUN, Juliana Gontijo; VASCONCELLOS, Maria José Estevão; COELHO, Sônia Vieira. *Atendimento sistêmico de famílias e redes sociais. Vol. I fundamentos teóricos e epistemológicos*. 2ª ed. Belo Horizonte: Ophicina de Arte & Prosa, 2006. pp.38-60.

ÁVILA, Antônio. *Para conhecer a Psicologia da Religião*. São Paulo: Loyola, 2007.

BARRETO, Adalberto de Paula. *Terapia comunitária passo a passo*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2005.

BATESON, Gregorio. *Verso un'ecologia della mente*. Milano: Adelphi, 1976.

_____, *Mente e natura*. Milano: Adelphi, 1984.

BECKER, Howard. Tornando-se um Usuário de Maconha. In: Becker, H. *Outsiders: Estudos de Sociologia do desvio*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008.p. 51-57.

BERTALANFFY, Luduwig von. *Teoria Geral dos Sistemas*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1975.

BERTOLETE, Tom. *Processos reflexivos*. Rio de Janeiro: Instituto NOOS/ITF, 2002.

BLANK, Renold. *Encontrar sentido na vida: propostas filosóficas*. São Paulo: Paulus, 2008.

BOFF, Leonardo. *Experimentar Deus: a transparência de todas as coisas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____, Leonardo. *Tempo de transcendência: o ser humano como um projeto infinito*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000, p. 28.

BOSCOLO, Luigi; BERTRANDO, Paolo. *Terapia sistêmica individual: manual prático na clínica*. Tradução: Silvana Caravello. Belo horizonte: Artesã, 2012. p.115-118.

_____. *Os tempos do tempo: uma nova perspectiva para a consulta e a terapia sistêmica*. Belo horizonte, MG: ArteSã, 2009.

_____; et al. *La Terapia Sistemica. Nuove tendenze in terapia dela famiglia*. Roma: Casa Editrice Astrolabio, 1983.

BRAGA N. A. Redes Sociais de suporte de humanização dos cuidados da saúde. In: DESLANDES, S. F. (Org.). *Humanização dos cuidados em Saúde: conceitos dilemas e práticas*. Rio de Janeiro. Fio cruz, 2006, p. 163-183.

BRASIL, Governo Federal, 2013. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm. Acesso 24 de outubro de 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde – *A política do Ministério da Saúde para a Atenção Integral a Usuários de Alcool e Outras Drogas*. Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sciarttext&pid=S0102-311X2009001100002>. Acesso em onze de janeiro de 2011.

BREAKWELL, Glynis. *Métodos de Pesquisa em Psicologia*. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

BRUNER, J.S. *Acts of Meaning*. Havard University Press, Cambridge. *Tr.it La ricerca del significato Per una psicologia culturale*. Torino: Bollati Boringhieri, 1990.

CARLINI, Elisaldo Araujo; et al. *II Levantamento Domiciliar sobre Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil*. Estudo envolvendo as 108 maiores cidades do Brasil. 2005 – São Paulo: CEBRID – Centro Brasileiro de Informação sobre as Drogas Psicotrópicas: UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo. Secretaria Nacional Antidrogas, 2006.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. 6ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CATÃO, Francisco e SENA, Luiza. *Dinâmica: a percepção da transcendência*. Diálogo, São Paulo: Paulinas, ano II, n. 07, p. 56-58, 1997, p. 57.

CATÃO, Francisco. *Experiência religiosa da transcendência*. Diálogo, São Paulo: Paulinas, ano IV, n. 14, p. 20-26, 1999.

COELHO, Sônia Vieira. A transmissão de padrões familiares. O ciclo de vida e recursos instrumentais. In: AUN, Juliana Gontijo; VASCONCELLOS, Maria José Estevão; COELHO, Sônia Vieira. *Atendimento sistêmico de famílias e redes sociais. Vol. I fundamentos teóricos e epistemológicos*. 2ª ed. Belo Horizonte: Ophicina de Arte & Prosa, 2 ed. 2006.pp. 295-367.

COSTA, Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da. *Contexto socioeducativo e a promoção de proteção a adolescentes em cumprimento de medida judicial de internação no Amazonas*. Tese de doutorado, Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca. Rio de Janeiro, 2007.

_____; Oliveira, Herbert S.; Peixoto, Luciana A.; Tavares, Enio S.; Almeida, Ângela P. C.; Rocha, Wollace S. *Análise Diagnóstica De Programas Sociais Da Cidade De Manaus Voltados Ao Atendimento De Adolescentes Em Situação De Risco*. Relatório de pesquisa. CNPq/Universal – Manaus, 2009.

COSTA, M.; ALVES, M.; SANTOS, C.; CARVALHO, R.; SOUZA, K. & SOUZA, H. *Experimentação e Uso Regular de Bebidas Alcoólicas, Cigarros e Outras Substâncias Psicoativas/SPA na Adolescência*. Ciência e Saúde Coletiva, 12 (5), pp. 1143-1154. 2007.

CIRRILO, Stefano; et al. *La família Del tossicodipendente*. Raffaello cortina Editore, Milano. 1996.

CURTET, Francis. *A Droga é um pretexto*. Loyola, São Paulo, 2005.

CAMPIONE G., NETTUNO A. *Il gruppo nelle dipendenze patologiche*. Milano: Franco Angeli. 2007.

CARLINI, Elisaldo Araujo. *Epidemiologia do uso de álcool no Brasil, 2006*: Disponível em: http://www.fmac.br/admin/files/revistas/31amabc_supl2_o4.pdf. Acesso em 27 de maio de 2011.

CECCHIN, Gean. *Exercícios para manter sua mente sistêmica. Nova perspectiva Sistêmica*, Rio de Janeiro, ano VI, n. 10, p.6-14, 1997. Original inglês, 1991.

CIRRILO, Stefano; BERRINI Roberto; CAMBIASO, Gianni; MASSA, Roberto. *La família Del tossicodipendente*. Raffaello cortina Editore, Milano. 1996.

CRISTOFANI, V. *Psicologia dele tossicodipendenze*. Disponível em http://www.cedostar.it/documenti/psicologia_delle_dipendenze. 2012. PDF. Acessado em 09 de fevereiro 2014.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE MUNICÍPIOS – CNM. *Observatório do crack: A visão dos Municípios brasileiros sobre a questão do crack*. Brasília: CNM, 2010. Disponível em <http://www.cnm.org.br/crack> acesso em: 27/09/12 às 15h15min.

CURTET, Francis. *A Droga é um pretexto*. Loyola, São Paulo, 2005.

DALGALARRONDO, Paulo; et al. *Religião e uso de drogas por adolescentes. Rev. Bras. Psiquiatr.* [online]. 2004, vol.26, n.2, pp. 82-90. ISSN 1516-4446. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-44462004000200004>. Acesso em; 22 de fevereiro de 2013 às 8h:30min.

Dal Medico, A., Vetere M. *Modelli teorici e clinici a confronto nella cura delle dipendenze da sostanze. L'approccio sistemico-relazionale.* 2002. Disponível em <http://www.itfv.it/articoli.htm> Acessado em 11 de novembro 2013

DELL'AGLIO, Debora Dalbosco; SANTOS, Lene Lima. Adolescentes em situação de vulnerabilidade: drogas, risco e resiliência. In: SILVA, Eroy Aparecida da, MICHELLI, Denize de. *Adolescência, Uso e abuso de Drogas: Uma visão integrativa.* São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2011.pp.231-282.

DEMETRIO, Duccio. *Raccontarsi. L'autobiografia come cura di sé.* Milano: Raffaello Cortina, 1996.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. Introduction; the discipline and practice of qualitative research. In: DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna; (Org.). *Handbook of qualitative research.* London: Sage Publications (second edition), 2000, p. 1-29.

EDWARD, Gomes. O Alcoolismo e a família. In: EDWARD, G. *O Tratamento do alcoolismo.* São Paulo: Martins Fontes, 1987. p. 43-52.

ELKAIM, Mony (Org.). *Panorama das terapias familiares.* São Paulo: Sum-mus, 1998.

FAZENDA DA ESPERANÇA.<<http://www.fazenda.org.br/institucional/quem-somos.php>> Acesso em: 17 de janeiro de 2012 às 11h:30min.

FLECK M. P. A., LEAL O. F., LOUZADA S, XAVIER M., CHACHAMOVICH E., VIEIRA G. et al. Desenvolvimento da versão em português do instrumento de avaliação de qualidade de vida da OMS (WHOQOL-100). *Rev. Brasileira Psiquiatria*, 1999. 21:19-28.

FONTES, Andrezza; MORAES, Edilaine; FIGLIE, Neliana; PAYÁ, Roberta. *Filhos de dependentes químicos com fatores de risco bio-psicossociais: necessitam de um olhar especial*, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rpc/v31n2/a01v31n2>. Acesso em cinco de janeiro de 2011.

GARGIA RUBIO, A. *A caminho da maturidade na experiência de Deus.* São Paulo: Paulinas, 2008.

GESCHÉ, Adolphe. *Deus.* São Paulo: Paulinas, 2004.

GLOCK, Charles Y.; STARCK, Rodney. *Religion and Society in Tension.* Rand McNally, Chicago, 1965. p. 42)

GONZALEZ REY, Fernando. *Pesquisa qualitativa em psicologia - caminhos e desafios.* São Paulo: Learning, 2002.

GOOLISHIAN, H.; WINDERMAN, L. Construtivismo, autopoiesis y sistemas determinados por problemas. *Sistemas Familiares.* Buenos Aires: Asociacion Sistemica de Buenos Aires-ASIBA, 1989.

GRANDESSO, Lina Sue Matusumoto. *Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

GROSSO, L. *Tossicodipendenze, capacita di fare e inserimento lavorativo in L'integrazione socio-lavorativa*. Quaderni di animazione e formazione. Torino: Edizioni Gruppo Abele, 2000.

GRUMBRECHT, H.U. *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2010 e id., *Graciosidade e jogo: porque não é preciso entender a dança*. In: *Graciosidade e estagnação: Ensaio escolhidos*. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed.PUC-Rio, p. 105-125.

GUIMARÃES, Flávio Lobo; COSTA, Liana Furtado; PESSINA, Luciana Monteiro; et al. *Famílias, adolescência e drogadição*. In: OSORIO, L.C. e VALLE, M.E.P. (Orgs). *Manual de terapia familiar*. Cap. 25, 350-365. Porto Alegre; Artmed, 2009. 488p.

GUTIERREZ, Denise Machado. *Papel da família na produção de cuidados da Saúde. Estudo sócio antropológico a partir de um bairro popular de Manaus*. Manaus: Edua, 2012.

GUTIERREZ, Gustavo. *Beber no próprio poço*. Itinerário espiritual de um povo. Petrópolis: Vozes, 1984.

HOFFMAN, Lynn. *Fundamentos de la terapia familiar*. Um marco conceptual para el cambio de sistemas. México: Fondo de Cultura Económica, 1981.

INSTITUTO NACIONAL DE POLITICAS PÚBLICAS DO ALCOOL E DROGAS – INPAD http://www.inpad.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=107:ii-lenad-o-perfil-dos-usuarios-de-maconha-no-brasil-no-ano-de-2012-catid=1&Itemid=5 acesso em: 01 de janeiro de 2012 às 13h:15min;

KATZ, D.; KAHN, R.L. *Psicologia Social das Organizações*. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 1987

KEENEY, B. *L'estetica del cambiamento*. Asrtolabio: Roma, 1985

LEVIN, J. S., CHATTERS L. M. *Research on religion and mental health: an overview of empirical findings and theoretical issues*. In: *Handbook of religion and mental health*. Londres: Academic Press; 1998. p. 33-50.

LEVINAS, Emanuel. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, 1998.

LIMA, Mariana. *Manaus possui cracolândia nas Zonas Norte e Leste, aponta pesquisas*. JORNAL A CRÍTICA, 17 de janeiro de 2012.

LUDEWIG, Kurt. *Terapia sistêmica em parejas y familias; una visión europeo-alemana*. In: ROISBLATT, Arturo. *Terapia familia e pareja*. Santiago, Chile: mediterrâneo; 2006.pp.46-56.

MANNA, V. RUGGIERO S. *Dipendenze patologiche da sostanze: comorbilità psichiatrica o continuum psicopatologico?* Disponível em http://www.rivistadipsichiatria.it/allegati/00189_2001_fulltext/1-13. 2001. Acesso em 12 de dezembro, 2013

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. Del Opio Religioso a La Fe Libertadora. In: MARTÍN-BARÓ, Ignacio. *Psicología da Liberación. Colección Estructuras y Procesos*. Série Pensamiento, Psicopatología y Psiquiatria. Editora Trotta, S.A, Madrid, 1998. p. 245-280.

MATURANA, Humberto. *A Ontologia da realidade*: Humberto Maturana. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

_____. *Cognição, Ciência e Vida Cotidiana*: Humberto Maturana. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

_____. VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MELONI, José Nino; LARANJEIRA, Ronaldo. *Custo social e de saúde do uso de álcool*. Revista Brasileira de psiquiatria, v. 26, suplemento 1, p.7-10, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____, Saúde e ambiente: uma relação necessária. In: CAMPOS, G.W.S.; et al. *Tratado de Saúde coletiva*. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006, p. 93-121.

_____, SANCHES, Odécio. Quantitativo-qualitativo; oposição ou complementaridade? *Cadernos de Saúde Pública*, v.9, n. 3, p. 239-62, jul./set.1993.

MONTEIRO, Maristela. *Alcohol y Salud Pública em las Américas: un caso para la acción*. ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD. Washington, D. C, p. 3-21, 20007.

MORIN, Edgar. *O problema epistemológico da complexidade*. Lisboa: Publicações. Europa – América. 1990, p. 23.

MOREIRA-ALMEIDA, Alexander; et al. *Religiousness and mental health: a review*. *Rev. Bras. Psiquiatr.* [online]. 2006, vol.28, n.3, pp. 242-250. Epub Aug 10, 2006. ISSN 1516-4446. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-44462006005000006>. Acesso em: 05 de outubro de 2012 às 8hs.

NEUBERN, M. *Contribuições da epistemologia complexa para abordagens da drogadição*. In: BAPTISTA, M.; CRUZ, M. S.; MATIAS, R. (Orgs). *Drogas e Pós-Modernidade: prazer, sofrimento, tabu*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, v. 1, 2003. p. 253 – 265.

OAKES, K. E.; ALLEN, J. P.; CIARROCHI; J. W. *Spirituality, religious problemsolving, and sobriety in Alcoholics Anonymous*. *Alcoholics treatment Quarterly*, v. 18, p. 37-50, 2000.

OLIVEIRA, Pedro Antônio Ribeiro. *Deus na sociedade plural: fé, símbolos, narrativas*. São Paulo: Paulinas, 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE: *Portal da Saúde (2009)*: disponível em: http://portal.saude.gov.br/portal/saude/visualizar_texto.cfm?idtxt+25076. Acesso em: 10 de dezembro de 2011 `as 15hs.

PÁDUA, Lúcia Pedrosa. Espaços de Deus. Pistas teológicas para a busca e o encontro de Deus na sociedade plural. In: OLIVEIRA, P. A. R. *Deus na sociedade plural: fé, símbolos, narrativas*. São Paulo. Paulinas. 2013.

PALAZZOLI, Mara Selvini; BOSCOLO Luigi; CECCHIN, Gian Franco; PRATA, Guiliana. *Paradoja y contraparoja. Um novo modelo de la terapia de la família a transaccion esquizofrênica*. Buenos Aires: A.C.E., 1979.

PARGAMENT K. I., BRANT C. R. Religion and coping. In: *Handbook of religion and mental health*. Londres: Academic Press; 1998. p. 111-28.

PATTERSON, G. R. *Coercive family process*. Castalia Pub. Co. 1982.

PICCOLO, Fernanda Delvalhas; LEAL, Andréa Fachel. Aspectos socioculturais do Uso de Substâncias Psicoativas na Juventude. In: SILVA, Aroy Aparecida, MICHELI, Denise. (Org.). *Adolescência, Uso e Abuso de Drogas: Uma Visão Integrativa*. São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2011, p.183-207.

PLASTINO, C. A. Dependência, subjetividade e narcisismo na sociedade contemporânea. In: BAPTISTA, M. & MATIAS, R. (Orgs.) *Drogas e Pós-Modernidade: faces de um tema proscrito*. Rio de Janeiro: Faperj, 2003.

PISON, Ramon Martinez de. *La apertura a la transcendencia*. Communio, Madrid: Fareso S.A., v. XXX, fascículos. 2-3, p. 311-322, 1997.

POAGE, E. D.; KETZEMBERGER, K. F.; OLSON, J. *Spirituality, contentment, and stress in recovering alcoholics addictive behaviors*, v.29, p. 1857-1862. 2004.

PRIGOGINE, Ilya e STENGERS, Isabelle. *A nova aliança. A metamorfose da ciência*. Brasília. Editora da Unib, 1991.

RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1989, p. 45.

RAPIZO, R. *Terapia sistêmica de família: da instrução à construção*. Rio de Janeiro: Instituto NOOS, 1996.

RAMOS, S. P.; PIRES, M. E. F. A família alcoólica e seu tratamento. In: RAMOS, S. P.; BERLOTE, J.M. (Org.). *Alcoolismo hoje*. Porto Alegre. Artes Médicas, 1992.

RESTORI, A. Attenzione sensibile al contesto. *CAMBIA-MENTI: Rivista dell'Istituto di Psicoterapia Sistemica Integrata. Modelli irriverenti*,3, 2011 , p. 5-11

RIGACCI JR. Germano. A experiência religiosa e o encontro humano: Um olhar filosófico. In: Amatuzzi, Mauro Martins (Org.). *Psicologia e espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2005, p.49-58.

RIBEIRO, Joaquim Hudson de Souza. *PLAINING AND COOPERATING SOCIALLY BEGINNING WITH A CONSTRUCTIVE COMMUNICATION AND ANALYSIS OF THE BENEFIT OF THE CHILDREN OF BENIN-AFRICA*. Università Cattolica Del Sacro Cuore. Brescia - Italy, Reg.3310740, 2005.

_____, Joaquim Hudson de Souza. *Espaços violados: uma leitura sobre a violência sexual contra criança e adolescentes em Manaus*. I ed. Manaus. UEA Edições, 2013.

ROLNIK, Suely. “Toxicômanos de identidade. Subjetividade em tempo de globalização”. In: *Cultura e subjetividade. Saberes Nômades*, org. Daniel Lins. Papirus, Campinas 1997; pp.19-24. PDF, 27/02/2014.

ROCHA BRASIL, V. Família e Drogadicção. In: CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira.(Org.). *Família e Comunicação, Divórcio, Mudança, Resiliência, Deficiência, Lei, Bioética, Doença, Religião e Drogadicção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 187-209.

SANCHEZ, Zila Mier; NAPPO, Solange Aparecida. *A religiosidade, a espiritualidade e o consumo de drogas*. *Revista de Psiquiatria Clínica*. São Paulo, v. 34, 2007. Disponível em: <www.scielo.br.> Acesso em: 10 fev. 2014.

SCHENKER, Miriam; MINAYO, Maria Cecília de Souza. *A implicação da família no uso abusivo de drogas: uma revisão crítica*. *Ciência e saúde coletiva*. Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, jan. 2003. Disponível em <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232003000100022&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 26 set. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232003000100022>.

SHENKER, Miriam. *Valores familiares e uso abusivo de drogas*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2008.

SCHNITMAN, D. F. *Redes y Sistemas*. In: Família e comunidade. Núcleo de família e comunidade do programa de estudos pós-graduados em psicologia clínica da PUC-SP, v.3 n.1, jun. 2006, São Paulo, Via Lettera, 2006.

SIQUEIRA, C. E.; CASTRO, H.; ARAÚJO, T. M. *A globalização dos movimentos sociais: resposta social a globalização corporativa neoliberal*. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 8, n.4, p. 847-58, 2003.

SLUZKI, Carlos Eduardo. *A rede social na prática sistêmica: Alternativas terapêuticas*. São Paulo, 2003.

SUDBRACK, Maria de Fátima Oliveira. *Terapia Familiar Sistêmica*. In: SEIBEL, S. D.; TOSCANO JÚNIOR, A. *Dependência de Drogas*. São Paulo: Editora Atheneu, 2001. p. 403-415.

STANTON, Ducam; ANTONY, Heath. Tratamento de los problemas con las drogas y el alcohol em familias y parejas. In: ROIZBLAT, A. *Terapia de família e pareja*. Santiago, Chile; mediterâneo, 2006. pp.492-513.

SZYMANSKI, H. Teorias e “teorias” de famílias. In: CARVALHO, M. C. B. (Org.). *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo: EDUC/ CORTEZ, 2005. p. 23-27.

VALE, Edênio. *Psicologia e experiência religiosa*. Edições Loyola, São Paulo, 1998.

VASCONCELLOS, Maria José Estevão. *Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência*. Campinas/Belo Horizonte: Papirus/PUC Minas, 2004.

_____. Valores na Contemporaneidade da Família Brasileira: Crise? In: MACEDO, R. M. S.(Orgs). *Terapia familiar no Brasil na última década*. São Paulo: Roca, 2008. pp. 2-5.

_____. Paradoxo e intervenções para mudança. In: AUN, Juliana Gontijo; VASCONCELLOS, Maria José Estevão; COELHO, Sônia Vieira. *Atendimento sistêmico de famílias e redes sociais. Vol. I fundamentos teóricos e epistemológicos*. 2ª ed. Belo Horizonte: Oficina de Arte & Prosa, 2 ed. 2006.pp. 610-660.

VELHO, Gilberto. A Dimensão Cultural e Política do Mundo das Drogas. In: Zaluar, Alba(org.). *Drogas e Cidadania: repressão ou redução de riscos*. São Paulo, Brasiliense, 1994. pp. 23-29

VERGOTE, A. *Psychologie religieuse*. Charles Dessart, Bruxelas,1966, p.257.

VITTADINI, G., GIORGI, I. Dalla cibernetica dell'io all'approccio ecologico: alcolismo e servizi nell'ottica sistemica. In *Fondazione Salvatore Maugeri, IRCCS Pavia, I documenti* (10), 1996.

ZONCHEDDU, P. Família, equipe, Território: construir na complexidade. relação al IIº Convegno S.I.Psi.T.O. “*La costruzione del setting nella psicologia dei trapianti*”, Roma, 2012.

TELFENER, Umberta. (2006). *La terapia come gioco di ricombinazione*. Disponível em <http://www.psicologiadellasalute.org> Acesso em 12 de dezembro, 2013

TELFENER, Umberta. (2011). *Apprendere i contesti. Strategie per inserirsi in nuovi ambiti di lavoro*. Milano: Raffaello Cortina.

TEIXEIRA, Faustino. O potencial libertador da espiritualidade e da experiência religiosa. In: AmatuZZi, Mauro Martins (Org.). *Psicologia e espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2005. p.13-30.

WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Janet; JACKSON, Dom. *Pragmática da comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1988.

WULFF, D. M. *Psychology of religion*. Classic and Contemporary Views, John Wiley and Sons, Nova York, 1991, p. 558.

WIENER, Norbert. *Cibernética e sociedade: o uso humano de seres humanos*. São Paulo: Cultrix, 1968

APÊNDICES

Apêndice 1: ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Data: ____/____/____/ Local: _____

Entrevistador _____

Participante/Código/Apelido: _____

1. Idade _____
2. Estado Civil _____
3. Ocupação atual _____
4. Com quem mora atualmente?
5. Qual religião ou grupo religioso você participa?
6. Algum membro de sua família participa?
7. Quanto tempo você passou na Fazenda da Esperança? (qual o período?)
8. Antes de ir para a Fazenda da Esperança você já tinha participado de outro tipo de iniciativa, atividade, programa para deixar de usar droga (**MACONHA, COCAINA, MERLA, BASTA BASE, CRACK, ANFITAMINAS, INALANTES, ALCOOL E OUTRAS**)? Se sim, qual/quais?
9. Poderia você me contar como se dava a sua relação com as drogas utilizadas? Que tipo de substância (**MACONHA, COCAINA, MERLA, BASTA BASE, CRACK, ANFITAMINAS, INALANTES, ALCOOL E OUTRAS**) você usava? Quando iniciou? Como iniciou?
10. Antes de você iniciar o processo de *recuperação* como era sua experiência religiosa? Você frequentava algum grupo ou instituição religiosa ou tinha alguma prática religiosa individual sem frequentar necessariamente um grupo ou instituição?
11. Durante seu processo de *recuperação* como foi a sua experiência religiosa na instituição onde você esteve internado?
12. Você percebe ou percebeu alguma relação da sua experiência religiosa com o processo de *recuperação* para parar de usar substância psicoativa?

13. Depois que você finalizou o processo de *recuperação*, como é sua experiência religiosa hoje?

14. Quais os significados você atribui a experiência religiosa no seu desuso de substâncias psicoativas e na sua vida?

15. Atualmente poderia dizer se sua experiência religiosa tem alguma relação com a não continuidade do uso de substância psicoativa e se há ainda alguma influência dessa em outros aspectos de sua vida?

16. Poderia descrever a sua relação (antes, durante e depois) com sua família, amigos, escola, grupo da igreja, a instituição que você foi se recuperar?

Apêndice 2: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(A) Sr(a) está sendo convidado (a) a participar de um estudo científico denominado **“A experiência religiosa na superação do uso de substâncias psicoativas (MACONHA, COCAINA, MERLA, BASTA BASE, CRACK, ANFITAMINAS, INALANTES, ALCOOL E OUTRAS)”**, que tem como **objetivo** compreender a relação da experiência religiosa com a superação do uso de substâncias psicoativas, segundo usuários egressos da Fazenda Esperança em Manaus.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de sua participação em um encontro para realização de uma Entrevista individual semiestruturada, com duração de aproximadamente 1h:30min/2hs (uma hora e trinta minutos ou duas horas de duração). A entrevista será gravada (áudio) e, posteriormente, será transcrita e analisada.

É importante dizer que os **riscos** da sua participação no estudo são mínimos ou inexistentes sejam eles físicos ou emocionais. Para lidar com eminência do risco, o pesquisador se dispõe de preparo na área e poderá fazer um atendimento imediato, dado que possui formação compatível para a contenção da demanda, bem como possui experiência clínica no atendimento a pessoas relacionadas com a problemática investigada. O principal benefício esperado caso o (a) Sr(a) participe do estudo é que o(a) Sr(a) estará contribuindo para a melhoria dos trabalhos dos profissionais junto aos usuários de substâncias Psicoativas, além de receber orientações de um psicólogo.

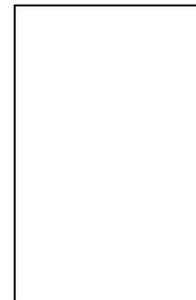
Durante todo o período do estudo o(a) Sr(a) será acompanhado pela coordenadora da pesquisa que ficará à sua disposição para qualquer tipo de esclarecimento que o(a) Sr.(a) necessite envolvendo informações mais aprofundadas do que está sendo estudado e do modo (metodologia) de como está sendo feito o estudo. A qualquer momento o(a) Sr.(a) poderá se recusar a participar da pesquisa ou retirar o seu consentimento de uso das informações coletadas sem que lhe ocorra nenhum tipo de prejuízo.

Todas as informações coletadas serão sigilosas e privativas. Por este motivo o(a) Sr(a) receberá um número de identificação que impedirá a associação entre as informações e a sua pessoa. Para participar da pesquisa o(a) Sr.(a) não terá nenhuma despesa financeira.

O(a) Sr.(a) deverá assinar este documento dando seu consentimento para participar da mesma. O documento também será assinado pela coordenadora da pesquisa e o pesquisador responsável.

Eu, _____, declaro que concordo em participar da pesquisa denominada **“A experiência religiosa na superação do uso de substâncias psicoativas (MACONHA, COCAINA, MERLA, BASTA BASE, CRACK, ANFITAMINAS, INALANTES, ALCOOL E OUTRAS)”**, que tem como **objetivo** compreender a relação da experiência religiosa com a superação do uso de substâncias psicoativas, segundo usuários egressos da Fazenda Esperança em Manaus, e que quando fui convidado a participar da mesma foi explicado e lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do qual me foi fornecida uma cópia. Neste termo me foi explicado que: (1) as informações que forneci serão sigilosas e privadas; (2); os riscos da minha participação no estudo são mínimos ou inexistentes; (3) que a qualquer momento poderei questionar ou pedir informações adicionais sobre o estudo; (4) que a qualquer momento poderei me retirar do estudo sem que ocorra nenhum prejuízo à minha pessoa; (5) que não terei nenhuma despesa financeira relacionada com o estudo. (6) No caso de eu sofrer algum dano decorrente dessa

pesquisa, serei indenizado pelo pesquisador responsável. (7) que o pesquisador responsável , Orlando Gonçalves Barbosa, estará à minha disposição, através do endereço: Rua Benjamin Constant, 01 – Petrópolis – AM. e-mail: obarbosa7@hotmail.com; Telefone: 3611 3201 / 81615087, que a orientadora da Pesquisa Prof. Dr(a). Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da Costa, estará a minha disposição **no** Laboratório de Intervenção Social e Desenvolvimento Comunitário – LABINS/UFAM – Av. General Rodrigo Otávio Jordão Ramos, 3000 – Campos Universitário – Setor Sul, Bloco X – CEP:69077-000 Manaus. Tel: 3305-4127. (92) 9983-7026. Email: claudiasampaiofam@hotmail.co. E poderei entrar em contato com o Comitê de Ética da Fundação Universidade do Amazonas FUA (UFAM), situado no endereço: Rua Teresina, 4950. Bairro Adrianópolis. Cep: 69.057-070. Telefone: (92) 3305-5130. Email: cep@ufam.edu.br.



Impressão

dactiloscópica

Assinatura do Voluntário

Assinatura do Pesquisador Responsável Orlando Gonçalves Barbosa

Assinatura da Orientadora da Pesquisa Prof. Dra. Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da Costa.

Manaus, ___ / ___ / ___

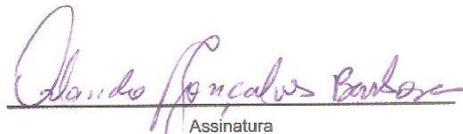
ANEXOS

Anexos 1: TERMO DE COMROMISSO INSTITUCIONAL



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: Experiência religiosa na superação do uso de substâncias psicoativas.		2. Número de Sujeitos de Pesquisa: 15	
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 7. Ciências Humanas			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: ORLANDO GONÇALVES BARBOSA			
6. CPF: 480.952.731-04		7. Endereço (Rua, n.º): BENJAMIN CONSTANT, 1A PETROPOLIS MANAUS AMAZONAS 69063010	
8. Nacionalidade: BRASILEIRA		9. Telefone: (92) 3611-3201	10. Outro Telefone:
		11. Email: obarbosa7@hotmail.com	
12. Cargo:			
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 196/96 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p>			
Data: <u>04, 06, 2013</u>		 Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
13. Nome: Universidade Federal do Amazonas - UFAM		14. CNPJ:	
		15. Unidade/Órgão: Faculdade de Psicologia	
16. Telefone: (92) 3305-4550		17. Outro Telefone:	
<p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 196/96 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p>			
Responsável: <u>EWERTON H. B. CASTRO</u>		CPF: <u>110.732.762-87</u>	
Cargo/Função: <u>COORD. MESTRADO</u>			
Data: <u>04, 06, 2013</u>		 Assinatura	
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			

Anexo 2: CARTA DE APRESENTAÇÃO INSTITUCIONAL

Ilmo. Sr.

Pe. Anderson Souza

Diretor da Fazenda Esperança

Assunto: Carta de Apresentação

Interessadas: Dra Cláudia Regina Sampaio Brandão Fernandes da Costa
Professora do Mestrado em Psicologia/UFAM

Orlando Gonçalves Barbosa
Mestrando em Psicologia/UFAM

Manaus, 6 de agosto de 2013.

Senhor Diretor,

Apresentamos o aluno **ORLANDO GONÇALVES BARBOSA**, mestrando em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, sob orientação da Dra. Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da Costa, através da qual venho, mui respeitosamente, solicitar a permissão para realizar um trabalho de pesquisa intitulado *A Experiência religiosa na superação do uso de substâncias psicoativas*(MACONHA, COCAINA, MERLA, BASTA BASE, CRACK, ANTI DEPRESIVOS, ALCOOL E OUTRAS), cuja temática envolve o trabalho de recuperação de usuários de substância psicoativa realizado por esta Instituição.

A pesquisa a ser desenvolvida pelo aluno tem por objetivo compreender a relação da experiência religiosa com a superação do uso de substâncias psicoativas, segundo usuários egressos de uma instituição de atendimento a usuários de substâncias psicoativas (síntese do projeto em anexo). Como projeto inserido na linha de pesquisa "Processos Psicossociais" do Mestrado em Psicologia da UFAM (PPGPSI/UFAM), interessa-nos conhecer quais os significados da experiência religiosa na busca da superação do uso de substância psicoativa atribuída pelo sujeito que foi um dia usuário?

O estudo em questão será realizado seguindo um roteiro de atividades, a saber: levantamento prévio acerca dos dados de participação dos ex-internos da Instituição; Acreditamos ser de grande relevância a imersão no campo por 8 (oito) dias, o pesquisador pretende familiarizar-se com os processos, linguagem, sentidos e significados nas atividades religiosas, laborais, culturais, entre outras, procurando anotar num diário de campo; a entrevista semi-estruturada constará de perguntas disparadora que será aplicada aos sujeitos da pesquisa pelo próprio pesquisador.

Para obter o contato com os sujeitos da pesquisa propriamente ditos, será necessário que a Diretoria da Fazenda da Esperança indique 15 nomes dos sujeitos que passaram pelo processo de recuperação e respectivamente o endereço e telefones, seguidamente se possível informar aos sujeitos desta pesquisa. No tocante aos sujeitos da pesquisa, em cumprimento do disposto da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde que dispõe sobre procedimentos éticos em pesquisa envolvendo seres humanos, será encaminhado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Em todo o processo da pesquisa, será garantida a participação voluntária, o anonimato e o sigilo em relação à autoria das respostas dadas pelos participantes. Prevê-se a apresentação dos resultados à Instituição (UFAM) sobre forma de defesa de dissertação, artigos científicos, comunicações em congressos, à instituição pesquisada e aos participantes do estudo.

Nesta pesquisa não haverá qualquer vínculo empregatício entre o pesquisador e as instituições envolvidas (Fazenda Esperança ou Grupos GEV) não havendo também, qualquer custo atribuído aos mesmos para a sua realização.

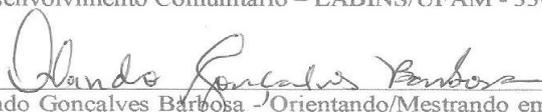
Acreditamos que esta pesquisa em muito contribuirá para a consolidação de conhecimento na área da Psicologia, superação do uso de substâncias psicoativas e das Políticas Públicas, podendo subsidiar novas ações e novos estudos, favorecendo a utilização da dimensão religiosa como recurso no desuso de substância psicoativa.

Na certeza de encontrarmos nesta Instituição a parceria necessária para este empreendimento de relevância científico-social, agradecemos antecipadamente a atenção e colaboração, colocando-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos adicionais que se fizerem necessários.

Atenciosamente,



Profa. Dra. Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da Costa (orientadora)
Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGPSI/UFAM). Laboratório de Intervenção Social e Desenvolvimento Comunitário – LABINS/UFAM - 3305-4127/9983-7026



Orlando Gonçalves Barbosa - Orientando/Mestrando em Psicologia da UFAM - Laboratório de Intervenção Social e Desenvolvimento Comunitário – LABINS/UFAM -3305-4127/ 8161-5087)

AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Para os efeitos que se fizerem necessários e que temos conhecimento, concordamos e autorizamos a execução da Pesquisa acima especificada pelo pesquisador interessado:

Manaus, 06 / 1 de 2013.



Anderson Joaquim de Carvalho Fortes
Tesorero Local da Fazenda da Esperança

48 555 775/0029-50

OBRA SOCIAL N. S. DA GLÓRIA
FAZENDA ESPERANÇA

BR 174 S/Nº - Km 14 - Rm. Claudio Mesquita
CEP 69020-282

MANAUS

AM

Anexo 3: AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL



Manaus, 06 agosto de 2013.

À **Professora Dr(a)**. Cláudia Regina Sampaio Brandão Fernandes da Costa
Professora e o pesquisador Orlando Gonçalves Barbosa.

AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Para os efeitos que se fizerem necessários e que temos conhecimento, concordamos e autorizamos a execução da Pesquisa intitulada: *A Experiência religiosa na superação do uso de substâncias psicoativas* (MACONHA, COCAÍNA, MERLA, BASTA BASE, CRACK, ANTI DEPRESIVOS, ALCOOL E OUTRAS). cuja temática envolve o trabalho de recuperação de usuários de substância psicoativa realizado por esta Instituição.

Para obter o contato com os sujeitos da pesquisa propriamente ditos, a Diretoria da Fazenda da Esperança disponibilizará os nomes dos sujeitos que passaram pelo processo de recuperação e respectivamente o endereço e telefones, informará os sujeitos desta pesquisa. Ciente que o pesquisador cumprirá a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde que dispõe sobre procedimentos éticos em pesquisa envolvendo seres humanos e todos os requisitos da carta de apresentação.

A Instituição esta aberta à parceria necessária para a pesquisa que tem relevância científico-social no campo da dependência química que soma os nossos interesses na superação do desuso de drogas.

Atenciosamente,

Anderson Joaquim de Carvalho Fontes
Tesoureiro Local da Fazenda da Esperança

48 555 775/0029-50

OBRA SOCIAL N. S. DA GLÓRIA
FAZENDA ESPERANÇA

BR-174 S/Nº - Km 14 - Rm. Cláudio Mesquita

CEP 69020-282

MANAUS

AM

OBRA SOCIAL NOSSA SENHORA DA GLÓRIA - Fazenda da Esperança
BR 174 Km 15, Ramal Cláudio Mesquita Km 8
Caixa Postal 1382
69010-972- Manaus/AM

Tel: (92)3245-1178/ 3245-1179/ 3245-1181
www.fazenda.org.br

CNPJ/MF 48.555.775/0029-50

Anexo 4: PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
DO AMAZONAS - FUA (UFAM)



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Experiência religiosa na superação do uso de substâncias psicoativas.

Pesquisador: ORLANDO GONÇALVES BARBOSA

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 17672513.9.0000.5020

Instituição Proponente: Faculdade de Psicologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 482.521

Data da Relatoria: 04/12/2013

Apresentação do Projeto:

A pesquisa tem como objetivo compreender a experiência religiosa e a superação do uso de substâncias psicoativas. Verificar como se configura a relação do sujeito no processo do uso e desuso substâncias psicoativas e a experiência religiosa: antes de entrar na recuperação (instituição de atenção), durante (internação) e depois da sua reinserção na sociedade. Para dar conta desta análise pretende ancorar nas teorias da psicologia da religião sobre a experiência religiosa e a Teoria Sistêmica nos seus pressupostos de complexidade, intersubjetividade e instabilidade. Acreditamos poderá ajudar a compreender os significados que os sujeitos atribuem a experiência religiosa no processo do desuso de substâncias psicoativas. Esta pesquisa será exploratória qualitativa. Os sujeitos serão 15 escolhidos de modo intencional do sexo masculino, adultos. O local será na instituição que trabalha com atenção recuperação de usuários de substância psicoativa de Manaus. Os instrumentos de coleta que serão utilizados são a observação, o diário de campo, a entrevista sememi estruturada. Nos procedimentos éticos serão apresentados a carta de anuência a instituição e ao sujeito o termo de consentimento Livre e esclarecido resguardando os direitos dos sujeitos. Acreditamos que a pesquisa poderá ser de grande importância para todos os que lidam com sujeitos na superação do desuso substâncias psicoativas, ao considerarem como parte do seu programa a dimensão religiosa dos sujeitos e uma outra contribuição é na construção do conhecimento da psicologia a partir dos novos elementos

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

CEP: 69.057-070

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-5130

Fax: (92)3305-5130

E-mail: cep@ufam.edu.br



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
DO AMAZONAS - FUA (UFAM)



Continuação do Parecer: 482.521

que emergiram desta pesquisa.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender a relação da experiência religiosa com a superação do uso de substâncias psicoativas, segundo usuários egressos de uma instituição de atenção a dependentes químicos na cidade de Manaus.

Objetivo Secundário:

Conhecer como se configurava a relação do sujeito usuário com substâncias psicoativas utilizadas por este, antes de seu desuso (antes da recuperação); Conhecer como se configurava a relação dos sujeitos usuários de substâncias psicoativas com a experiência religiosa antes e durante sua passagem pela instituição onde buscou a sua recuperação; Apresentar os significados atribuídos da experiência religiosa na atual condição de vida dos sujeitos após sua passagem pela instituição onde buscou ajuda para a sua recuperação; Descrever os grupos, sistemas, redes sociais que o sujeito se relaciona antes, durante e depois da superação dos desusos de substâncias psicoativas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Para lidar com a iminência do risco, o pesquisador se dispõe de preparo na área poderá fazer um atendimento imediato, dado que possui formação compatível para a contenção demandada, bem como possui experiência clínica no atendimento a pessoas com problemáticas relacionadas ao tema de investigação.

Benefícios:

Acreditamos que essa pesquisa poderá ser de grande importância para todos aqueles que lidam com o tratamento e recuperação de sujeitos envolvidos com substâncias psicoativas, ao considerarem como parte de seus programas ou abordagens, conteúdos religiosos realizados por estas e/ou a dimensão religiosa dos sujeitos. Por outro lado, outra contribuição, voltada para o âmbito da construção de conhecimento em Psicologia, é o desenvolvimento do tema em si, a partir dos elementos novos que possam emergir, ampliando o olhar da psicologia sobre a religiosidade e sua relação com o fenômeno do uso e desuso de substância psicoativa.

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

CEP: 69.057-070

UF: AM Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-5130

Fax: (92)3305-5130

E-mail: cep@ufam.edu.br



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
DO AMAZONAS - FUA (UFAM)



Continuação do Parecer: 482.521

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se da dissertação de ORLANDO GONÇALVES BARBOSA, aluno do Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, orientado pela profa. Dra. Claudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da Costa.

Esta pesquisa será exploratória qualitativa. Os sujeitos serão 15 escolhidos de modo intencional do sexo masculino, adultos. O local da pesquisa será instituição que trabalha com atenção recuperação de usuários de substância psicoativa de Manaus, FAZENDA DA ESPERANÇA. Os instrumentos de coleta que serão utilizados são a observação, o diário de campo, a entrevista semi- estruturada. A Teoria Sistêmica apresenta os elementos fundamentais para a análise dos dados que poderá gerar uma compreensão do fenômeno da experiência religiosa e o desuso de substância psicoativa. Os pressupostos fundamentais da Teoria Sistêmica que serão utilizados: complexidade, instabilidade, intersubjetividade, causalidade recursiva, unidade, homeostase, contexto, rede sociais, tempo e espaço (BOSCOLO; BERTRANDO, 2012; VASCONCELLOS; COELHO, 2006).

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- 1- Folha de rosto - Adequada , assinada pelo coordenador do Programa;
- 2- Termo de Concordância - apresentado;
- 3- TCLE - adequado ;
- 4- Instrumento de Coleta de dados - apresentado;
- 5- Critérios de inclusão e exclusão - apresentados;
- 6- Riscos e benefícios - adequados;
- 7- Cronograma - adequado;
- 8- Orçamento - adequado;

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O trabalho apresenta relevância científica e social, o pesquisador atendeu as pendências solicitadas. Portanto, somos de parecer favorável a sua aprovação.

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

CEP: 69.057-070

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-5130

Fax: (92)3305-5130

E-mail: cep@ufam.edu.br